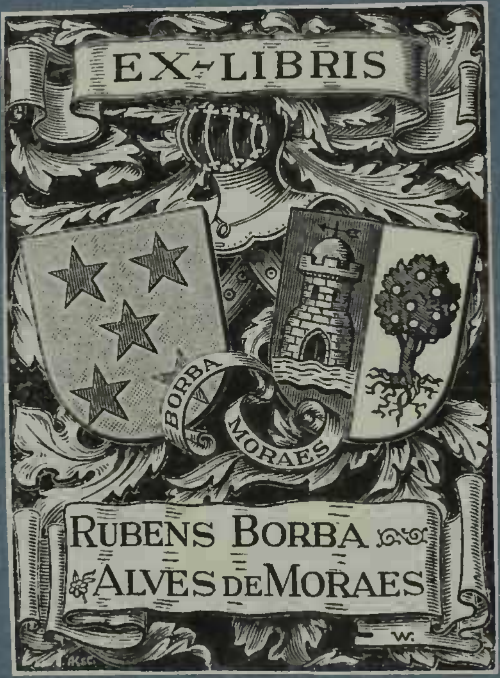

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES
W.

TIL

J. DE ALENCAR

TIL

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

RIO DE JANEIRO
EDITOR PROPRIETARIO
B. L. GARNIER. — RUA DO OUVIDOR N. 69

1872

Typographia da—Republica—rua do Ouvidor n. 152

I

O CAPANGA

Eram dous, elle e ella, ambos na flôr da belleza e da mocidade.

O viço da saude rebentava-lhes no encarnado das faces, mais avelludadas que a assucena escarlate recem aberta alli com os orvalhos da noite. No fresco sorriso dos labios, como nos olhos límpidos e brilhantes, brotava-lhes a seiva d'alma.

Ella, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa, saltitava sobre a relva, garrula e

scintillante do prazer de pular e correr; saciando-se na delicia ineffavel de se diffundir pela creação, e sentir-se flôr no regaço daquella natureza luxuriante.

Elle, alto, agil, de talhe robusto e bem conformado, calcando o chão sob o grosseiro socco da bota com a bizarria de um principe que pisa as ricas alfombras, seguia de perto a gentil companheira, que folgava pelo campo, a volutear e fazendo-lhe mil negaças, como a borboleta que zomba dos esforços inuteis da criança para a colher.

Caminhavam por uma rechan, bordada de ilhas de matto, que emergiam aqui e alli do verde gramado. Pela ramagem frondente das arvores e renovos que abrolhavam, percebia-se a proximidade de um grande manancial; e entre as crepitações da brisa nas folhas, como

um tom opaco desse harpejo da solidão, ouvia-se o murmure soturno do Piracicaba, que leva ao Tieté o tributo caudal de suas aguas.

Sete horas da manhã haviam de ser. A luz de um sol esplendido fluia no ether, que a trovoada da vespera tinha acendrado. O ceo arreiava-se do azul diaphano onde a phantasia se embebe com a voluptuosidade casta da criança a conchegar-se dentro, tão dentro do gremio materno.

Bem longe do ceo, porém, e bem presos á terra andavam os olhos dos nossos dous amiguinhos, que nem haviam reparado siquer na limpidez da atmosphera. Ainda estavam na sazão feliz, em que se respira o ceo, como o ar da vida, e o aroma do campo, quasi sem o sentir.

A's flôres, que a noite desbrochára ; aos

fructos silvestres que enfeitavam a copa das arvores; aos passarinhos que trinavam embalando-se nas franças dos coqueiros; ao que era da terra e bem da terra, iam os impulsos desses jovens corações, quando não se volviam um para o outro, a reverem-se entre si.

O ceo, essa immensa téla azul, que foi cupola de um berço, o da luz, e será mais tarde veo de um leito, o da vida; a alma só o procura, só o contempla, quando a dor a prostra. Mas para aquella que sorri e folga, o firmamento é uma terra por descobrir, e debuxa-se vagamente na imaginação, como a *montanha azul* des e valle de lagrymas.

Alguma vez deixava o rapaz de segui com o passo a menina, para acompanhá-la com a vista. De braços cruzados sobre a coronha da clavina de caça, fitava os

grandes olhos pardos com tal possança d'alma, que mais parecia absorver e entranhar em si o gracioso vulto, do que enlevar-se em sua contemplação.

Acaso, em uma dessas occasiões, voltou-se de chofre a menina para ver onde lhe ficára o companheiro e deu com elle a fitá-la daquelle modo estranho.

— Que me está olhando ahi? Nunca me viu? exclamou com sorpreza, mas travada sempre da petulancia que animava-lhe todos os movimentos.

— Não era para você! respondeu rapido o moço, abaixando a cabeça de modo a occultar o rubor que lhe affogueava o rosto.

Para confirmar o disfarce, armou a clavina e fez pontaria a um cardeal que se embalava no tope de uma palmeira.

— Miguel!...

Esta subita exclamação rompeu dos

labios da menina, tremula de susto, a cobrir com as mãos pequeninas as conchinhas das orelhas para não ouvir o ribombo do tiro.

Riu-se o rapaz e abaixou a arma :

— Dengosa !

— Deixe ! replicou ella com um amuo.

E deitou de novo a correr, já esquecida do susto, espenejando-se com a mesma alegria, que não se estancava nunca, e alguma vez repreza, borbulhava depois com força maior.

De repente parou ; immovel, quasi estatica, uma lividez mortal jaspeou-lhe as feições, emquanto os olhos se pasmavam em um ponto além.

A' orla do matto assomára o vulto de um homem de grande estatura e vigorosa compleição, vestido com uma camisola de baeta preta, que lhe cahia sobre as

calças de algodão riscado. Apertava-lhe a cintura, rija e larga faixa do couro mosqueado do cascavel, onde via-se atravessada a longa faca de ponta com bainha de sola e cabo de osso grosseiramente lavrado.

Em uma das bandoleiras trazia o polvarinho e munição; na outra suspendia um bacamarte, cuja bocca negra e sinistra apparecia-lhe na altura do joelho esquerdo, como a fauce de um dragão que lhe servisse de rafeiro.

As mangas da camiza, tinha-as enroladas até o cotovello, bem como a parte inferior das calças que arregaçava cerca de um palmo. Uzava de alpargatas de couro crú, e chapeo mineiro afunilado, cuja aba larga e abatida occultava-lhe grande parte da physiognomia.

Vinha elle em direcção obliqua ao cami-

nho dos dous jovens, e mal avistou a menina, logo desviou-se do rumo que levava no intuito de evitá-la; mas achando-se porisso fronteiro com Miguel, escapou-lhe um gesto de contrariedade, e tomou o partido de parar á espera que os outros se fossem, deixando-lhe passagem livre.

De seu lado estremecêra o rapaz ao dar com os olhos no homem da camisola, e tal foi a commoção produzida pelo encontro. que derramou-lhe no semblante a expressão de um asco mixto de horror, arrancando-lhe involuntariamente dos labios esta exclamação.

— Jão Fera!...

Não se abalou o mal encarado subjeito; e Miguel, corrido do primeiro assomo de terror, que lhe embotava os brios de valente e galhardo. reagia com uma travessura de rapaz.

Levou ao rosto a espingarda fingindo armá-la, e apontou para o outro.

— Atira! disse aquelle com a voz arrastada e indolente.

E promovendo um passo, appresentou com desgarro o peito á mira da espingarda de Miguel, que já arrependido do gracejo, abaixava a arma.

— Pois olhe! tornou o homem da camisola com a mesma voz de arrasto. Fazia um bem a mim... e a outros!

— Porque, Jão?

Fora da menina esta pergunta. Collocada além de Miguel não vira a menção do tiro, feita de brinquedo por este, e só voltou-se e comprehendeu o que passára, ao ouvir as ultimas palavras.

— Esta vida me cança! respondeu Jão com um arqueijo.

— Estás com saudade da forca? re-

torquiu Miguel com chasco de desprezo.

Ouviu-se um fungar, como o das narinas da onça, quando bufa, e arripia ao mais bravo caçador, que sente lhe estar ella tomando faro ao sangue tepido. De um pulo achou-se o facinora a rosto com o rapaz, que armára intrepidamente a espingarda, preparado a morrer com denodo.

II

NA TRONQUEIRA

Atalhou a menina o impeto a Jão, arrojando-se lhe em frente, e cobrindo com o talhe delgado o corpo de Miguel. Seu olhar scintillante trespassou o olhar fero do capanga como a lamina de um estylete cravando uma couraça

— Vae embora! disse ella com imperio; e a voz parecia ranger-lhe nos labios pallidos.

Foi a pupilla inflammada e sanguinaria do assassino, a que abateu-se.

Recolhendo o passo, quedou-se um instante perplexo, absorto por uma luta que se renhia dentro, procella a subverter o pelago insondavel dessa consciencia.

Rompeu-lhe do seio uma sublevação contra o poder mysterioso e incomprehensivel, que lhe agrilhoava com um fio de cabello as pujanças terriveis do coração, até ahi indomavel e sedento como a sanha do tigre.

Levantou os olhos carregados de cholera:

— Já! impôz-lhe a menina, que presentira a reacção, e, como da primeira vez, a retalhava com o gume de seu olhar.

Ainda hesitou o facinora; mas afinal,

vencido por ignoto poder, curvou a cabeça, e de um arranco visivel affastou-se vagarosamente com um passo tão pesado qne lhe custava a arrancar do chão a palma do pé. Duas ou tres vezes, antes de encobrir-se na alta capoeira, voltou a cabeça;mas encontrava os olhos scintillantes da menina ; e, apezar do grande esforço, vergava ante a inflexivel repulsa.

— Foi-se ! disse Miguel.

O rapaz assistira immovel á rapida scena, partido entre o pensamento da defeza, e a admiração pela coragem da linda companheira, que affrontava-se com o terrivel facinora.

Vendo este sumir-se no matto, escapara-lhe dos labios aquella exclamação de sorpreza e acompanhou-a logo um gesto, que não era de vã ameaça, mas de firme resolução.

— Algum dia nos havemos de encontrar!

— Que lhe fez elle? perguntou a menina a rir.

Em seu lindo semblante já não restavam traços da commoção que nella produzira a scena anterior. Como a onda crystalina, que turva um instante a aza negra da borrasca, e logo apoz reflecte a bonança do céu, era seu olhar sereno e meigo.

Ninguem diria que nesse corpo mimoso dormia a alma que se revelára poucos momentos antes, e paracia espedaçar o fragil e delicado involucro; nympha celeste a romper a argilla de sua formosa chrysalida.

— Que me fez, Inhá? repetiu Miguel sorprezo da pergunta.

— Foi você quem buliu com elle, que ia seu caminho bem descançado.

— Para a tocaia !

— De quem ? interrogou a menina assustada.

— Sei lá ! Quando o bugre sahe da furna é mau signal ; vem ao faro do sangue como a onça. Não foi debalde que lhe deram o nome que tem. E faz garbo disso !

— Então você cuida que elle anda atraz de alguem ?

— Sou capaz de apostar. E' uma cousa que toda a gente sabe. Onde se encontra Jão Fera ou houve morte ou não tarda.

Estremeceu Inhá com um ligeiro arrepio, e volvendo em torno a vista inquieta, approximou-se do companheiro para fallar-lhe em voz submissa.

— Mas eu tenho-o encontrado tantas vezes, aqui perto, quando vou á casa de Zana, e não appareceu nenhuma desgraça.

— E' que anda farejando, ou sinão deram-lhe no rastro e estão-lhe na colla.

— Coitado ! Si o prendem !

— Ora qual. Dansará um bocadinho na corda !

— Você não tem pena ?

— De um malvado, Inhá !

— Pois eu tenho!

— Ah ! Você falla com o bugre e até manda nelle, como si fosse um negro captivo.

— Pois então !

— Mas porque é que este demonio que não faz caso de ninguem, e até mata as creanças, soffre tudo de Inhá, como ainda á pouco ? Porque é ?

— Não sei, Miguel ! disse a menina com ingenuidade.

— Estou vendo que você tem algum patuá, como dizem as pretas da fazenda.

— E tenho mesmo! Olhe! aqui está! exclamou a menina a rir-se, mostrando um bentinho que tirou do seio, onde o trazia com uma cruz, prezo a um cordão de ouro.

— Então é encanto; não ha duvida, replicou Miguel sorrindo.

— E eu digo que não.

— Ora, todos sabem!

— Ninguem sabe, nem eu mesma, só Deus; mas eu cuido uma cousa.

— O que?

— E' porque eu não tenho medo delle.

— Qual!...

— Nenhum; nenhum!

— Mas você ficou mais branca do que uma cêra, que eu bem vi.

— De raiva só! respondeu a menina com expressão.

Tinham os dous companheiros chegado

ao logar, onde a vereda que seguiam atravessava um carreador (*). Perto dalli ficava a tronqueira de bater (**), a qual dava entrada ás terras de uma fazenda, cercadas pelo fosso largo e profundo, que serve para resguardar a cultura contra o gado damninho.

Inhá, que de uma corrida alcançára a tronqueira, subiu de salto pelas travessas, como faria si fossem os degráus de uma escada, e sentou-se na ultima bem concha de si. Levantando então a aldraba de ferro, e empurrando com o pé a cancella, começou a balançar-se com um prazer infantil.

Parado em meio do caminho ficára Miguel contemplando-a com uma ex-

(*) Caminho de carro.

(**) Que se fecha por si.

pressão de contrariedade. Parecia affligir-se de vêr sua graciosa companheira fazer-se creança, e trocar pelas affoutezas de um traquinas as scintillantes vivacidades da mocinha faceira.

Sentia elle dentro em si uma ancia incomprehensivel, qual tem-na o artista olhando o tóro de marmore de que seu cinzel vae crear uma estatua. Mas essa, que lhe vive e palpita n'alma, ainda o marmore não a recebeu, e quem sabe si poderá elle nunca moldá-la como a desenhou a imaginação.

Tal era Miguel ante aquelle esboço da mulher que sonhava e, já alguma vez, entrevira em realidade, mas como uma luz ephemera, quasi instantanea, bruxoleando entre as scismas de seus passeios solitarios pelos campos. Os mesmos impetos do artista, cortados pelo desanimo,

tinha-os elle nos momentos em que via, como agora, transformar se de repente a fada gentil de seus sonhos em um capetinha de mil peccados.

Sua alma refrangia-se, ferida pela decepção; e por isso, desviando a vista da menina, atravessou o carreador e trilhou a vereda que embrenhava-se pela matta fechada, á pequena distancia dahi.

— Pscio!... Onde vae? perguntou Inhá sorpreza.

Miguel parou.

— Já se esqueceu do caminho? continuou ella a rir. E' por aqui!

— O meu não! respondeu o rapaz.

E partiu.

Nesse momento sôou á distancia um agudo assobio, e Inhá viu resvallar entre a folhagem, á orla da matta, um vulto que lhe pareceu Jão Féra.

III

ELLA

A embalançar-se na tronqueira, Inhá seguia com os olhos o rapaz que affastava-se.

Miguel tinha razão. Tão ardilosa era a expressão do rostinho da menina, e tão brejeiro seu olhar, que a transfiguravam completamente. Quem assim a visse, julgaria ter deante de si, a chasqueá-lo, o tregeito garoto de um caipirinha.

Para essa illusão muito concorriam o typo e o traje da moça.

Era ella de pequena estatura e tão delgada e flexivel no talhe, que dobrava-se como o junco da varze. As fórmas da graciosa pubescencia, que um corpinho justo debuxaria em doce e palpitante relevo; as dissimulava o frouxo córte de uma jaqueta de flanella escarlate com mangas compridas, e desabotoada sobre um camisote liso, cujos largos collarinhos se rebatiam sobre os hombros, á feição dos que usavam então os meninos de eschola.

Servia-lhe de toucado um chapéu de palha de coco trançada, sob o qual escondia os lindos cabellos negros cacheados, que ás vezes, com os saltos, escapavam da prisão e vinham folgar sobre as espaduas. Calçava grossos cothurnos de couro de veado, mas tão altos que mais pare-

ciam botas; e comparando com as de Miguel, se diriam irmãs na forma, a não ser o tamanho, onde aliás afogava-se o pesinho buliçoso.

Ainda assim não estava Inhá contente, pois mettiam-lhe inveja o palla e as calças de brim do companheiro; mas sobretudo a clavina de caça que elle trazia ao hombro.

Para tê-la, e carregá-la assim, dera ella naquelle momento sem hesitar as soberbas tranças de seus longos cabellos, que lhe estavam mettendo figas, e zombando das suas pretenções a rapaz.

Si a estreita saia de chita dava a esse vestuario um traço feminino, accusando um contorno harmonioso, porisso mesmo ella em seus momentos de lucta com a natureza parecia caprichar em destruir aquelle vestigio de seu sexo. Os pulos que

soltava, a firmeza de seu passo gentil que ella de proposito fazia rijo, imprimiam com effeito certa aspereza e nervura a seus movimentos sempre encantadores, apezar de tudo.

Os grandes olhos, negros, claros e serenos, como um lago crystalino immerso na sombra, não podiam negar que fossem de mulher : tinham a diaphana profundidade do céu, cheia de enlevos e mysterios.

A bocca mimosa e breve, conhecia-se que fôra vasada no molde do beijo e do sorriso. Mas quando o brinco illuminava essa physiognomia, e o capricho quebrava-lhe a harmonia das linhas do suave perfil, era um cobrir-se com a mascara do rapazinho estouvado, que ella teria sido sem duvida, si a natureza não lhe trocasse o destino.

Nesse prisma da lindeza de Inhá reflecte-se a sua indole. Aquella alma tem facetas como o diamante; iria-se e accende uma côr ou outra, conforme o raio de luz que a fere.

Contradicção viva, seu genio é o ser e o não ser. Busquem nella a graça da moça e encontrarão o estouvamento do menino; porém mal se apercebam da illusão, que já a imagem da mulher despontará em toda sua esplendida fascinação. A antithese banal do *anjo-demonio* torna-se realidade nella, em quem se cambiam no sorriso ou no olhar a serenidade celeste com os fulvos lampejos da paixão, á semelhança do firmamento onde ao radiante matiz da aurora succedem os fulgores sinistros da procella.

Cheia de caricias e gentilezas no principio do passeio, fechára de repente a

flôr de sua graça e envolvêra-se naquelles ares zombeteiros, que pungiam como espinhos o coração de Miguel. Poucos momentos antes, estremecêra de susto vendo armar-se uma espingarda para atirar a um passarinho; e logo apoz arrostára sem hesitar a sanha de um assassino feroz, cujo senho incutia pavor aos mais intrepidos.

E assim é tudo nella; de contraste em contraste, mudando a cada instante, sua existencia tem a constancia da volubilidade. Na vaga fluctuação dessa alma, como no seio da onda,se desenha o mundo que a cerca; a sombra apaga a luz · uma fórma desvanece a outra; ella é a imagem de tudo, menos de si propria.

Teria o rapaz dado vinte passos quando a menina o chamou, mas com ar de remoque:

— Escute!... Nhô Miguel, ora escute!

Como não a attendesse o companheiro, que se fingia ou estava de veras zangado, Inhá saltou da tronqueira, e alcançando o rebelde de uma corrida, tomou-lhe o caminho.

— Onde vae?

— Caçar.

— Depois; agora vamos á fazenda.

— Eu não! disse Miguel promptamente.

— Que pirraça é esta?

— Não tenho que fazer lá.

— Mas tenho eu.

— Todos os dias? perguntou Miguel fitando nella um olhar perscrutador.

— Si eu gosto!

Essa ingenua confissão, fê-la a menina com um gesto encantador, rasgando os grandes olhos puros e brandos, como si

abrisse os seios d'alma ao pensamento suspeitoso do companheiro. Foi o olhar deste que abaixou-se encandeado e cégo com a reverberação; e o rubor queimou-lhe as faces, emquanto a menina banhava-se em um sorriso de canduras.

— Pois vá só! replicou o rapaz virando.

— Para Linda agastar-se comigo?

— Não tenha susto.

— Você é um ingrato, nhô Miguel: não paga o bem que lhe querem.

— Deixe-se desses brinquedos, Inhá. E' por isso mesmo que eu não vou mais á fazenda, e tambem para... não vêr certas cousas.

— O quê?... Mecê, diga; por favor! accodiu a menina para bolir com o rapaz.

— Cuida que eu não reparo como Affonso brinca tanto com mecê?

— *Mecê*, hem?...

— Que me importa? Hei de dizer *mecê*.

— Não ha de, não senhor!

— Está disfarçando! Não quer que se falle dos segredinhos com o Affonso?

— E faz mal isso? perguntou a menina com sincera sorpreza.

Augmentou-se o vexame de Miguel, que mordia os beiços com desejo de soltar uma palavra, e se continha pelo receio do desagrado da menina.

— Mas não vê que Affonso gosta de você.

— Estimo bem! disse Inhá dando uma pirueta.

— Então?...

— Acabe!

— Então Inhá tambem gosta delle?

— Tambem!

— Ah!

— Tanto como de você, nhô Miguel!

— Muito obrigado! retorquiu Miguel com um modo secco.

— Por isso agora ficou ahi todo amuado?

— Até logo; já me vou.

— Não vae, que eu não quero! exclamou a menina com despeito, e impedindo-lhe o passo.

— Então voltemos para a casa.

Inhá approximou-se do companheiro, e o envolveu de um olhar carinhoso.

— Olhe! si você não vier, Linda fica triste, coitadinha tão bonita, com aquelles olhos tão ternos, que ella tem, de pomba rola; e aquelle rostinho de redoma, que é mesmo uma sancta, quando se ri no ceu. Venha eu lhe peço, meu bom Miguel.

Fascinado estava o Miguel, mas não pela imagem que lhe descrevia Inhá, sinão pelo original que tinha deante de

si, e o embebia na meiguice de seu olhar, e na ternura de seu carinho.

— Mas eu não gosto della: balbuciou o moço.

— Pois não falle mais commigo; disse a menina affastando-se arrufada.

— Escute, Inhá!

— Vem?

O rapaz hesitava.

— Você promette...?

— Não prometto nada.

— Si Affonso quizer brincar com você...

— Eu hei de brincar com elle, muito, muito, muito!

Cada um destes adverbios, a menina o accentuou batendo com o tacão no chão.

— Então não vou!

— Não venha! quem lhe pede?

Caminhou ella direito á tronqueira; e entrou na fazenda.

IV

MONJOLO

Cerca de uma legua abaixo da confluencia do Atibaia com o Piracicaba, e á margem deste ultimo rio, estava situada a fazenda das Palmas.

Ficava no seio de uma bella floresta virgem, porventura a mais vasta e frondosa, das que então contava a provincia de S. Paulo, e foram convertidas a ferro e fogo em campos de cultura. Daquella que borda as margens do Piracicaba, e

vae morrer nos campos de Ipú, ainda restam grandes mattas, cortadas de roças e cafezaes. Mas difficilmente se encontram já aquelles gigantes da selva brazileira, cujos troncos enormes deram as grandes canôas, que serviram á exploração de Matto-Grosso (*).

Dahi partiam pelo caminho d'agua as expedições que os arrojados paulistas levavam ás regiões desconhecidas do Cuyabá, descortinando o deserto, e rasgando as entranhas da terra virgem, para arrancar-lhe as fezes, que o mundo chama ouro, e communga como a verdadeira hostia.

No anno de 1846 era de recente fundação a fazenda das Palmas, que Luiz

(*) Mediam essas canôas, segundo Ayres do Casal, 80 palmos de comprimento, 7 1/2 de largura, e 5 de altura. C. I, 174.

Galvão, seu proprietario, recebêra de herança paterna, ainda nas condições de simples situação, com um velho casebre de caipira, dous cafezaes e alguma pouca roça.

Tinha Luiz Galvão o genio emprehendedor e gosto para a lavoura; casando com a filha de um capitalista de Campinas, que lhe trouxe em dote algumas dezenas de contos de réis, além do credito, pôde elle, dando alas á sua actividade, fundar uma importante fazenda, que a muitos respeitos servia de norma e eschola ao agricultor brazileiro.

Ao passo que se ia adeantando a lavra das terras, erguia-se na chapada fronteira ao rio uma bella casa de morada em dous lances abarracados, com um pequeno mirante no centro, sobreposto á larga portada; esta abria para o patamal, ladri-

lhado, de uma pequena escada de seis degraus, que descia ao terreiro.

Formava o edificio uma face da vasta quadra, onde se foram levantando successivamente casas para o administrador e feitores, senzalas para os escravos, o engenho de canna, a fabrica do café, tulhas de feijão e milho, além de outros accessorios do grande estabelecimento rural, que veio a tornar-se depois a fazenda das Palmas.

Do terreiro da casa partia o caminho principal da fazenda, que se estendia pelo espigão da collina e bifurcava-se de espaço a espaço para serventia das varias geiras da lavoura. O ramo principal, fugindo os alagados, e descrevendo uma grande curva, ia entroncar-se, á meia legua de Sancta Barbara, na estrada geral de Constituição a Campinas.

No ponto em que esse carreador transpunha o vallado principal da fazenda, ahi fechado tambem por uma tronqueira, um cavalleiro embuçado, occulto no carrasco, levou ambas as mãos á bocca e imitou o canto do coriáo, soltando um apito longo e cheio; o mesmo que ouvira Inhá.

Immediatamente, o proximo cannavial ondulou, e surdiu na ourela um negro moço, com o corpo nú até a cintura, e a camisa atada aos quadris á guisa de tanga. Os lanhos das faces indicavam a casta monjola do africano, em cujo rosto se desenhava a astucia do gambá, e alguma cousa do focinho desse animal.

— Quem és tu? perguntou o cavalleiro vendo o negro dirigir-se a elle.

— Monjolo, meu branco. Faustino mandou dizer a senhor que tudo se arranjou como elle prometteu.

— Mas porque não veiu elle mesmo?

— Pois branco não vê que elle está lá em casa occupado!

— Pedaço d'um tractante.

— Gente desconfia; então essa cambada de pages e creoulos, que é mesmo da pelle do cão.

— O patife quer trapacear!

— Branco está de orelha em pé; pois olha, Monjolo é negro de bem; quando elle dá sua palavra e aperta dedo mindinho, está acabado, é como rabo de macaco: quebra, mas não solta galho, por nada desta vida, nem que arrebente.

— Anda lá, bruto, desembucha d'uma vez o recado, que não estou para aturar-te.

— Iche!... disse o preto fazendo um momo de pouco caso.

— Fallas ou não!

— Que é que senhor quer saber?

— O diabo sempre vae hoje á villa?

— Vae, meu branco; o diabo vae, mas não é capaz de cahir no inferno, não!

— Alguem o ha de empurrar. A que horas sahe elle da fazenda? E' mesmo demanhã?

— Não tarda. Cavallo já está sellado; capanga só vae um, mofino como quê! os outros, Faustino arranjou, como branco sabe.

— Então só leva duas pessoas?

— Duas só, sim senhor. Page e capanga.

— Está bom; toma lá, para o pito, disse o cavalleiro atirando-lhe um pataco de prata. Agora vê si vaes dar com a lingua nos dentes.

— Eh!... Monjolo mesmo!... Branco não conhece este negrinho da carepa, não!

Já não o ouviu o embuçado que, dando redeas ao animal, affastou-se na direcção da estrada geral.

Era accidentado o terreno, que atravessava esse caminho, cortado no massiço de uma matta virgem, tão exhuberante, que todos os annos fechava com os renovos da vegetação a picada aberta no hinverno. O solo ahi,como em toda a cercania,cobre-se de uma crosta da argilla roxa, afamada na provincia por sua espantosa fertilidade. Em verdade, quando se deixa Campinas, e a pata dos animaes começa a triturar essa terra ferruginosa,tão facil de converter-se em pó subtilissimo, como em profundo tremedal; a natureza muda de aspecto; arreia-se de galas, e aos campos tão monotonos, embora celebres, de Piratininga, succedem os bosques frondosos de Piracicaba.

Não obstante ser o caminho em toda a sua extensão, desde a extrema da fazenda, coberto e sombrio, havia comtudo um logar, cujo torvo aspecto correspondia ao terror supersticioso que inspirava e á sinistra reputação que adquirira.

Pouco além da intersecção de outra picada, colleava o caminho algum tempo entre marachões cobertos de arvoredo, e por fim mettendo-se pela garganta de um rochedo escabroso, descia em zig-zags para remontar a opposta rampa de profunda grota. Como si não bastasse essa conformação cavernosa do terreno, a vegetação nutrida pelo humus vigoroso que as ènxurradas depositavam nesses barrocaes, exhuberava sua maior pujança, e frondeava as arvores seculares, embastindo as sebes de verdura que ves-

tiam os grossos troncos, e lastravam pelos penhascos.

Da gente da visinhança era conhecido aquelle logar por *Ave-Maria*, talvez de não passar alguem alli, sem romper-lhe dos labios tremulos aquella imprecação de susto. Nem sempre fôra com efficacia invocada a divina padroeira, pois a tradição conservava o nome das victimas, que ahi haviam succumbido.

Nenhum sitio em verdade se encontrára tão azado para uma emboscada. Alli occulto, um sicario conseguiria a salvo dar conta de uma comitiva, sem que os companheiros se pudessem mutuamente defender, nem mesmo aperceber-se da sorte que os aguardava, tal era a estreiteza do sinuoso desfiladeiro.

Dizia a gente do logar que ouvia-se na azinhaga funesta um incessante ge-

mido de agonia; e não faltava quem o attribuisse ás almas penadas dos infelizes que ahi se finavam insepultos e devorados pelos urubús.

V

A TOCAIA

Ao sumir-se na espessura, Jão Féra voltou o rosto e por entre a basta ramagem esteve a contemplar o vulto esbelto da menina.

Ao passo que se engolphava nessa fascinação, ia-se operando a transfiguração completa de sua physiognomia.

O perfil adunco e chanfrado, que revestia a belleza feroz e sinistra do abutre, embotou a rispidez, saturando-se de uma

bruteza alvar. Entumeceram-se as faces, pouco antes crispadas pela cerração habitual das maxillas e tomou a tez um tom fouveiro, indicio da ebulição do sangue a ferver-lhe em bolhas no coração.

As fulvas pupillas que se encovavam pelas temporas, como tigres nas furnas, saltaram das orbitas, dilatadas por um fluido espesso que tinha a phosphorecencia felina. De ordinario avincava-lhe a fronte uma ruga saliente, que depois de fender-lhe o sobrolho, partia-se em duas plicas profundas como gilvazes, a lhe cortarem o rosto. A temulencia da paixão injectando os musculos, e insuflando as narinas, apagou todos aquelles surcos rasgados pela sanha; e até os labios sempre cosidos á feição de uma cicatriz, agora turgidos arregaçavam, mostrando pela estreita commissura os dentes agudos.

Assim o aspecto do homem ralado por uma sede intensa ou calcinado pela chamma violenta que ardia interiormente, afinal tomára a physiognomia da sensualidade brutal, onde como na brama do tigre ressumbrava a ferocidade do amor.

Occulto no matto, foi o capanga, qual ao arrasto de uma cadeia, seguindo machinalmente Inhá, através do campo. Muitas vezes, na absorpção em que ia, mostrou-se a descoberto, não o tendo percebido os dous companheiros, por estarem com a attenção presa na conversa.

Quando, porém, a menina sentou-se na tronqueira, voltada para o lado donde viera, aconteceu vê-lo na occasião de atravessar a nesga de campina, que separava dous bosques. Turbado com aquelle accidente, irritado por se ter mostrado naquelle instante, Jão Féra rompeu o

encanto da fascinação que o atava, e embrenhou-se na floresta.

Era justamente a ponto, que ao longe estrugira o assobio do coriáo, repercutindo pelos recessos da matta e algares das barrancas.

Estugando o passo, chegou o capanga á brenha cerrada, que ensombrava a azinhaga da *Ave-Maria.* Alli encostado ao tronco de uma arvore, com os braços cruzados e a cabeça fincada ao peito, submergiu-se nas profundezas daquella alma, que devia ter cavernas tremendas e insondaveis abysmos.

— Amanhã quando souber, pensará que fui eu !....

Murmurando estas palavras, uma expressão de angustia derramou-se pelo semblante do facinora,que se confrangeu, como si uma tenaz lhe estivesse a tri-

turar o coração. Que medonha era a dôr nessa natureza sanguinaria, que se apascentava de cruezas e homicidios!... O eu humano é como sua besta: manso, quando frugal; rabido, si o fazem carnivoro; porisso em cada sentimento ha o transumpto da historia de nossa alma.

Naquelle momento Jão Féra soffria a summa de todos os soffrimentos que derramára em seu caminho; de todas as ancias, que sua mão levantára. Tudo nesse homem, a dôr, como a alegria, a raiva como o amor, a gula como a embriaguez, revestia a natureza da féra; tinha fauce para devorar, e garras que lhe dilaceravam o chão da alma, como a pata da sussuarana escarva a terra no arremessar do pulo.

Durou rapido tracto essa agonia moral; e não podia prolongar-se que o rijo cora-

ção, vaso fragil para contê-la, embora acrisolado ao fogo das paixões tempestuosas, ia estalar.

Abalou-se o corpo vigoroso com um forte calafrio, que sacudiu-lhe a terrivel obsessão; e o facinora surgiu outra vez audaz e ameaçador. Rebatendo o chapéu com um revez da mão, descobriu a fronte rija e alta, que se escalvava entre uma floresta de cabellos negros. Outra vez se descarnou a sua physiognomia com a expresão dura, rispida, e incisiva que lhe dava a apparencia de um perfil talhado em gume de aço.

— E' sina! proferiu no tom implacavel do fanatismo.

Com pouco reboou nas barrocas da azinhaga o tropel de um cavallo. Jão Féra acostumado a distinguir nos rumores da matta as varias notas que formavam a

surdina da floresta, inclinou o ouvido á escuta. Não se enganára ; o animal vinha naquella direcção e approximava-se rapidamente.

Galgando então pelos socalcos do penhasco, com o apoio de uma grossa enrediça do imbê, que descia dos galhos de um procero jequitibá, alcançou o tope do rochedo, donde se descortinava entre o rendado das folhas uma volta do caminho.

Não tardou que apontasse alli, para sumir-se logo na curva da estrada, um cavalleiro.

Era o mesmo rebuçado que fallava pouco antes com Monjolo. Orçava pelos cincoenta annos ; barroso da cara que lhe cobria uma barba ruiva e aspera como as cerdas da capivara ; de mediana estatura e excessivamente magro ; vinha trajado

a.) uso da terra : chapéu mineiro de feltro pardo, sob o qual via-se o lenço de Alcobaça que lhe servia de rebuço; ponche de panno azul forrado de baetilha, com a gola de belbute levantada ; botas de bezerro armadas de chilenas de prata.

Os labios do capanga, onde fluctuava um sorriso de desprezo, contrahiram-se logo, e arrojou-se o corpo á frente para não desprender a vista assanhada do cavalleiro, que sumira-se na curva do caminho. Desceu rapido ao rez da azinhaga, por onde breve metteu-se o desconhecido.

Mal que assomou este no alto da rampa, a pupilla injectada do capanga cravou-se-lhe no semblante, e o attrahia como a garra do abutre; a par, os dedos da mão direita affagavam com certa volupia feroce o longo cabo da faca, passada á cinta, e já a meio fóra da bainha.

Não parecia o rebuçado muito senhor de si e tranquillo de animo; pois lançava a um e outro lado olhos inquietos e investigadores, á feição de quem temia e perscrutava algum perigo occulto naquellas brenhas que o cercavam. Alguma vez hesitou, como incerto da resolução que devia tomar; olhou para traz, ou enfrestou pela vereda que serpejava deante delle vistas impacientes. Dir-se-hia que vacillava, entre continuar e retroceder; ou quiçá julgava-se transviado, e procurava affirmar-se no caminho para elle desconhecido.

De chofre empinou-se o cavallo, arremessando o homem sobre a escarpa da barranca, donde rolou ao trilho, como um corpo inerte.

VI

O EMPENHO

O capanga abatêra um olhar de nojo para o cavalleiro que lhe veio rolar aos pés.

A faca brandida com força vibrava ainda no tronco do jequitibá, onde cravára a cabeça de um urutú, que estorcia-se de furia e dor.

Fôra a negra serpente que espantára o animal, quando inristou-se como uma lança, fincando a cauda, e chofrando o

bote. Advertido pelo faro, antes de ver altear-se o negro collo, o cavallo rodára sobre os pés; e a cobra ameaçada pelos cascos elou-se ao tronco, onde a alcançára a mão certeira de Jão Féra, que já tinha apunhado a faca.

Recobrando-se do atordoamento da quéda, ergueu-se o desconhecido, a apalpar o corpo um tanto pisado e a sacudir a roupa.

— Apre! resmungou elle. Escapei de boa.

O capanga lançou-lhe um sombrio esguardo:

— Desta vez escapou; disse elle com surda entonação.

Dirigiu-se ao tronco e arrancou a faca, depois de esmagar a cabeça do urutú.

— Que diabo é isso? perguntou o rebuçado.

— Não vê? retorquiu Jão limpando nas ramas a folha da faca.

— Agora penetro porque o diabo do ruço pinchou-me!

Cuidando então do cavallo que podia fugir-lhe, o desconhecido poz-lhe cerco, e com algum trabalho conseguiu colher as redeas: feito o que tornou ao logar, onde havia deixado o capanga.

Este o esperava impassivel, mas um tanto absorto.

— Como se chama o senhor? perguntou bruscamente ao cavalleiro.

— Oh homem, lembrou-se disso agora! tornou o outro um tanto ressabiado.

— Quando o senhor me procurou ha tempos para seu negocio, não me disse como se chamava.

— Porque não era preciso.

— Nem hontem quando me avisou

para estar aqui; proseguiu o capanga sem interromper-se. Mas agora ha de dizer: quero saber com quem tracto.

— Para que? Desde que a gente paga... Ou desconfia o senhor de mim?

— Ninguem me logra, disse Jão com um sorriso mostrando a faca. Tenho este fiador. O ponto é outro: só avenço com quem conheço.

— Pois não seja essa a duvida. Com os diabos; chamo-me Barroso!

— Nunca morou aqui em Sancta Barbara? Com essa interrogação ferrou o capanga olhar perscrutador no semblante do cavalleiro.

— Eu?... Que esperança!... De Sorocaba todo inteiro! E' a primeira vez que botei-me cá para estas bandas.

Isto, disse-o Barroso com segurança e desplante.

— E porque tem gana ao homem?

— Ora essa! Fez-me uma; e jurei que havia de pagar com usura.

— Historia de mulher? perguntou o capanga vibrando-lhe um olnar ardente.

— Quem se embaraça agora com saias? Não sou nenhum babão! Quer saber o que me fez o diabo? Teve o atrevimento de dizer em certa parte que, si lhe passasse a tronqueira da fazenda, mandava-me amarrar ao mourão por seus negros e surrar-me com um calabrote!

— Ah! elle disse isto?

— Com certeza; mas daqui a pouco vamos saldar as contas. Elle ahi vem; não tarda.

— Mas que escandalo teve o homem do senhor, para dizer isso!

— Essa maldicta politica! Si eu guer-

reei a chapa delle; eu cá sou do governo!... Mas escute. Arranjou-se tudo; o patife só traz um capanga e o pagem; por conseguinte desta vez não tem desculpa.

O capanga levantou os hombros com ar de indifferença.

— Já sei; vá andando.

— Posso ficar por aqui mesmo.

— Fique, mas já lhe aviso. Quando eu vejo vermelho, não conheço quem está perto de mim.

— Safa!... Neste caso vou por ahi afóra, até a venda do Chico Tinguá. Lá o espero, homem; e com o resto da chelpa. Duas onças, das sussuaranas, bem amarellinhas, ou tres canarios, á vontade do amigo, comtanto que desta feita acabe-se o negocio. Já o diabo podia ter comido muita terra, si cá o camarada fosse mais decidido.

A's ultimas palavras de Barroso, o capanga abaixou o olhar, e um repentino enleio atou aquella organisação robusta e audaz, que diffundia em torno de si a plenitude da sua pujança. Alguma fibra vital fôra dolorosamente pungida, que o confrangia, amortecendo o natural orgulho e arrojo do charater.

— Só tenho uma palavra, sr. Barroso! disse afinal com a voz firme e grave.

— Mas está custando a cumpri-la; confesse!...

Franziu-se ainda mais o sobrolho a Jão Fera, que mordeu os beiços a tirar sangue. Acabava de estrangular a jura, que a dextra já se preparava para cravar no corpo de quem ousava duvidar de sua palavra.

— Si da primeira vez em que o senhor me fallou na venda do Chico, tivesse logo

dito quem era o homem ; eu certo que não acceitava o ajuste, nem recebia os seus vinte patacões para tomar o empenho que tomei.

— Porque então ?

— Basta que eu saiba. Só depois é que me disse, quando eu já tinha gasto seu dinheiro. Esperava ganhar para lhe restituir ; e por isso ia deixando a cousa para mais tarde, pois o senhor ha de lembrar-se, que minha promessa foi dar conta do homem até S. João que vem cahir lá para a outra semana. Sou senhor de minha vontade, fazer hoje ou amanhã, quando me parecer, desde que naquelle dia minha palavra estiver cumprida. Ahi está a razão...

— Quem duvida que o camarada é um homem honrado ? Então eu não sei com quem lido ?

— Deixe-me acabar. Ahi está a razão de não ter eu dado conta ainda da sua obra. Queria vêr si me vinha alguma prata para livrar-me deste empenho. O senhor não vê differença em mim ?

— Alguma, para fallar a verdade.

— Pareço um tocador de tropa. Vendi o que tinha, e pouco era ; mas não ajunctei sinão estes magros cobres, que trago aqui na burjaca, veja. Quer recebê-los, e soltar a minha palavra, empenhando eu a minha vida para pagamento do resto ?

— Isso nunca ! O tracto está em pé !

Fechou-se o capanga, assumindo outra vez a calma e possança de si mesmo :

— Estou sciente. O senhor cobra a sua divida ; eu pago-lhe na moeda que tenho, nesta ; disse batendo na bainha da faca. Vá descançado ; hoje ficamos quites.

— Esse fallar agora me agrada mais; e

até, olhe lá, por cima do promettido, sempre a gente ha de escorregar uma molhadura, si a obra for bem feita.

— Dispenso: retorquiu-lhe com uma desdenhosa concisão.

— Ande lá. Então na venda do Chico? perguntou Barroso com o pé no estribo.

— Já disse.

— E logo que despachar o diabo?

— Sim!

— Boa mão, camarada.

Ganhando a sella, seguiu Barroso o trilho escarvado da azinhaga, e alcançada a planice, afastou-se a galope do sitio mal assombrado.

Em tanto, o capanga ouvindo o tropel do animal a perder-se na distancia, murmurava comsigo:

—Aquella scisma que eu tive a pouco!... Si não fosse o urutú!... No cabo não era

elle, sem fallar que estou lhe devendo....

E accrescentou:

— E' preciso acabar com isto! Ha de ser o que Deus quizer.

Suspendendo o corpo do urutú á ponta de um galho, ia tirar-lhe a pelle, para gastar o tempo da espera, quando alguma cousa suspeita fê-lo erguer de prompto a cabeça e applicar as ouças.

Resoava ainda muito longe o ouco estrupido de animaes passando uma ponte de madeira.

VII

O MARMANJO

No terreiro da fazenda das Palmas, juncto á escada da casa de morada, os animaes de montaria mordiam os freios de prata, raspando o chão com a ponta do casco.

Tinha-os pelas rédeas um mulato de libré côr de pinhão, avivada de preto e escarlate, com botas envernisadas de canhão amarello, e chapeu de oleado a meia cópa. Recostado ao socalco do pa-

tamal com ares de capadocio, o pagem fazia signaes para uma janella, onde apparecia a miudo a trunfa riçada de uma crioula.

Vinha chegando-se com a proverbial pachorra paulistana um camarada, que mastigava o ultimo boccado do almoço, e preparava o cigarro de palha. Acceso o pito e tomada a primeira fumaça, passou revista primeiro nos arreios do baio e da rozilha, depois nos cascos; e não achando cousa de maior, foi comtudo, para mostrar a sua valia, aqui apertando um loro, alli afrouxando uma silha e repuxando uma correia da cabeçada.

— Esta corja de pagens, dizia a rir para o mulato em fórma de cumprimento, só serve de emporcalhar a casa. Ficam velhos e não aprendem.

— Corja, é sucia, sô Mandú. Olhe lá! rebateu o pagem.

Nisto apontou a mucama á janella.

— Falta muito ainda, Rosa? perguntou o mulato.

— Já está acabando. Não tem tempo de ir mais á roça, vêr Florencia, não, rapaz.

— Ai, que dôr de canella!

— Iche! Quem conta com pagem!

— Assim, menina! exclamou o camarada. Tem aqui um barra para seu pimpão.

— Sahe dahi! chasqueou o mulato. Jaboticabinha de sinhá é lá para beiço de caipira? Vá comer sua brôa de milho, homem, e deixe de partes.

A mucama soltou uma risada, e desappareceu de repente a um puxão que de dentro lhe deu o pagem Faustino.

— Assim é que serve a meza?

— Salta, moleque ! Menos confiança commigo.

— Hô xente ! Moleque como nós. Tenho muita xibança nisso. Não é como esse mestiço do inferno, cor de burro; mas você não tem vergonha mesmo de vir engraçar com elle na janella.

— Sinhá está ouvindo ! disse a rapariga em tom de ameaça.

— Melhor p'ra mim ! Eu cá não me embaraço.

Este curto dialogo travou-se na saleta da entrada, onde o Faustino veio pilhar a mucama, que escapulira do serviço da meza para se faceirar com o mulato. Apanhada em flagrante, a Rosa, muito senhora de si tornou á sala de jantar, onde ninguem dera pela sua falta.

Alli, estava posta para o almoço a larga meza de jacarandá, coberta com alva

toalha de linho adamascado; e rodeada naquelle momento, como de ordinario, por cinco pessoas.

A cabeceira, contra os costumes da terra, occupava-a a dona da casa, senhora de 38 annos, e não formosa; porém tão prendada de innata elegancia, que seus traços e toda sua pessoa tomava um particular realce. Si não tinha bonitos olhos, ninguem sabia olhar como ella; a bocca sem primores de fórma, enflorava-se com o sorriso intelligente e a palavra brilhante.

Filha de um capitalista de Campinas, d. Ermelinda recebêra em um collegio inglez da côrte educação esmerada, que desenvolveu a natural distincção de seu espirito. Recolhida á sua provincia, teria sem duvida perdido ao attrito dos costumes do interior aquelle tom fidalgo, si fosse elle um artificio do habito, em

vez de um dom, que era, da natureza, o qual o exemplo não fizera sinão polir.

A' expansão dessa natureza delicada, ao perfume de bom gosto que derramava em torno de si, deve-se attribuir a ausencia de cor local que se notava, sinão em toda casa, ao menos na familia. Aquella esphera que recebia a influencia immediata da dona da casa, não era paulista, mas fluminense; e não fluminense pura, sinão retocada já pelo apuro escossez e pela graça franceza.

Aos verdadeiros paulistas da tempera antiga, de antes quebrar que torcer, aos grandes turrões, nutridos de lombinho de porco e couve crua, não deixava de escandalisar esse enxerto carioca no meio das suas mattas, e por isso, já desconfiados de natureza, mostravam-se espantadiços, quando entravam na casa das Palmas.

A direita de d. Ermelinda estava o dono da casa, Luiz Galvão, cujo aspecto franco e jovial grangeava a sympathia ao primeiro accesso. Era um bonito homem, de physiognomia intelligente e regular estatura, que revelava em sua compostura digna a consciencia do proprio merito.

Do commedimento do modo prasenteiro, bem como do alinho do trajo, transpirava o influxo da suprema distincção do espirito de sua mulher. Naturezas ha que têm a força de imprimirem o seu cunho naquelles que as cercam; outras se apoderam da indole alheia insinuando-se nella pelo affecto, impregnando-a de sua essencia.

A de d. Ermelinda era destas ultimas. Fora por uma lenta filtração moral, que ella conseguira transmittir ao marido um toque do seu garbo nativo, embo-

tando as asperezas de uma educação grosseira, e extirpando habitos da infancia descurada.

A' esquerda da mãe ficava o filho, como á direita do pae a filha, ambos na flor da juventude. Chamava-se o primeiro Affonso, como o avô. A' segunda tractavam todos pelo appellido, sinão diminutivo, de Linda, formado das ultimas syllabas de seu nome, que era o mesmo da mãe.

Finalmente, no segundo logar da esquerda defronte da moça via-se um menino de 15 annos de edade, cuja figura destoava de todo o ponto, no quadro daquella familia, que respirava a graça e a intelligencia.

Era feio, e não só isso; porém mal amanhado e descomposto em seus gestos. Tinha um ar pasmo que embotava-lhe a physiognomia; e da pupilla baça

coava-se um olhar morno, a divagar pelo espaço com expressão indifferente e parva.

Curvado como um arco sobre a meza, com as vestes em desalinho e os cabellos revoltos, abraçava uma chicara de almoço, que lhe ficava abaixo do queixo; e escancarando bocca enorme para sorver de um boccado a grande broa de milho, ensopada no café, mastigava a tenra massa a fortes dentadas e soffregamente como si estivesse rilhando um couro.

Percebia-se logo que a influencia de d. Ermelinda não penetrára nesse membro enfesado da familia, refractario a todo o preceito de ordem e arranjo. Por isso a dona da casa, quando presidia a meza de seu logar de honra, observando o serviço e occupando-se de todos, não transpunha aquelle angulo, onde sentava-se o pequeno. Si acontecia a seu

olhar, circulando a sala, passar por ahi, cegava-se e fugia com desgosto.

Naquelle momento acabava o menino de fazer uma das costumadas estrepolias, virando com o queixo a chicara, que entornou-lhe tudo o café no peito da camisa.

— Hô, hô, hô!... fez elle com um riso gutural e apatetado.

Acodiu a Roza, para enxugar-lhe com o guardanapo a cara, pois elle não se mexia.

— Que vergonha! murmurou a crioula em meia voz. Marmanjo deste tamanho não sabe comer na meza.

Um raio maligno lampejou na pupilla baça do pequeno.

— Nhô Braz! gritou a rapariga tomada de dôr.

O menino por baixo da meza fisgara-lhe o garfo na coxa.

VIII

PRESENTIMENTO

Passou desappercebido para as pessoas da familia, o accidente do café entornado.

D. Ermelinda parecia preoccupada; sem tomar parte no almoço, acompanhava os movimentos do marido com uma inquietação nervosa, que procurava reprimir, porém resumbrava-lhe da physiognomia assustadiça. Não se diffundiu, portanto, em sua expressão o tédio, que ordinaria-

mente lhe inspiravam, quando assistia á meza, aquelles desazos de Braz.

O marido estava a partir para Campinas, onde ia demorar-se tres dias afim de concluir alguns negocios, que talvez o levassem a S. Paulo. Apezar do habito dessas e até de maiores ausencias, a senhora não podia eximir-se á repugnancia que lhe causava semelhante viagem, e empregava todos os esforços para desmanchá-la.

Mas Luiz Galvão não era paulista de balde; si elle se deixára imbuir da influencia da mulher naquella parte da existencia do homem que pertence exclusivamente á esposa, e onde, portanto, acceitava como legitima a supremacia feminina; tinha comtudo sua ponta de birra, e quando, em materia de lavoura e negocio, ou cousa que não entendia com o regimen

domestico, se decidia por um alvitre, não havia demovê-lo.

Por causa da viagem se tinha posto o almoço tão cedo, quando o costume era ás 9 horas para dar tempo aos longos passeios, que d. Ermelinda recommendava aos filhos, e de que ella muitas vezes dava exemplo com o marido. Ainda nisso havia uma innovação aos usos da terra, onde moça rica, filha de fazendeiro, não anda a pé, a não ser na villa.

Luiz Galvão comia com boa disposição, e, de vez em quando, replicava ao olhar inquieto da mulher, com um sorriso e um gesto de carinhoso motejo, o que chamava aos labios da elegante senhora uma fugaz enfloração, logo apagada. Quanto á Linda e Affonso, apezar da hora, só para fazer companhia ao pae, debicavam com o appetite, prompto sempre, da juventude.

Nenhum destes fez reparo no desastre acontecido ao Braz, naturalmente porque semelhantes desaguisados eram tão frequentes, que já se contava com elles E então buscavam todos modo de disfarçar, não só para não contrariar ainda mais d. Ermelinda, como para evitar as represalias de que servia-se o pequeno contra qualquer ralho ou motejo.

Dessa vez ficou na garfada á perna da Rosa, que lá se foi coxeando para a cozinha, examinar o arranhão. Entanto o Braz, rachando a meio um pão, e mettendo em cada bolso uma banda, levantava-se da mesa para ganhar a quinta pela porta da cosinha.

Repetindo Luiz Galvão o seu amoroso remoque de inquietação da mulher, esta não se conteve, que não lhe replicasse.

— Tem razão de zombar, Luiz! Dey

parecer-lhe uma creança; e eu mesmo não cesso de accusar-me por esta tolice; mas nem por isso consigo livrar-me dos receios, que me assaltam.

— Disposição em que você está, Ermelinda. Que perigo póde haver em um passeio que estou a fazer constantemente, e até mais longe e com maior demora?

— Tudo isto me tenho eu dito cem vezes desde hontem, e não socégo. Nunca fui subjeita a scismas e caprichos, você bem o sabe; entretanto sinto hoje um desassocêgo, um aperto de coração.

— E' nervoso.

— Si não houvesse uma causa real para isso, podia ser; mas ha. Essas esperas, que andam deitando por ahi, das quaes ainda hontem fallou o administrador....

— E porque hão de ser ellas para mim?

Não tenho inimigos, e a ninguem faço mal, para que se dêm ao trabalho de livrarem-se de mim.

— Papae é tão estimado! disse Linda; e a voz doce como um favo de mel harpejou a nota maviosa da ternura filial.

— Quem se atreveria?...

O altivo desafio, esboçado nestas palavras, partiu dos labios de Affonso que alçou a fronte já naturalmente erguida, com um assomo bizarro.

— São os bons, meus filhos, que estão mais subjeitos ao odio dos máus, os quaes se conhecem e ajudam entre si.

— Lembre-se, Ermelinda, que depois das esperas tenho andado por esses caminhos. No dia em que o administrador veio contar-lhe a tal novidade, e assustá-la a tôa, eu fui a Piracicaba, e duas vezes passei na Ave-Maria. Disse o Pereira de-

pois que vira dous vultos no matto; entretanto nada me aconteceu. Si havia espera, não era de certo para mim.

Pareceu d. Ermelinda ceder á força desse argumento, e ao tom persuasivo do marido; mas o presentimento a pungia, e o coração perscrutava objecções para resistir á razão.

— E esse homem, que foi hontem visto pelos pretos, atravessando a fazenda? Dizem que a desgraça o acompanha, pois elle deixa, por onde passa, um rasto de sangue. Por isso deram-lhe o nome de fera!

— Outra prova de que são imaginarios os seus receios, Ermelinda. João Bugre ou Jão, como eu o chamava em menino, a exemplo dos outros, foi creado em nossa casa; era afilhado de meu pae, e até chegou a servir-me de camarada

Depois tornou-se um perverso; porém lembra-se dos beneficios que recebeu de nossa familia, e, embora se mostrasse altaneiro comigo, acredito que me respeita.

— Essa gente não é capaz de gratidão, Luiz; ao contrario, o beneficio os humilha, e elles revoltam-se contra o que chamam uma injustiça do mundo.

— O Bugre é uma fera, na verdade; contam-se delle as maiores atrocidades; porém esse homem de más entranhas tem um resto de consciencia e probidade. Não ha exemplo de haver atirado a alguem por traz do pau, ou de emboscada: ataca sempre de frente, expondo-se ao perigo. O bacamarte só lhe serve praa defender-se, quando o perseguem. Tambem nunca ouvi fallar de roubo ou furto que commettesse, e isso apezar de viver elle pelos mattos, constantemente acoçado.

— E ainda não foi preso um criminoso de tantas mortes?

— Não é por falta de diligencia. Andam-lhe á pista desde muito tempo; e até, si não me engano, ouvi que tinham promettido um premio a quem désse cabo delle; mas até agora não se animaram, tal é o terror que inspira.

— Bem razão tenho eu, portanto, de assustar-me, quando um faccinoroso desses apparece dentro da fazenda: talvez ande elle rondando a nossa casa.

— Não se lembra disso: mas, si tivesse a audacia, elle ou outro, acharia a casa bem guardada. Demais, aqui lhe deixo um homem para defendê-la. Não é verdade, Affonso?

— Sem duvida, meu pae. Na sua ausencia nada acontecerá!

— Não é por mim que receio, Luiz;

antes fosse ; não estaria tão inquieta : disse a senhora com um leve reproche.

— Nesse caso eu não partiria ! respondeu o marido galanteando.

— Então fique !

— Sim, papae, fique ! Dê esse gosto a mamãe : disse Linda.

— Tambem a senhora não quer que eu vá ? Olhe, não se arrependa ! replicou o pae com um gesto de zombeteira ameaça. Levo uma certa encommenda de vestidos e enfeites, que só eu sei escolher.

A moça ficou enleiada entre a esperança do presente e o desejo da mãe.

— Papae compraria de outra vez.

— E a festa ? perguntou o pae sorrindo.

A pendula soou oito horas.

IX

AS AMOSTRAS

Advertido pela pendula, Luiz Galvão consultou seu relogio de algibeira e ergueu-se :

— São horas !

Até aquelle momento, nutrira d. Ermelinda uma vaga esperança, que ella mesma não podia explicar. Lembrava-se que um pequeno accidente qualquer podia estorvar ou pelo menos adiar a via-

gem. Vendo chegar a despedida, empallideceu :

— Si você afflige-se dessa maneira, Ermelinda, não vou. Faz-me grande desarranjo, como sabe ; mas não tenho animo de deixá-la tão sobresaltada.

— Confesso que esta emoção faz-me mal ; já não me sinto boa.

— Então fico : está decidido.

Uma sombra de tristeza perpassou rapidamente pelo semblante de Linda ; todavia não escapou ao olhar da mãe, que adivinhou a causa dessa magoa de moça.

— Mas, Luiz, esta viagem é necessaria, e, no fim de contas, meus sustos não têm razão de ser. Você precisa concluir esse negocio ; e Linda ficará queixosa si não tiver os presentes promettidos.

— Eu, mamãe? exclamou a menina

com terna exprobração. O que eu desejo é vê-la sempre contente.

— E não é um contentamento fazer-te feliz? Já fui moça como tu; nessa edade a ventura é uma flor, uma fita. Só depois se comprehende o que ella vale, e o que ella custa, minha filha. Não te envergonhes dessa faceirice. Quem ha de tê-la sinão tu? Deus fez as estrellas para brilharem.

— Então o que decidem? perguntou Luiz Galvão.

— Vá; eu lhe peço.

— Por minha causa, não! contestou Linda.

— Pela minha: disse d. Ermelinda.

Calçadas as luvas e feitos os ultimos aprestos, despediu-se o viajante da familia e montou a cavallo.

No momento de abraçar o marido,

d. Ermelinda com disfarce apalpou-lhe o peito, e ficou mais tranquilla percebendo o revolwer no bolso do casaco. Não obstante, custou-lhe muito essa despedida; seus vagos terrores se alvoroçaram de novo, e foi preciso grande esforço para dominar-se.

Entretanto Luiz Galvão, esporeando a rosilha, depois que disse o ultimo adeus com a palavra e o gesto, passou a cancella do terreiro. Acompanhava-o de perto, a meio corpo da cavalgadura, o camarada Mandú; adeante ia o pagem para abrir as tronqueiras; e entre elle e o viajante trotava o baio, solto, mas de todo arreiado e prompto para o revezo.

— Logo hoje é que seu pae leva um camarada só.

— Porque, mamãe? perguntou Linda.

— O Pereira adoeceu, o outro ninguem sabe onde anda.

— Si mamãe quer, eu acompanho meu pae, disse Affonso fazendo menção de dirigir-se á cavallarice. Em um instante o alcançarei.

— Não, não, Affonso!... accudiu vivamente a senhora, como si receiasse que além do marido lhe roubassem tambem o filho.

Do terrado onde estavam, na porta da entrada, já se não viam os viajantes, occultos pelo arvoredo. D. Ermelinda, antes de entrar, voltou-se para os filhos:

— Vão passeiar!

— E mamãe fica só?

— Preciso descançar um pouco até a hora do almoço.

— Sente alguma cousa, minha mamãe?

— Nada, fadiga apenas. Até logo.

— Quer ir, Affonso?

— Si você quizer, Linda.

— Vão; a manhã está bonita, insistiu a mãe.

D. Ermelinda por este meio tractava de affastar os filhos, cuja sollicitude dispensava nesse momento, pela razão de os não affligir communicando-lhes a tristeza e inquietação que a assaltava com dobrada força.

Apenas elles a deixaram, subiu apressadamente ao mirante para acompanhar com os olhos ao marido, até a volta que fazia o caminho no canto da tiguera (*) e onde se perdia de todo a vista da casa.

Os viajantes, que já estavam a poucas braças dalli, pararam de repente, e depois de pequena demora retrocederam apres-

(*) *Tiguera*, logar onde houve roça.

sados. Sorpreza com o incidente, d. Ermelinda deu graças a Deus daquella volta inesperada, que lhe restituia o marido, a quem por cousa alguma deixaria mais partir.

A angustia que soffrêra naquelles poucos instantes, os pensamentos crueis que lhe crivavam a alma nesse breve tracto, não os sentira ella talvez em annos de sua vida. Supplicaria a seu marido que desistisse da viagem; e elle havia de attendê-la, ou então arrastá-la abraçada a seus joelhos.

Approximavam-se os viajantes; repassaram a cancella e afinal pararam em frente á casa, onde Luiz Galvão apeou rijo.

— Que foi? perguntou d. Ermelinda que descêra do sotão a encontrá-lo.

— Ora, respondeu o fazendeiro a rir,

não sei onde puz as amostras de Linda com a lista das encommendas.

Outra vez d. Ermelinda achou em si a força para reagir contra seus imaginarios terrores. Esse coração de mãe sacrificava ás innocentes alegrias da filha o seu socego: é uma banalidade sublime, que se encontra por ahi, a cada canto, e de que já ninguem se occupa.

Correu Luiz Galvão ao gabinete á busca dos objectos esquecidos; e emquanto a mulher ajudava-o de seu lado na pesquiza, abriu elle a medo o segredo da secretária e tirou um papel, que rapida e furtivamente escondeu no bolso.

Era este o motivo real da sua volta; o outro não passava de pretexto. Apenas teve Galvão seguro o papel em um bolso, que tirando á surrelfa um pequeno embrulho do outro, exclamou:

— Aqui está!

— Aonde achou?

— Dentro desta caixa de charutos. Só eu era capaz de achá-lo. Foi quando enchi a carteira.

Abraçando a mulher, e beijando-a na face, de novo poz-se o fazendeiro a caminho; e desta vez ia pensativo, quasi triste. Murchára a flôr da jovialidade, que se expandia momentos antes tão fresca em seu nobre semblante, e a alma franca e generosa sempre a espelhar-se em seu olhar, dir-se-hia que se acanhava.

O pequeno incidente da volta viera toldar aquelle sedimento que mais ou menos é infallivel em todo o coração por magnanimo que seja, como da amphora onde por muito tempo se guardou o vinho puro e generoso ha sempre lia no fundo.

Luiz Galvão tinha um segredo em sua vida, talvez uma falta; e o occultava de todos, mas especialmente da mulher. Vêr-se humilhado perante aquelles a quem se ama, e cuja estima se alcançou, não póde haver maior supplicio para o homem de brios.

O esquecimento do papel, que sem duvida continha revelação ou referencia do segredo, e a necessidade de recorrer a uma simulação para occultar o verdadeiro motivo de sua volta; esses pequenos embustes sem consequencias, e que talvez a outros nem mais lhe roçassem na memoria, a elle, exempção e franqueza personificadas, o estavam remordendo interiormente.

Chegaram afinal os viajantes ao canto da tiguera. Havia, juncto a um copado guaratan, que lhe dava sombra, uma

ponte de madeira, lançada sobre as altas ribanceiras de um corrego, que regava parte das terras lavradas.

Ahi estava a ultima tronqueira da fazenda.

Voltou-se Luiz Galvão para enviar um adeus á mulher, que lhe acenava com o lenço, e desappareceu.

X

OS GEMEOS

Deixando a mãe, separaram-se os dous irmãos para se encontrarem no pateo interior, donde tambem havia passagem para as geiras da fazenda.

Linda fôra tomar a capellina de fustão branco, e Affonso o boné e bastão de passeio. Assim preparados, puzeram-se a caminho par a par, garrulando como um casal de colleiros que deixam a aza ma-

terna para folgarem pela gramma ensaiando os primeiros vôos.

— Que fingido é você, mano! dizia Linda. Quando eu lhe perguntei si vinha passeiar, respondeu-me «si quizer» e estava morrendo!

— Com pena de uma certa pessoa, que não fazia sinão olhar lá para a figueira.

— Que historia! disse Linda corando.

— Eu respondi «si quizer» mesmo de proposito; para vêr sua tenção. Você não disse hontem que sou eu quem vae todos os dias para aquelle lado?

— E é, sim.

— Devéras! sustente outra vez, e verá si não volto.

— Não, meu maninho do coração, não se zangue. Eu prometti a Bertha que hoje havia de ir sem falta. Ella está nos esperando. Vamos; sim?

— Primeiro ha de pôr as mãos e dizer commigo: — « Meu Affonsinho... »

A menina repetiu.

— « Do meu coração.... »

— Do meu coração.

— « Eu lhe peço e rogo.... que me leve.... onde está.... »

— Onde está Bertha! disse rapidamente a menina que ia repetindo a palavra do irmão.

— « Onde está.... » insistiu o rapaz uma e duas vezes.

Afinal Linda cedeu:

— Onde está....

— « Meu bemzinho! » concluiu o rapaz.

Banhou-se a menina em ondas de purpura.

— Ah! mano! disse Linda com um melodioso queixume.

— Assim é que se ensina uma sonsinha! replicou o moço a rir.

— Você me paga! tornou a irmã com um pequeno assomo de revolta. Tenho certo segredo para contar a Bertha....

— Segredo de mulher! galhofou o irmão.

— Vou dizer-lhe que não se importe com gente ingrata; e como só eu é que me lembro della, não tome o trabalho de vir cá para vêr-me, porque eu não tenho mais com quem passeiar.

— Você é capaz?

— Sou.

— Uma aposta?

— Não quero; você logra-me sempre.

— Tambem eu tenho uma cousa para dizer.

— A quem?

— Não sabe? Faça-se desentendida. A Miguel.

— O que é?

— Que uma certa pessoinha, a qual eu não descobrirei... que essa pessoinha me pediu para... para dar um... a elle já se se sabe... um...

— Mano! Não gosto destas graças!

— Um beliscão, menina!

— Você ia dizer outra cousa.

— Ou é você que queria ouvir outra cousa?

— Está bom; me deixe.

Desta vez agastada, Linda affastou-se, voltando as costas ao irmão.

Acompanhou-lhe Affonso o movimento com um ar galhofeiro; e approximando-se de vagarinho, nas pontas dos pés, enlaçou de repente em um abraço o corpo gentil da moça.

— Ai da pombinha! Como está tão jururú! Quem foi que arripiou sua penna, minha rôla? Prrru!... prrru!... Coitadinha! Deixe vêr o biquinho!

Estas palavras eram o mote das caricias que fazia o Affonso á irmã, alisando-lhe os cabellos castanhos que a brisa espalhára, amaciando-lhe a mimosa cutis da face, e por fim puxando-lhe o botão de rosa dos labios, que faziam um delicioso biquinho vermelho, apinhados como estavam com o gracioso amúo.

Não se podia com effeito achar mais justa imagem da formosa menina, do que essa que espontaneamente acudira ao espirito poetico do rapaz. Naquelle momento com a fronte reclinada, as espaduas ligeiramente curvas, pelo recato, as mãos recolhidas ao seio; parecia-se

com a juruty quando arrufa a doce e macia pennugem.

A' medida porém que a envolvia a caricia do irmão ia ella outra vez assetinando-se ; o talhe delicado esbeltava-se ao natural; as longas palpebras franjadas erguiam-se desvendando os grandes olhos pardos cheios de uma ternura ebriante ; e finalmente o botão de rosa da bocca gentil enflorava-se com sorriso encantador, que derramava sobre o formoso semblante da menina uma luz de leite.

Só não sabe o que isto é, quem não admirou a especie de cutis mais delicada, tez suave de bonina bebendo os orvalhos da manhã.

Tinha a belleza de Linda um doce alumbre de melancholia, que não era tristeza, pois coavam-se através os inef-

faveis contentamentos de sua alma; era sim matiz, que lhe avelludava a graça, e influia-lhe um mavioso enlevo. Irmã das flôres que vivem nos recessos da floresta, onde se coalham em sombra luminosa os raios filtrados pelo crivo das folhas; respira essa belleza o perfume casto da violeta e da baunilha.

Não se admira a mulher que a possue porque não exerce a fascinação esplendida das formosuras que scintillam; mas adora-se de joelhos porque ella tem a sanctidade do amor.

Affonso era o retrato da irmã. Pareciam-se como gemeos e gemeos tinham nascido. Mas nelle a gentileza era um fogo de artificio: a indole jovial, que herdára do pae, lhe estava constantemente a brincar no gesto prazenteiro, e nas cascatas do riso cordial e folgazão.

Era tal a parecença dos dous irmãos, que um dia, havia tempos, Affonso lembrou-se de fazer uma travessura. Vestiu-se com roupas da irmã, e tomando uns ares hypocritas, sahiu ao encontro de Bertha que vinha visitar Linda, como de costume. A moça, cuidando vêr a amiga, correu a abraçá-la, e cobriu-a de uma chuva de beijos, que lhe foram pontualmente retribuidos.

Foi depois de ter a seu gosto recebido as caricias da moça, e comido-lhe a beijos o saboroso encarnado das faces, que o brejeiro tirando a capellina da irmã, apprezentou a sua cabeça de rapaz, desornada da basta madeixa, que ondulava pelas espaduas de Linda, quando ella a trazia soltas no passeio da manhã.

Descobrindo o engano, Bertha não se agastou e riu-se gostosamente com o

rapaz, da peça que lhe pregára elle; mas desde ahi, não beijou mais a Linda sem primeiro olhar-lhe o rosto e os cabellos, para certificar-se que era ella mesma, e não o brejeiro do Affonso.

Depois, tornou-se impossivel a confusão, porque não só o talhe do moço hasteou-se com a tempera viril, como o fino buço começou a ensombrar-lhe o labio superior e as faces.

XI

NO TANQUINHO

Depois da pequena pauza que tinham feito, apressaram os dous irmãos o passo, afim de ressarcir a perda do tempo, que pouco tinham para o passeio até a hora habitual do almoço.

Assim atravessaram os cannaviaes, divididos em alqueires, por largas alamedas, e cortados em cruz por carreadores mais estreitos.

Nessa occasião, não repararam como de

costume no verde-gaio e risonho daquellas ondas de folhas que fluctuam graciosamente ao sopro da brisa; nem ouviram os brandos cicios, tão dôces ao ouvido, como é ao paladar a polpa deliciosa dos gomos.

Entraram em seguida na roça, onde o feijão estava em flôr e o milho espigava, agitando os seus louros pendões. Logo adeante ficavam os vastos cafezaes, recentemente carpados (*) e já frondosos para mais tarde se cobrirem de bagas escarlates, como fios de coraes, entrelaçados pela folhagem de brilhante esmeralda.

Ahi á sombra dos renques de cafezeiros, descançavam os pretos recebendo a ração do almoço, que as rancheiras de

(*) Carpa: limpa ou capinação.

cada turma dividiam pelas gamellas e palanganas que lhes appresentavam.

Passaram os dous irmãos apressadamente e sem dar-lhes mostra de attenção, para não perturbar-lhes o descanço e a refeição.

Além, na assomada de uma collina frondava um vistoso ramalhete de palmeiras de diversas especies, entre as quaes avultava o gerivá com seus lindos pennachos. Chamavam a este logar o *Palmar*, e delle proviera o nome á fazenda.

Pela encosta da collina estendia-se o pasto; e na base estava uma capuava (*) onde já se começára o trabalho da derrubada, e se afolhavam as terras destinadas á lavoura de mantimentos, divi-

(*) Capuava — terreno para roça.

dindo-a em quarteis, como os partidos de cannas.

Fronteiro ao Palmar, ficava um grande feital (*) que prolongava-se até a orla da matta. Essa terra descançada desde muitos annos já estava convertida em capoeira, que invadindo os carreadores deixava a descoberto apenas o trilho batido pela constante passagem.

Por essa vereda metteram-se os dous irmãos, Affonso adeante, malhando com o bastão os tufos de capim e relva para espantar as cobras; Linda no encalço, rocegando a fimbria da saia de mosselina para guardá-la dos orvalhos. Foram sahir em um pequeno grammado, de um pittoresco encantador.

Parecia esmero d'arte o sitio aprasi-

(*) Feital — terra cançada.

vel; não que possa o genio do homem jamais attingir os primores da creação; ordena porém muitas vezes e resume em breve quadro scenas que a natureza só desdobra em larga tela; e collige em uma só paisagem copia de bellezas que andam esparsas por varios sitios.

Desenhava-se o pequeno e mimoso prado em oval alcatifado com a alfombra de relva e cingido quasi em volta pela floresta emmaranhada, que a fechava como pannos de muralha, cobertos de verde tapessarias e vistosas colgaduras, apanhadas em sanefas e bambolins de flôres. A' face opposta assomava a soberba columnata do Palmar que estendia-se até alli, formando arcarias goticas, fustes elegantes em estylo dorico, e arabescos rendados de maravilhoso effeito.

A' margem do Tanquinho, bonito lago

formado pela repreza de um ribeirão, que sahia gorgotando do mais embrenhado da floresta, e traçava meandros entre as palmeiras para perder-se no pasto, uma figueira brava esfraldava os ramos, em esparavel, ensombrando a pellucia de relva.

Ahi proximo contornava-se um oiterinho corôado de uma grinalda de juncos floridos, donde borbulhava tambem um fio d'agua que alimentava o lago. De seu tope descortinava-se a casa das Palmas e toda a varzea até a margem do Piracicaba.

Ao entrar no descampado, cahiram os olhos de Affonso direito sobre o tronco de figueira e voltaram-se logo desconsolados para Linda. Os dous irmãos trocaram um sorriso displicente.

— Não vieram; disse Affonso.

— Já foram.

— Não ha tal.

Levou o moço as mãos á bocca e apitou. Não teve resposta.

— Então?

— E' que já estão longe!

— Não tinham tempo.

— A culpa é sua.

— Quem primeiro boliu com o outro?

— Eu hei de contar á Bertha.

Depois de uma pequena volta pelo prado, os dous irmãos cuidaram de voltar do insipido passeio que tão malogrado fôra.

Entretanto não estavam longe aquelles que suppunham encontrar, conforme o costume, á sombra da figueira; e eram, como já se adivinhou, Miguel e Inhá a quem Linda tractava pelo nome.

Affastando-se de Miguel para passar a

tronqueira, dera a menina ao talhe uma inflexão seductora. Daquella travessa rapariga, com ares de diabrete, surgira de repente a mulher em toda a brilhante fascinação, na plenitude da graça irresistivel que rapta a alma, e a arrasta apoz si captiva como um despojo, de rojo pelo chão e feliz de rojar-lhe aos pés.

Miguel levou as mãos aos olhos julgando-se ludibrio de uma visão, e deslumbrado foi seguindo a menina sem consciencia do que fazia.

Não voltou Inhá a cabeça, mas tinha ella a certeza de que o moço a acompanhava enlevado pelo garbo de seu passo como pelo flexuoso requebro de seu talhe donoso.

Dirigiu-se a menina á uma aberta que havia entre o palmar e a matta, e dava caminho para o prado. Tambem

ella ia pressurosa ao encontro da amiga e camarada de infancia, cuidando já encontrá-la no logar emprazado, á sombra da figueira.

Ouvindo o apito de Affonso, deitou a correr; e Miguel despeitado com a soffreguidão que ella mostrára, deixou de responder ao camarada como costumava.

Chegou Bertha á precinta do prado, justamente quando os dous irmãos iam desapparecer na vereda por onde tinham vindo.

— Linda!

— Ah! Bertha! Eu não disse que ella vinha!

— Chegou agora, acodiu Affonso. Que dorminhoca!

— Hoje não quero graças com o senhor! replicou Bertha com um serio petulante.

— Devéras ! Pois estamos mal.

— Veio sosinha ?

— Miguel ahi vem ; está se fazendo de rogado. Olhe !

Com effeito Miguel appareceu da outra banda da esplanada.

— Quer campar de serio ; mas aquillo é um maganão! Sonso como elle só; parece-se com certa pessoasinha que eu cá sei.

— Está bom, mano, eu lhe peço ! balbuciou Linda accesa em rubores.

— Então Miguel, chegas ou não chegas ? Queres um cavallo para a viagem. Aqui tens um.

E o faceto rapaz apanhando um ramo secco, fez delle cavallo de páu, e lá se foi galopando offerecer a montaria (*) ao camarada.

(*) No Brazil — montaria é tembem synonimo de cavalgadura. — Animal de minha montaria; diz-se geralmente.

— Sahe! Não estou para brincadeiras, disse Miguel.

— Que tem vocês hoje? Chegam aqui ambos de nariz torcido... Acazo viram borboleta preta no caminho?

— Assim, Affonso, brigue com elle! exclamou Bertha batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda. Eu cá já estou contente; vi um passarinho verde!

— Mas vamos a saber, Miguel? Si é commigo que você está zangado, diga a razão. Que lhe fiz eu?

Tão franca era a physiognomia de Affonso ao proferir estas palavras, e tão cordial affecto resumbrava de sua voz, que Miguel correu-se de seu injusto resentimento contra o amigo, e de todo se lhe desvanecêram no coração os resaibos de ciume, que o pungiam.

— Engano seu, Affonso. Não estou zangado com você. Vinha pensando em uma cousa desagradavel, mas já se foi; respondeu Miguel com um sorriso de effusão, apertando commovido a mão do camarada.

— Ai! ai! Cuido que houve sua briga entre os dous! Não lhe parece, Linda?

— Não sei; porque haviam de brigar?

— Pois eu digo o que foi; acudiu Inhá. Miguel quiz deixar-me no caminho e ir caçar!

— Ah! exclamou Linda, com um trémulo na voz maviosa. Não queria vir!

— Mas era só para me fazer pirraça! tornou Inhá. E sinão veja, Linda; como eu lhe disse que me não importava com isso e vinha mesmo, logo elle não fallou mais em caça, e veio pescar seu peixãosinho!...

— Bertha !... murmurou Linda puxando a manga do corpinho da amiga.

— Uma piabinha do rio ; não é, Inhá ? dissera Affonso de envolta com uma gargalhada gostosa, que Inhá acompanhava com os trillos argentinos de seu riso fresco e puro.

— Não sei de que estão a rir com tanto gosto ? observou Miguel enleiado, sem animo de erguer os olhos para Linda.

— Acham graça em uma cousa atôa.

Subito no matto soou um grito bravio, e logo apoz a voz extranha, ao mesmo tempo saturada de dôr e impregnada de sarcasmo, lançou em uma gamma estridente este clamor incomprehensivel :

— Til !... Til !... Til ! .. Oh ! Til !...

XII

IDYLLIOS

Eram frequentes os encontros dos dous lindos pares de passeiadores no Tanquinho.

Vinham semanas em que se repetiam todas as manhãs, a menos que as chuvas não permittissem, ou que Bertha e Miguel fossem á casa das Palmas, o que succedia regularmente aos domingos e dias de festa.

O amor, tão bonina dos prados, quanto

roza dos salões, quando o orvalham risos da mocidade ; o amor puro e suave, como a cecem daquelle prado, tinha já florido os corações que lhe respiravam pela manhã os agrestes perfumes.

Nem isto é mais segredo ; e pois não se commette uma indiscrição em contar o que só não sabiam d. Ermelinda e seu marido.

Affonso, este namorava Bertha ás escancaras, com o recacho e brinco proprios de seu genio. Essa mesma sinceridade e desplante de seu affecto eram véu para occultá-lo a olhos suspicazes. Quem o via sempre a gracejar com a menina, acreditava que isso não passava de travessura de moço folgazão sem tinta de malicia.

Linda, quando os olhos de Miguel pousavam-lhe na face, corava e sentia o ti-

mido coração bater apressado. Não raro, o instincto de delicadeza que recebêra de sua mãe, advertia-lhe da distancia que separava della o moço pobre e de mesquinha condição. O amor, porém, é contagioso, com especialidade na solidão, onde a alma tem necessidade de uma companheira, e quando de todo não a encontra, divide-se ella propria para ser duas : uma, esperança ; outra, saudade.

As confidencias do irmão ; as longas e constantes conversas, a proposito do mesmo thema, sempre novo ; os episodios singelos do idyllio, arrufos ou encantadores segredos ; essas azas fagueiras do amor roçavam a todo o instante o coração da moça e deixavam-no impregnado de ternura affectuosa. Entretanto Miguel não se apercebia disso. Acreditava sim, que Linda o tinha em estima por

causa de Bertha, e dispensava com elle o tracto ameno e gentil, inspirado pela bondade d'alma e a fina educação.

Assim, votava elle á menina um respeitoso affecto, ungido pela gratidão que nelle accendiam as maneiras singelas e benevolas da moça; e tambem repassado da serena admiração de artista que sentia ao contemplar-lhe a peregrina belleza. Mas não lhe pulsava o coração com os impetos da paixão; nem a imagem graciosa de Linda fluctuava nas scismas de sua fantazia.

A presença da moça produzia-lhe na alma certo refrangimento, embora de grata deferencia; era como a palma do gerivá que fecha com os relentos da noite, e sómente se engrinalda e brilha aos raios do sol.

Para Miguel os momentos de expansão

e doce contentamento não eram tanto esses passados ahi no tanquinho, como os outros mais festivos e mais lembrados em que sós, Inhá e elle, atravessavam a varzea na ida e na volta.

De Bertha, que direi? Com todos brincava; a todos queria bem, e sabia repartir-se de modo, que dava a cada um seu quinhão de agrado. Em roda ferviam os ciumes dos muitos que a anciavam só para si, e penavam-se de vê-la desejada e querida de tantos. Mas com um sorriso ella trocava taes zelos em extremos de dedicação, e o pleito já não era de quem mais recebesse em carinho; e sim de quem mais daria em sacrificio.

O gracioso e ingenuo sorriso de seus labios, era o mesmo, desfolhando beijocas na face de Linda, como zombando de Affonso ou ralhando com Miguel. Não

fôra o recato da educação, que ella seria muito capaz de fechar os olhos, e á sorte lançar o beijo, como um pombinho, para qual, dos tres, mais ligeiro o apanhasse.

Si d. Ermelinda soubesse das frequentes entrevistas no Tanquinho, e suspeitasse dos tacitos emprazamentos, que se davam os camaradas, por certo já teriam elles cessado ; pois não escaparia á intelligente senhora o perigo de expôr o tenro coração de sua filha a uma paixão, bem possivel sinão provavel de gerar-se dessa intima convivencia, que não perturbavam outras diversões proprias para occupar o espirito de uma menina.

Na casa das Palmas, porém, ignoravase o habitual encontro ; não que o negassem Linda ou Affonso, ambos incapazes de uma mentira. Calavam-se ; eis todo

seu peccado. De volta do passeio, em familia, fallavam de varias cousas que tinham feito ou observado; mas não tocavam em Bertha e Miguel, ou faziam-no de longe em longe.

Em Linda era pudor: quando o nome de Miguel lhe pruria o labio, ainda não o tinha pronunciado, que sentia arderem-lhe as faces; e por isso o murmurava baixinho dentro do coração. Dahi provinha que vendo Affonso o vexame da irmã, por sua parte soffreava nesse particular o seu genio zombeteiro, e não tugia sobre as entrevistas no Tanquinho.

Quando d. Ermelinda e Galvão tomavam parte no passeio dos filhos, estes por um natural acanhamento não dirigiam a excursão para o sitio favorito; no que os ajudava o fazendeiro, mais sollicito em mostrar á mulher a medra viçosa de

sua lavoura, que lhe estava promettendo abundantes messes.

Caso alguma vez tomassem para aquelle lado, Bertha e Miguel presentindo que os donos da fazenda haviam de reparar si os encontrasse alli, e avisados de longe pelas vozes, que repercutiam com sonoridade que lhe davam as abobadas de verdura e os accidentes do terreno ; retiravam-se antes que chegassem.

Eis como ignorava d. Ermelinda os idyllios, que estavam compondo seus filhos, naquelle sitio pittoresco, onde bebia-se o amor como um doce effluvio da natureza. Tudo alli penetrava o coração de emoções deliciosas. Pelo avelludado daquella relva scintillante espreguiçava-se a imaginação, a sonhar o docel de um divan. Os sussurros da brisa nos palmares segredavam os ruge-ruges das sedas ; e o bor-

borinho do arroio imitava o trillo de um riso fresco e argentino.

Quem estivesse nesse logar a sós cuidaria que approximava-se uma virgem mimosa, de fronte serena, olhar inspirado, e fagueiro sorriso, perfumado de suave fragrancia. Quem alli fosse com uma gentil companheira, acreditaria por certo que ella se transfundira nesse sitio nemoroso, como em um gremio do amor; e nas auras embalsamadas sentira-lhe o mago sorriso a bafejar-lhe as faces; no lago dormente seus olhos limpidos a reflectirem-lhe o ceu de sua alma; nas hastes das palmeiras, seu talhe mil vezes esboçado com a mesma innata elegancia; nas laçarias e festões de trepadeiras floridas, os folhos do amplo vestido; e na pellucia da gramma cambiante ás depressões do terreno, a voluptuosa flexão das

fórmas debuxadas pelo corpinho de verde setim.

Como era possivel não amar naquella mansão, onde tudo cantava, sorria, palpitava e respirava amor?

A quem era dado abjurar nesse templo nupcial, onde celebrava-se o consorcio entre o vigor e a graça, o perfume e a harmonia, o magestoso e o esplendido?

Hymeneu eterno do vento com a floresta, do rio com a campina, do orvalho com a flor, do sol com a sombra, do ceu com a terra.

XIII

SUSTOS

Na primeira sorpreza do grito inesperado, tiveram os companheiros de passeio um ligeiro sobresalto; mas rapido se desvaneceu.

Tornaram pois á conversa, indifferentes ao que passava dahi distante; apenas Bertha, separando-se do grupo, subiu a correr a assomada da collina, curiosa que estava de saber donde partira o clamor.

— Gosta muito de caçar? perguntou Linda com certo enleio a Miguel como si não o conhecesse de muito tempo, e a seus habitos.

Mas quem não sabe que ternos segredos e confidencias reconditas se insinuam muitas vezes em uma pergunta banal, feita por labios amantes? Não estava porventura transpirando das palavras da moça um queixume pela preferencia dada a uma distracção que ella não partilhava?

— E' um meio de passar o tempo, respondeu Miguel.

— Não lhe diverte mais ler? Mamãe deu-me um livro mui lindo, que eu acabei hontem. E' a *Cabana Indiana.* Eu lhe.... Mano podia emprestar-lhe.

— Já li; disse simplesmente Miguel.

— Não é tão bonito?

— Muito.

— Eu queria ter uma cabana assim; continuou Linda.

Miguel sorriu-se da innocente phantasia da moça, e ella, rastreando em seu espirito o fio daquelle pensamento, sem aperceber-se de que podiam perscrutar-lhe o resto, voltou-se de novo para o moço.

— O senhor não deseja formar-se?

— Era o meu sonho! replicou Miguel vivamente; e logo retrahindo-se ao habitual socego: — Mas para que pensar nisto?

— Mano vae no fim deste anno. Podiam ir junctos; seriam dous camaradas para se ajudarem.

— Para viver em S. Paulo e lá estudar, é preciso ter dinheiro; e esse me falta; disse Miguel em tom de gracejo.

— Papae lhe empresta.

— Não duvido; mas o difficil é pedir-lhe eu.

— Porque razão?

De boa vontade, riu-se Miguel da insistencia da menina:

— Quem nada tem de seu, não pede emprestado; salvo quando não pretende pagar.

— E' verdade!

Miguel recobrára o bom humor que perdêra um instante com os motejos de Bertha; e divertia-se com os projectos que Linda formava a seu respeito. Não era elle desses que lançam á conta dos ricos e fartos a culpa de sua pobreza; e se despeitam contra o mundo da ingratidão da fortuna. Acceitava sua condição como um facto natural e com certa philosophia practica rara em mancebos.

—Pensando bem, é melhor assim ; disse elle a Linda ; si eu me formasse, teria ambições que não são para mim, e viria talvez a soffrer grandes dissabores ; emquanto que ficando no meu canto, viverei tranquillo juncto daquelles a quem amo. Para que ha de a gente affligir-se por cousas que não valem sinão dissabores, como vejo tantos fazerem por ahi?

Affonso tinha-se apartado,e dando volta ao outeiro preparava-se para pregar em Bertha uma das peças costumadas. Já elle se esgueirava sorrateiramente entre a folhagem para tomar de sorpreza a menina ; quando esta que estivera a olhar na esplanada alguma cousa que lhe chamava a attenção, desceu a correr para a figueira, e veio interromper o colloquio.

— Onde vae o sr. Galvão?

— Papae foi a Campinas, onde pre-

tende se demorar alguns dias, respondeu Linda.

— Você não me disse nada.

— Só hontem elle resolveu e contra a vontade de mamãe que ficou tão assustada.

— Porque ? perguntou Miguel.

— Tem-se fallado de esperas que andam fazendo aqui perto, e hontem appareceu juncto da fazenda um homem muito máu.

— O bugre ! disse Affonso.

— Jão Fera ? exclamára Miguel trocando um olhar com Inhá.

— Isso mesmo.

Bertha cobriu-se de uma lividez mòrtal, e sua mão tremula constringiu o seio como para reter o coração que lhe fugia.

— Eu tambem, proseguiu Linda sem notar a perturbação da amiga ; estou bem assustada. Não quiz mostrar para

não agoniar mamãe ainda mais do que ella estava; porém quando me lembro que papae tem de passar por esse logar da *Ave-Maria*, fico fria e toda tremula.

— Ora, menina, deixe-se de fanniquitos, replicou Affonso a rir. Sinão chamo já o tal Jão Fera para tirar-lhe o susto. E' como se faz com as creanças, para não terem medo do calhambola.

— Esteja socegada, que nada ha de acontecer; eu lhe prometto! disse Miguel.

— Obrigada! Mas papae demorou-se muito. Para a hora que sahiu já devia estar bem longe.

Fazendo este reparo dirigiu-se Linda ao outeiro para observar o caminho. Miguel a foi seguindo, esforçando por manter-se de animo sereno afim de não redobrar o susto da moça. Entretanto não

deixava elle de estar inquieto e impressionado, recordando-se do encontro que tivera a pouco tempo com o feroz capanga, e sobre o qual julgára prudente callar-se.

— Agora é que passou a ponte! acodiu Linda com a satisfação de ver o pae, e a preoccupação do motivo daquella demora.

Ella não sabia do incidente da volta por causa das amostras; mas era elle tão natural que occorreu a Miguel.

— Talvez tivesse esquecido alguma cousa.

— Ha de ser isso. Vamos, mano, que são horas.

— Onde está Bertha? perguntou Affonso que a procurava desde alguns instantes.

— Escondeu-se conforme o costume para fazer tutú! respondeu Miguel.

— Bertha! chamou Linda.

— Aqui não está. Já corri tudo.

— Dê lembranças a ella, Miguel: não posso esperar; já é tarde.

— Ahi adeante a encontra de emboscada no caminho, Linda.

— Si eu a pilho! disse o Affonso apertando a mão de Miguel.

Os dous irmãos atravessaram a capoeira, espreitando por entre as folhas, mas não viram sombra de Bertha.

Nesse momento sôou de novo o mesmo estranho clamor que antes se ouvira; mas desta vez gania a voz com tal impeto e frenesi que estrangulava-se.

— Til! Til! Til!...

Na roça estavam os pretos no eito, estendidos em duas filas, e no manejo da enxada batiam a cadencia de um canto

monotono, com que amenisavam o trabalho :

Do pique daquelle morro
Vem descendo um cavalleiro.
Oh ! gentes, pois não verão
Este sapo n'um sendeiro?

Adubavam o mote com uma descomposta risada e logo apoz soltavam um grito gutural :

— Pxú ! Pxú !

Têm os pretos o costume de entresacharem nas toadas habituaes, seus improvisos, que muitas vezes encerram epigrammas e allusões. Bem desconfiava pois o feitor de que a tal cantiga bolia com elle, e o sapo não era outro sinão um certo sugeito bojudo e roliço, de seu intimo conhecimento ; mas fingia-se desapercebido da cousa.

Quando passaram os dous irmãos, a um signal do cabeça de eito, os pretos fizeram um floreio de enxadas, suspendendo-as ao ar com a mão esquerda, e com a direita pediram a bençam.

XIV

A VESPA

Onde sumira-se Bertha, que não a descobria Miguel já cançado e aborrecido de a procurar por quanta moita e sebe alli havia?

Ouvindo Linda fallar dos sustos de d. Ermelinda a proposito da viagem de Luiz Galvão, soffrêra a menina um choque violento, que redobrou quando foi proferido o nome de Jão Fera, o terrivel capanga, a quem poucos momentos antes

encontrára, e do qual se contavam cousas inauditas.

No olhar que relanceou-lhe Miguel, avivaram-se as palavras que recentemente haviam escapado ao moço, quando fallava das desgraças que sempre acompanhavam o apparecimento daquelle homem sinistro em qualquer logar.

E' verdade que muitas vezes, como confessára a Miguel dissuadindo-o de taes idéas, costumava ella encontrá-lo naquellas mesmas paragens, durante as longas excursões que fazia pelos campos. Mas, recordando-se do aspecto e modo com que nessas occasiões lhe apparecia Jão, reconhecia que nessa manhã trazia o capanga no vulto e no semblante o que quer que fosse de soturno e ameaçador.

— Nos outros dias, parecia-me tão bom e humilde. Custava-me a crer todo o

mal que dizem delle ; e até ás vezes dava-me na vontade perguntar-lhe si era verdade. Mas tinha pena delle. Havia de affligi-lo muito. São cousas ruins as que por ahi contam. Meu Deus ! E' possivel que se mate gente assim com tamanha barbaridade ?... Aquella cara amarrada que elle tinha hoje ; e os olhos fundos, e os modos arrebatados... Bem se via que levava uma maldade no pensamento. E para que nos veio seguindo por dentro do matto até juncto da tronqueira, e depois sumiu-se para a banda da Ave-Maria, de que Linda fallou a pouco, e por onde o sr. Galvão não tarda a passar ?... Ah ! o coração me diz: Elle está na tocaia, e é para o sr. Galvão mesmo !

Estas reflexões tumultuavam no espirito de Bertha, que rompia o matto, fustigado o rosto pelos ramos das arvores e

magoadas as mãos em partir as enrediças.

Ao recobrar-se do sossobro que tivera, escutando as palavras de Linda, ella affastára-se a pretexto de subir de novo o outeiro, e certificar-se da altura em que iam os viajantes. Descendo porém rapidamente a outra encosta, penetrou na floresta e desappareceu, antes que pudesse o Affonso já á cata, seguir-lhe a pista.

Valia a Bertha conhecer perfeitamente o sitio, que muitas vezes antes percorrêra com Miguel. A Ave-Maria ficava muito perto dalli, para quem atalhava o caminho, levando rumo direito por entre a brenha e ao longo do costão que alombava o penhasco até a azinhaga. Uma vereda havia que serpejava pelo dorso do espigão, e sahia no tope da garganta.

A estrada principal da fazenda, por onde seguira Galvão, descrevia uma larga curva contornando as terras a que servia de extrema; e vinha passar em pequena distancia á direita do Tanquinho, cerca de uma milha da casa das Palmas, situada no recosto da esplanada.

Calculou Bertha portanto que tinha sobre o viajante um grande avanço, e podia alcançar antes delle a azinhaga, para certificar-se de que a passára incolume, ou para salvá-lo de qualquer modo, que a menina não podia imaginar.

Para isso porém era indispensavel que o matto não lhe tolhesse o passo nem embaraçasse a carreira; e pois buscava ella descobrir o trilho no alto do espigão.

Não pôde achá-lo. A perturbação em que

a deixára o choque, augmentada com a convicção de estar Jão na tocaia, lhe roubára a calma necessaria para orientar-se no meio daquelle dedalo inextricavel, tecido pelas guitas dos cipós e vergonteas das arvores.

De subito estremeceu ella, ouvindo estalar os ramos com violencia despedaçados, farfalhar a folhagem rudemente agitada e reboar nas abobadas da floresta o estrupido de um passo duro e pesado.

Gente ou bruto, o que era rompia pela matta, abrindo passagem a rapida carreira, que não encontrava obstaculo para detê-lo.

Dir-se-hia a disparada de uma anta, si não fosse uma certa ondulação do rumor que indicava não levar a corrida alvo certo, mas desviar-se para um e outro lado, fazendo voltas, como si a di-

rigisse uma vontade, perplexa no rumo, embora impetuosa na investida.

Parando para concentrar um momento a attenção, convenceu-se a menina que a seguiam; e sua fronte decidida vibrou um gesto de soberba contrariedade. Chamando a si toda a energia de seu character, e todas as forças de sua fina tempera, Bertha de novo arremessou-se, e rompeu o matto com o desespero de escapar á perseguição.

Infelizmente, quando ella suppunha ter ganho vantagem, cahiu em uma sebe emmaranhada; e ahi ficou enleiada pelas meadas de enrediças que faziam entre os galhos das arvores um tecido de folhagem. Debalde tentou a menina desvencilhar-se, cada vez mais se prendia.

Entretanto approximava della rapida-

mente o som da outra corrida; e não tardaria muito que chegasse alli.

Occorreu então a Bertha uma idéa, encolhendo-se dentro do escondrijo, que lhe deparára tão propicio acaso, quedou-se á espera, sem rumor, cortando subtil com os dentes as cordas dos cipós que a enleiavam.

Chegou emfim a corrida e passou como um turbilhão cerca de duas braças do logar onde ella estava sem que se pudesse distinguir mais do que um vulto pardo, que bruxoleou entre o massiço da folhagem. Algum tempo aquelle tropel serpejou cerca, até que perdeu-se na distancia.

Surdiu Bertha do escondrijo, onde aproveitára o tempo, não só a destrinçar a teia que a envolvia, como a colligir as vagas lembranças daquelles sitios. Lá não muito longe, vira ella sob as crastas

de verdura descarnar-se o rochedo; a vereda passava por cima.

Cahindo em fim no treito, precipitou a corrida, e de um folego chegou á brenha da azinhaga. Ahi hesitou um instante. Em que ponto do despenhadeiro estaria de emboscada o capanga? Onde e como descobri-lo? Chegaria a tempo? Não seria frustrada a louca esperança que a trouxera?

A cada momento parecia-lhe que estourava o bacamarte, alli talvez bem perto della; e que todo seu impetuoso affan não lhe servira sinão para ser testemunha de uma atrocidade infame; e assistir aos ultimos arrancos do fazendeiro, a quem viera salvar.

Nisto soou rumor do lado das Palmas. Já o estrupido reboava nas lobregas socavas, signal de que os animaes pisavam a chapada que servia de respaldo á en-

trada do despenhadeiro. Era Luiz Galvão, não podia ser outro.

Cega, esvairada, a menina quiz arrojar-se naquella direcção para fazer parar o viajante, e impedir-lhe que passasse. Mas deante della abria-se um barranco profundo. Lançando olhos anciados em torno, lobrigou entre a folhagem um vulto negro; e ficou hirta. Reconhecêra a camisa de baetão preto que trazia naquella manhã Jão Fera; e a um movimento de cabeça vira o collo musculoso distender-se como uma serpente.

Era com effeito o capanga, que, advertido pelo tropel dos animaes, espreitava, com a faca apunhada, o momento de arrojar-se á frente.

Como dissera Luiz Galvão ao almoço, o bugre não feria de emboscada; luctava de rosto, e corpo a corpo, barateando a

vida. O bacamarte descançava encostado ao tronco; e o chapéu cahido ao chão, deixava em pleno ar a cabeça revolta, que fervia-lhe com o jorro de sangue arremessado pela sanha a subverter-lhe o coração.

Approximava-se Luiz Galvão; e Bertha presa de um espasmo de horror, que lhe suffocára a voz e crispára o corpo, não podia soltar um grito, nem dar um passo para preveni-lo.

Chegára o fatal momento.

Colhendo o lombo como o tigre para distender o salto, Jão Féra arrancou. A nuca, porém, lhe vergára contra os hombros, ao impulso de mão invisivel que lhe travára dos cabellos. Ao mesmo tempo soava-lhe ao ouvido uma palavra soturna, mas carregada de colera e desprezo:

— Malvado !...

O capanga voltou-se rabido e feroz como o tigre picado pela vespa.

Estava em face de Bertha.

XV

O RELICARIO

Era medonha a catadura de Jão Féra quando voltou-se.

A fauce hiante do tigre, sedento de sangue, ou a lingua bifida da cascavel, a silvar, não respiravam a sanha e ferocidade, que desprendia-se daquella physiognomia entumecida pela furia.

Bertha, ao pimeiro relance, sentiu-se transida de horror; e o impulso foi precipitar-se, fugir, escapar a essa visão que a

espavoria. Reagiu, porém, a altivez de sua alma e a fé que a inspirava.

Travando as mãos ambas um galho que encontraram acaso atraz da cintura, e crispados os braços como duas molas d'aço brandidas, conseguiu manter-se com o talhe erecto e a fronte sobranceira, arrostando em face aquella rabia formidavel, que terrificaria ao mais bravo.

Jão Féra, reconhecendo a menina atravez da nuvem de sangue, que lhe inflammava o olhar, e vendo-a affrontar-lhe os impetos, não abateu logo de todo o fero senho, mas foi-se applacando a pouco e pouco. A ira que se arrojava do seu aspecto retrahiu-se e de novo afundou pelas rugas do semblante, como a panthera que recolhe á jaula, rangendo os dentes.

Sua alma se impregnava do fluido luminoso dos olhos de Bertha, e elle sen-

tia-se trespassado pelo desprezo que vertia no sorriso acerbo esse coração nobre e puro, sublevado pela indignação. De repente começaram a tremer-lhe os musculos da face, como os ramos do pinheiro percutidos pela borrasca; e as palpebras cahiram-lhe, vendando-lhe a pupilla ardente e rubida.

— Estavas aqui para matar alguem? perguntou a menina com um timbre de voz, semelhante ao ringir do vidro.

Respondeu o capanga com uma palavra, que em vez de sahir-lhe dos labios, aprofundou-se pelo vasto peito a rugir como si penetrasse em um antro.

— Estava.

— Que mal te fez essa pessoa?

— Nenhum.

— E ias assasiná-la?

— Pagaram-me.

— Então, matas por dinheiro? perguntou Bertha com a vehemencia do horror, que lhe causava essa torpe exploração do crime.

— E' meu officio! disse Jão Féra com uma voz calma, ainda que grave e triste.

— E não te envergonhas?

Com um assomo de soberba indignação foram proferidas estas palavras pela menina cujo olhar vibrante flagellava as faces do sicario. Este erguêra a fronte num impeto de revolta, pungidos os brios pela humilhação:

— Envergonhar-me de que? Não feri, nunca feri homem algum de emboscada, ás occultas, a meu salvo. Ataco de frente, a peito descoberto. Si mato é porque sou mais valente e mais forte; mas arrisco minha vida, e umas quantas vezes, bem

mais do que esses a quem despacho, pois sou um só contra muitos.

— Que importa isso? A miseria está em venderes a vida de teu semelhante, si acaso és tu homem e não féra como te chamam.

Um riso de ironia feroz arregaçou o labio do capanga.

— E a vida é cousa que não se venda? Ahi estão comprando-a todos os dias e até roubando. A minha, não a queriam, quando me recrutaram? Foi preciso barganhar por outra, sinão lá ia acabar em alguma enxovia.

— Assim não te causa a menor repugnancia derramar o sangue de teus semelhantes em troca de alguns vintens?

— Sangue de gente, ou sangue de onça, todo é um; tem a mesma côr, e a mesma maldade. Já estou acostumado com elle.

Sente-se a fumaça do churrasco. Eu gosto! disse o sicario dilatando as narinas, como si exquisito aroma lhe prurisse o olfacto.

— Tu és um monstro! disse Bertha a final com uma explosão de horror. Quando te pintavam como um assassino, auctor dos maiores crimes, e capaz de commetter toda a especie de atrocidade, eu não queria crêr; porque duvidava que um homem pudesse transformar-se em um tigre carniceiro; e tambem porque tantas vezes te vi tão socegado e cuidadoso commigo, e eu não podia imaginar que se pudesse ter esse rosto bom e tranquillo, tendo-se dentro do coração uma caninana.

A estas ultimas palavras, em que a voz da menina sombreára-se com uma entonação affectuosa, o corpo robusto do capanga oscillou com intima e rija vibração,

como o prócero ibiratan quando a seiva exhuberante irrompe lascando-lhe o tronco. Na expansão violenta de sua alma, arrojava-se elle aos pés de Bertha e ia cahir-lhe de joelhos, quando um olhar embaciado e glacial o reteve offegante e esmagado:

— Agora creio em tudo, no que me disseram, e no que se póde imaginar de mais horrivel. Que assassines por paga a quem não te fez mal, que por vingança practiques crueldades que espantam, eu concebo; és como a sussuarana, que ás vezes mata para estancar a sêde, e outras por desfastio entra na mangueira e estraçalha tudo. Mas que te vendas para assassinar o filho de teu bemfeitor, daquelle em cuja casa foste creado, o homem de quem recebeste o sustento; eis o que não se comprehende; porque

até as féras lembram-se do beneficio que se lhes fez, e têm um faro para conhecerem o amigo que as salvou.

— Tambem eu tenho, pois aprendi com ellas; respondeu o bugre; e sei me sacrificar por aquelles que me querem. Não me torno, porém, escravo de um homem, que nasceu rico, por causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro. Não foi por mim que elle fez isso; mas para se mostrar ou por vergonha de enxotar de sua casa a um pobre diabo. A terra nos dá de comer a todos e ninguem se morre por ella.

— Para ti, portanto, não ha gratidão?

— Não sei o que é; demais, Galvão já pôz-me quites dessa divida da farinha que lhe comi. Estamos de contas justas! acrescentou Jão Féra com um suspiro profundo. Assim não era por elle

que eu o queria poupar; mas por outra pessoa.

O capanga quiz fitar na menina a pupilla ardente; mas não teve forças de erguer o olhar, que pesava-lhe como uma trave e abatia-se ao chão:

— Foi por mecê, disse a voz submissa.

— Por mim? Por mim; e entretanto estavas aqui; e ias matá-lo?

— Quando ajustei não sabia e gastei o dinheiro. Agora não tenho para restituir...

— Pois eu não quero, ouves, não quero que lhe toques!

Jão Féra estremeceu:

— Empenhei minha palavra! disse o capanga inflexivel como a fatalidade.

— Desempenha!

— Si pudesse! exclamou Jão com o

accento do desespero, e concluiu succumbido :

— Não tenho quarenta mil réis!

Um riso estridente de cholera escarninha agitou o labio de Bertha.

— Dinheiro? Porque não o roubas? Tens vexame? Um assassino que farta-se de sangue, com escrupulo de metter a mão na bolsa alheia. Ah! Ah! Ah!...

A tortura que soffria Jão Féra não se descreve. Foi com a voz estrangulada por dôres cruentas que elle balbuciou :

— Jão Bugre é um homem de honra!

— Ah! és um homem de honra! Pois então vae, corre! Aquelle que escapaste de assassinar te dará de esmola o preço porque ajustaste sua morte, como te deu outrora o pão com que matavas a fome!

Ante este ultimo e pungente sarcasmo

o capanga succumbiu, desfigurando-se horrivelmente. Nas crispações do rosto, como nos espasmos das pupillas, sentiam-se as vascas da convulsão que laborava aquella alma.

— Jura que o respeitarás!

— Não posso! murmurou o capanga com um arranco.

— Jura!

— Minha palavra!...

Era tal a angustia dessa voz soluçante, arquejada por uma ancia do coração; e tamanha desolação cobria aquella organisação possante e indomita, agora esmagada sob a mão fragil de uma creança; que Bertha commoveu-se profundamente.

— Toma, vende e desempenha a tua palavra!

E estendeu-lhe a mão com o cordão de

ouro que tirára do pescoço e ao qual estava preso o amuleto e a cruz.

— O que? disse Jão abaixando a cabeça para distinguir o objecto, tão cego estava da agonia daquelle transe.

— O relicario de minha mãe!

Estalou com um grito horrivel e bravio o peito de Jão Féra, que arremessando-se longe, desappareceu nas brenhas.

Foi o tempo em que pela rampa do barranco despenhava-se um corpo humano, que veio cahir estrebuchando aos pés da menina, com a gorja a estertorar, e os dentes a ranger.

Bertha o reconheceu.

Era Braz, o idiota.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

TIL

J. DE ALENCAR

TIL

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

RIO DE JANEIRO

EDITOR PROPRIETARIO

B. L. GARNIER. — RUA DO OUVIDOR N. 69

1872

Typographia da—Republica—rua do Ouvidor n. 132

I

A SURA

Na entrada do valle, onde assenta a freguezia de Sancta Barbara, via-se outr'ora á margem do Piracicaba, escontra o rio, um velho casebre.

Era uma antiga construcção de taipa; e mostrava com pouca differença o aspecto commum ás habitações medianas que, naquella parte da provincia de S. Paulo, se encontram de espaço em espaço pela

beira do caminho, e á distancia dos arraiaes e povoados.

A porta de entrada ficava no meio entre duas janellas estreitas, com um só caixilho, coberto de esteira em vez de vidro. Tanto as portadas, como as folhas, estavam cobertas de uma pintura côr de ferrugem, que destacava na parede da frente, branquejada com tabatinga.

A um lado da casa cresciam umas encarquilhadas larangeiras da China e um pecegueiro; no outro havia canteiros, onde espigavam no meio da hervagem couves gigantes, já com pretenções a arbustos, de tão velhas que eram.

Mais longe, no grammado se erguia um frondoso pau-ferro, á cuja sombra costumavam se abrigar da calma, durante a sesta, um cavallo magro, uma vacca e alguns bacorinhos, que levavam o resto

do dia a roer o capim já tosado até a raiz.

Mediavam tres dias depois que Bertha salvára a vida a Luiz Galvão, retendo o impeto do Jão Fera.

Amanhecêra de pouco. Estava um dia de hinverno frio e brumoso. Forte cerração cobria o valle, condensando-se ao longo do rio. A trechos, grossos borbotões de neblina mais espessa desdobravam-se do viso dos montes ao sopro da viração, e rolavam como vagas por esse mar de nevoas.

Vistas atravez do véu, as arvores tomavam um aspecto vaporoso e fantastico, e ás vezes figuravam os espectros, de que a abusão povôa os ermos, a fugirem espancados com os primeiros albores do dia.

Abriu-se a porta que dava para a va-

randa, corrida nos fundos da caza; e assomou o vulto gentil e esbelto de uma moçoila que trazia ao braço um sacco de chita. Apezar da cerração, era facil de conhecer Bertha, pela garridice petulante dos gestos e meneios.

Aos saltinhos, ganhou a menina o quintal onde havia um pequeno jardim, si tal nome cabe a moutas de rozeiras, mangericão e malmequeres, plantados de mistura e sem arte dentro de um cercado de varas, entre as quaes estavam suspensos alguns cacos de barro com pés de craveiros.

Apenas affastou Bertha a faxina que servia de porta ao cercado, sahiu debaixo de sua palhoça uma gallinha sura e muito arripiada. Não tinha pés a pobre, que lh'os haviam roido á noite os ratos; andava aos trancos, sobre os cotos que

mal a ajudavam a saltar, e incapazes de sustê-la, a deixavam cahir a cada passo, cobrindo-a de terra, o que a fazia mais feia ainda.

Tanto que a avistou, correu a menina a seu encontro e tomando-a ao collo, deu-lhe a comer um punhado de milho que tirou do sacco. Farta a gallinha da sua pitança, levou-a Bertha á bica, para matar-lhe a sêde, e lavar-lhe as pennas sujas de poeira e cisco.

Depois que assim desvellou-se em pençar a pobre ave, dando-lhe a nutrição e aceio, a menina a deitou na palhoça, que a seu rogo fizera Miguel num canto do cercado, para abrigo de sua protegida.

Nos gestos de Bertha, durante esses cuidados, já não se notava a travessa alacridade que scintillava de ordinario em seus movimentos; e era, póde-se bem

dizer, a radiação de seu genio. Sua graça então era séria ; havia em seu lindo semblante uma serena effusão da ternura que fluia-lhe dos olhos meio vendados, e dos labios descerrados por um riso gentil.

Bem se conhecia, ao vê-la embebida naquella occupação, que não havia ahi para ella unicamente o attractivo de uma affeição de creança, como todos na meninice sentimos, uns pelas bonecas, outros pelos cães ou passarinhos. Impulso mais forte era o que movia o coração de Bertha para aquelle misero ente, como para todo o infortunio que encontrava em seu caminho.

Ninguem na casa se importava com essa gallinha, a não ser para fazer-lhe mal. Antes de perder os pés, por ser feia e arisca perseguiam-na a pedradas, quando apparecia no quintal. Depois que a roeu

a ratazana, esteve ameaçada da panella, donde a salvou Bertha, que desde esse dia a tomou a seu cuidado.

Dahi em deante, não houve mais quem bolisse com a sura; porque sabiam que não o soffreria sua linda protectora. E como todos queriam á Bertha de coração, o ponto era mostrar ella predilecção por alguma pessoa, ou mesmo objecto, que porfiavam por lhe adivinharem os pensamentos.

Tendo acommodado a gallinha na sua capoeira coberta de palhas, e mudado a agua do caco; a menina que derramára pelo chão um punhado de milho e couves, entreteve-se alguns instantes a ver suas flôres, umas já de vespera abertas, outras botão como ella, esperando o primeiro raio do sol para desbrocharem.

Entre elles, colheu um de rosa que entrelaçou nos cabellos; e deixando o

quintal, sem demorar-se com as outras gallinhas que a cercavam cacarejando, e ás quaes atirou de passagem o resto do milho; ganhou o campo.

Estendia-se este com pequenas ondulações até a margem do rio, que ficava a umas cem braças da casa. Entre as pitas e crautás, que formavam touças aqui e alli, em torno de algum arvoredo, serpejavam trilhos, cruzando-se em varias direcções.

Seguiu Bertha por aquelle que estendia-se na direcção do rio. Não tinha, porém, dado vinte passos, que voltou-se rapidamente, ouvindo o rumor da porta da varanda que outra vez se abria.

Por entre a folhagem e atravez da neblina viu ella o vulto de Miguel, que parára no quintal, volvendo o rosto de um a outro lado, como indeciso no

rumo que devia tomar. Adivinhou logo a menina que o rapaz lhe percebêra a sahida e vinha disposto a acompanhá-la.

Occultou-se então em uma das touceiras, que embastiam as cortinas de herva de passarinhos, pendentes das ramas de uma velha larangeira do matto. Dahi observou Miguel, o qual depois de vagar um instante perplexo pelo campo, metteu-se pela vereda parallela ao rio, e pouco depois desappareceu por detraz de uma ponta de capoeira.

Continuou então Bertha o seu caminho; mas receiosa de que o rapaz a estivesse espreitando ou voltasse de repente, ora avançava tremula de susto, hesitando a cada passo e de chofre escondendo-se atraz das arvores; ora disparava a correr para encobrir-se no mato que bordava o sopé da collina.

II

ZANA

Ao passar pela garganta de dous outeiros pedregosos, que formavam abraçando-se uma estreita e humida charneca, Bertha bateu com força as palmas das mãos breves e delicadas.

Ouviu-se perto um ornejo soturno, que mais parecia gemido; e logo depois surdiu dentre o massiço da folhagem a enorme orelha de um burro, que a muito custo movia o passo tropego. De magreza

extrema, resaltavam os ossos a modo que pareciam prestes a furar-lhe o couro. Era propriamente uma carcassa, coberta com espessa crosta da lama, onde o animal estivera deitado e lhe seccára no pello.

A outra orelha, que não apparecia, a perdêra elle na mesma occasião em que de uma foiçada lhe vasaram o olho esquerdo, levando-lhe boa parte da cabeça. Parece que o arteiro do burro conseguira furar a cerca da roça de um caipira, e regalava-se de milho verde e tenra fava. Mas sahiu-lhe cara a golodice.

No misero estado em que o puzera o caipira, pôde, arrastando-se, chegar áquella charneca, onde se deitou, quasi muribundo, em um brejal. Com pouco os urubús vieram pousar nas ramas da embaúba.

Acaso passou Bertha pelo caminho e

ouvindo gemidos, foi, guiada pelos abutres, dar com o animal agonisante no meio de uma touça de junça. Movida de compaixão, venceu a natural repugnancia que lhe devia causar o aspecto da ferida para lavá-la e cobrir com folhas de fumo atadas por embira.

Do fumo sempre ouvira fallar como remedio para todos os achaques. Si não servisse para ferimentos, em todo o caso guardava o talho contra as moscas e tavões.

Repetiram-se estes cuidados, até que a final começou a ferida a cicatrisar; mas deixára o burro em tal lazeira, que ainda era duvidoso si escaparia. Não desanimou Bertha, em cuja alma se produziam na maior effervescencia os transportes dessas abnegações vehementes, que são para certas nature-

zas uma necessidade irresistivel de expansão.

— Coitado do cotó! Ainda está muito magricella?... disse a menina com um carinho compassivo.

E tirou do sacco meia duzia de espigas de milho, que o animal devorou com uma gana de convalescencia.

Debulhado o ultimo sabugo, farejou o burro o sacco, donde se escapavam umas exhalações que lhe pruiam agradavelmente o olfato.

Rindo, outra vez metteu Bertha a mão no seu inexgotavel sacco, e trouxe um punhado de farinha que o burro lambeu-lhe das palmas. Dando então uma ligeira tapa na belfa do animal, deitou a correr pelo campo fóra seguindo a mesma vereda.

Atraz de um fraguedo, cuja falda atra-

vessava o leito do rio, abrolhando-lhe a corrente, existia naquelle tempo uma casa em ruina. Já tinha desabado metade da parede do sotão e o telhado abatia aos poucos, rompendo os caibros podres.

Da cosinha, que ainda se conservava em bom estado, com excepção da porta já tombada ao chão pela ferrugem das dobradiças; sahia um som roufenho e soturno, como o grunhido de um porco. Acocorada a um canto, com o queixo sobre os joelhos, e os cotovellos fincados ao peito cerrando a cara, descobria-se uma creatura humana, dobrada sobre si a modo de trouxa.

Era uma preta velha, coberta apenas de uma tanga de andrajos, e que resmoneava, batendo a cabeça com um movimento oscillatorio semelhante ao do calangro. De tempo em tempo desdo-

brava um dos braços descarnados, insinuava ligeiramente a mão pela espadua, e fazia menção de matar uma pulga que imaginava ter presa entre o pollegar e o indicador.

Havia algum tempo já que Bertha parára á porta da cosinha, sem que a estranha creatura désse o menor signal de a ter percebido.

— Zana! disse afinal a menina.

Estremeceu a negra, e poz-se á escuta daquella voz, como si viesse de longe, de bem longe, e só mui de leve lhe ferisse as ouças. Não se repetindo o chamado, voltou á primeira posição, e continuou a resmonear, abanando a cabeça coberta de uma carapinha grisalha da côr da lã churra do carneiro.

Entretanto Bertha approximou-se de uma prateleira que havia na parede,

juncto ao fogão, para esvaziar alli o resto do sacco. No velho alguidar esborcinado, deitou a farinha de milho ; e sobre a taboa algum feijão e torresmos de carne de porco, embrulhados em folhas de couves.

Recostando-se então á aba da prateleira, a menina com os olhos fitos na preta começou em um tom brando e suavissimo a repetir este acalanto :

Cala a bocca, anda, nhásinha,
Ay-huê, lê-lê !
Sinão olha, canhambola,
Ay-huê, lê-lê !
Vem cá mesmo, Pae Zumbi,
Toma, papa nha Bêbê !

A' porporção que a menina cantava, á preta desrugava-se o rosto contrahido por um espasmo, que lhe deixára impresso no semblante alguma profunda angustia. Uma vaga expressão de sor-

riso chegou a illuminar aquella physiognomia bruta e repulsiva. Os olhos pouco antes baços e quasi extinctos desferiram um lampejo, e vagando um instante pelo aposento, se fixaram em fim no vulto de Bertha.

— Bêbê !... regougaram os grossos beiços da negra com uma voz que não parecia humana, embora repassada de extrema doçura.

Depois arrancou do peito carvernoso a mesma toada do acalanto, cujas palavras truncava por fórma que sómente se percebia dellas a sonancia confusa e extranha. Dir-se-hia que ella cantava em algum dialecto africano, tão barbara era a pronuncia com que se exprimia.

Entretanto fora della mesma que Bertha aprendêra a cantilena por tê-la ouvido repetir muitas vezes. Imagine-se

que esforço de paciencia e attenção não fôra necessario á menina para decifrar entre os sons ignotos e quasi inarticulados, as palavras da cantiga, que ella dantes nunca ouvira.

Mas a pobre louca era uma das miserias sobre que se derramava como balsamo a alma de Bertha. Desde creança se habituára a passar ahi algumas horas, de quando em vez; tornando-se moça vinha regularmente duas vezes por semana visitar a sua protegida e trazer-lhe o sustento.

Esperou Bertha com a maior paciencia que Zana acabasse de cantar; e então mostrando-lhe as provisões, conseguiu que ella comesse alguns boccados, dados por sua mão. Para que a doida abrisse a bocca, porém, era necessario que a menina estivesse a repetir de momento a

momento duas palavras que pronunciadas por sua voz carinhosa produziam sobre esse espirito enfermo um effeito magico.

— Zana, bêbê!......

III

A VISÃO

Sentára-se Bertha na soleira da porta da cosinha, e com a vergontea que partira do galho secco de um marmeleiro, traçava lettras no chão do quintal.

Eram iniciaes de nomes, que ella tinha no coração ou na memoria; e naquelle momento de scisma lhe acudiam de envolta com as recordações de sua modesta existencia, á qual estavam entrelaçadas.

De instante a instante, voltava o rosto

para observar Zana, que, já completamente alheia e desapercebida de sua presença, continuava a menear a cabeça com a mesma incomprehensivel surdina; ou arrancava da taipa um torrão de barro, que mastigava com avidez.

Nessas occasiões fitava Bertha os olhos em uma restea de sol, que, penetrando pela fresta practicada no alto da parede exterior, cortava obliquamente o aposento com uma faxa de luz. O raio esbatido na taipa do fundo se inclinava gradualmente com a elevação do sol no horisonte, e descia vertical sobre o canto onde se acocorava habitualmente a louca.

A folhada crepitou com um estalido cadente,que indicava passo de homem ou animal a caminhar por entre o matagal, que cercava as ruinas e ameaçava affogá-las sob a basta ramada.

Olhava a menina assustada para o lado de onde viera o rumor, quando na balsa fronteira lobrigou um vulto pardo que resvallava por detraz do tapigo, e cujo offêgo susurrava entre as folhas.

Ligeira escondeu-se Bertha na cosinha, e por uma fenda que havia no aposento proximo, outr'ora dispensa, espreitou o circuito. Mas um incidente a distrahiu desse proposito, chamando sua attenção para o interior.

A restea de sol, descendo, batêra na cabeça de Zana, que se ergueu esfregando os olhos, e approximou-se do fogão. Agachada em frente ao bueiro, começou a soprar, como si houvesse alli nas grélhas algum brazido coberto pelo borralho; entretanto o tijollo gretado, que servia de lareira, já não conservava nem restos de cinzas.

Depois de algum tempo empregado na chimerica operação de accender um fogo ausente, a louca foi á prateleira buscar uns cacos de telha, que se lhe afiguravam panellas ou frigideiras; e fez menção de lavar o trem de cosinha, para preparar a comida.

Em meio dessa occupação, de chofre voltou ella a cabeça, applicando o ouvido, águiza de quem escuta um chamado, e para acudir arrancou do peito um grito aspero e gutural:

— Inhá!...

Immediatamente deixou o fogão, depois de pôr os testos ás panellas, e dirigiu-se pelo corredor á sala da frente, donde passou á alcova proxima. Não havia ahi ninguem; as paredes esbroavam-se; o tecto de fasquias de taquára cahia aos pedaços, e as taboas do

soalho rangiam sobre os barrotes carcomidos.

Zana tinha parado juncto á porta, em attitude de escutar outra pessoa, que por ventura alli estivesse a fallar-lhe. Os gestos rudes, mas expressivos ; os esgares vivos e rapidos, que lhe cambiavam a mobil physiognomia, indicio eram das impressões encontradas que abalavam esse espirito embotado.

Seguira Bertha com anciosa attenção os passos da louca, decorando seus menores movimentos, e observando-lhe á miude a expressão do rosto. Cosida a ella como a sombra ao corpo, roçando-a muitas vezes a seu pezar, ou bafejando-lhe o rosto com o halito, quando acaso se inclinava para espiar-lhe o semblante, nem assim Zana dava fé de sua presença.

Desde algum tempo, em uma de suas

visitas, reparou Bertha na singular mimica da doida, e de principio não viu nisso mais do que um effeito natural da loucura. Mais tarde, porém, notando a insistencia com que a negra repetia os mesmos movimentos, e ordem em que elles se succediam, suspeitou a menina um mysterio.

Não seria essa pantomima a representação muda de uma scena que alli, naquella casa em ruinas, passára outrora, e abalára a alma da negra a ponto de a subverter e hallucinar?

Assim como dizem que a pupilla conserva a imagem da ultima visão, não succederá o mesmo com o espirito, e não ficará nelle gravado, como em estereotypo, o quadro que illuminaram os ultimos clarões da rasão extincta?

Foi este o pensamento de Bertha, que,

attrahida pelo encanto do mysterio, empenhou-se em perscrutar esse ermo onde jazia no seio de uma casa e de uma consciencia, ambas em ruinas, o arcano impenetravel.

De tantas vezes que assistira áquelle esboço rude e taciturno de uma tragedia ignota, já conhecia Bertha todos os seus episodios e incidentes, que mais tarde ella reproduzia de memoria com o affan de penetrar-lhes o sentido occulto.

Até o momento em que Zana entrava na alcova, era facil de comprehender o facto que a reminiscencia da doida retraçava tão ao vivo.

A preta, que era naturalmente a cosinheira da casa, dispertada pelo sol, do costumado cochilo, accendêra o fogo, e preparava o almoço, quando ouviu chamarem-na do interior. Deixou a occu-

paçāo, e acudiu álguem, que estava na alcova.

Ahi ouviu assustada e com espanto o que lhe dizia essa pessoa, e, achegando-se á janella na ponta dos pés, enfiou os olhos na direcção que lhe fôra indicada. Assim permaneceu algum tempo, até que recuou espavorida, com a mascara do terror no semblante, e os ossos dos joelhos a estalarem, batendo um contra o outro.

O que vira ella ?

Não pudera a menina atinar ainda, nem com a explicação desse terror, nem com o resto da historia, que de mais em mais se complicava.

No meio do subito pavor, cobrava Zana a vontade, estendia os braços crispados, parecia tomar um objecto que apertava ao seio convulso, como si o quizesse es-

conder ou suffocar ; e atirava-se fóra do aposento com um impeto de horror que a levava até um cubiculo da cosinha, onde fazia sua dormida.

Dir-se-hia que deitava o seu fardo no chão, e corria ao fogão para tirar dali alguma cousa, que depois de moida espalhava nas palmas das mãos para ir esfregar o objecto escondido no cubiculo.

Sahia então ao terreiro, e passeiava de um a outro lado com os modos de uma ama, ninando creancinha de collo. Era nessa occasião que, balançando o corpo, com os braços arredondados ao peito, ella entoava a monotona cantiga, que Bertha conseguira decifrar.

De repente transmudava-se completamente a doida, passando daquella extrema volubilidade a uma apathia balorda. Parecia fazer-se um vacuo em

suas reminiscencias, que fugiam-lhe deixando a alma sepultada em treva espessa. O semblante se entumecia com a expressão do idiotismo.

Nesse estado de estupor, vagava a passos tropegos pela casa, até que parava authomaticamente na porta da alcova, e estendia o pescoço para dentro. Devia de ser horrivel o espectaculo que alli surgira a seus olhos, porque depois de tantos annos, a só imagem a fulminava.

Eregia-se-lhe o corpo hirto; um grito de terror estalava no peito, e vinha estrangular-se nas fauces. Volvia sobre si; e tombava ao chão, como uma pedra.

IV

O DESCONHECIDO

Tal era o esboço grosseiro do mysterioso drama, que alli se representára e do qual Bertha debalde se empenhava em devassar o segredo.

Mais estimulava a sua curiosidade, o cuidado com que em creança a tinham arredado da casa em ruinas, já inspirando-lhe um terror supersticioso da louca, já recommendando-lhe que nunca se dirigisse para aquella banda.

Tambem quando a menina queria saber a historia de Zana, e a razão por que a negra doida alli vivia abandonada n'uma casa em ruinas, que devia ter pertencido á pessoa abastada; ninguem lhe respondia; mas procuravam uma evasiva para não fallar sobre tal assumpto.

Tudo isto, longe de arredar a menina daquelle sitio, bem ao contrario desenvolvia nella uma dessas tentações de creança que não conhecem obstaculos. A pouco e pouco, de susto em susto, animou-se ao cabo de muitas semanas a approximar-se das ruinas, e observar Zana em distancia, até que afinal se convenceu que era uma creatura inoffensiva a misera doida.

Já tinha então Bertha seus quinze annos, e com a affoiteza da edade tambem ganhára mais largueza e desenvoltura de

acção para sahir de casa e demorar-se fóra sem inspirar cuidados.

Bertha passava por engeitada e ella o sabia, pois nunca lh'o occultavam. Fôra a mãe de Miguel, nha Tudinha, quem a recolhêra e criára com o maior desvello. Na casa, porém, onde se achava emprestada e por commiseração, era ella a verdadeira senhora, pois que os donos se faziam captivos seus, e porfiavam em adivinhar-lhe as vontades para satisfazê-las.

Sem duvida que nha Tudinha queria mais bem ao filho de suas entranhas; mas não tinha para elle os extremos, as debilidades e carinhos, que fazia por essa filha de criação, a engeitadinha. De seu lado, Miguel, embora se extremecesse pela mãe, de certo que pensava mais em Bertha, sua collaça.

Sentindo a seducção que exercia em torno de si, não abusava todavia a menina, transformando-a em uma pequena tyrannia domestica, á imitação de certas creanças dengosas. A não ser para conservar a liberdade, a que a habituára uma educação campestre, no mais esquivava-se quanto podia ao imperio que lhe deferiam os subditos de sua graça e gentileza.

Assim explica-se como podia Bertha passar horas e horas nas ruinas, observando Zana, e esforçando por desvendar o mysterio dessa louca solitaria, que alli vivia ao desamparo, completamente esquecida e nutrindo-se de terra e de raizes cruas, antes que a menina se incumbisse da tarefa de prover a sua subsistencia.

No dia em que estamos não acabou Zana a pantomima de sua visão diaria.

Quando se approximava pé ante pé da janella da alcova, em attitude de quem espreita, os olhos da negra esbarraram com os de um homem. Era o Barroso que assomára de dentro do matto, pouco antes; e dirigia-se passo a passo para as ruinas.

Estremeceu a doida, e tão violenta foi a propulsão, que a fez saltar sobre si. Com os olhos esbugalhados, a bocca escancara e os beiços arregaçados, ficou banza um instante; mas logo, espancada pelo terror, precipitou-se para fóra tão desastradamente que errou a porta e bateu em cheio na taipa.

De novo arremetteu, e, rechaçada pelo choque, andou aos embates contra a parede, até que acertando com o vão da porta fugiu estremunhada do pavor.

Advertida pelo primeiro symptoma de estupefacção da louca, Bertha seguindo-

lhe a direcção do olhar, avistára tambem o Barroso, que nesse momento parado em face da janella, a alguns passos apenas, a encarava com uma expressão de profundo rancor.

Teve medo a menina, e recuou instinctivamente. Estava acostumada a correr só os campos visinhos, onde frequentemente encontrava caipiras e toda a casta de gente malfazeja, de quem aliás nunca se receiára. Esse homem, porém, inspirava-lhe uma indefinivel repugnancia e terror.

Esteve o Barroso a considerá-la alguns instantes, com ar de quem se resolve. Por fim, mascando um riso máu, que revia-lhe dos labios, affastou-se murmurando :

— Eu hei de saber ! Ah ! si fosse !...

Com a partida do desconhecido, recu-

perou Bertha a calma de espirito, e volvia os olhos pela sala procurando Zana, que vira fugir ; quando lhe feriram o ouvido gritos esganidos e suffocados, que vinham do terreiro.

Precipitando-se da alcova, a preta viéra até o terreiro da cosinha, onde, faltando-lhe as forças, abateu-se como um fardo, a que retiram o apoio.

Immediatamente de dentro do balseiro saltou com o arremesso de um gato do matto, uma estranha creatura cuja roupa de grosso brim escuro mosqueado de nodoas, ainda mais concorria para a illusão. Acocorando-se em cima do corpo inerte da louca, apertava-lhe ao pescoço as mãos crispadas, procurando esganá-la, em quanto com os pés e os joelhos malhava-lhe o ventre.

Foi esta scena cruel que Bertha viu de

relance ao chegar á porta da cosinha, chamada pelos gritos. Arrojando-se do mesmo impeto ao terreiro, seus labios lançaram com um tom de sevéra exprobração, o nome do perverso, que espancava tão barbaramente uma creatura inoffensiva.

— Braz!

Não se animou o rapaz a erguer a cabeça, tão acabrunhado ficára, e tão corrido de sua barbaridade. Naquelle instante não haviam forças para obrigá-lo a fictar o semblante de Bertha, e affrontar a colera de seu olhar.

Agachado, como si quizera sumir-se pela terra a dentro, fugira elle antes que a menina chegasse para tirar-lhe a preta das garras; e foi esconder-se por detraz de um marachão da taipa, que esbroára da parede do outão.

Cuidou Bertha de levantar a cabeça da doida, na esperança de reanimá-la, o que só conseguiu depois de muito tempo. Quando a preta se pôde erguer, ajudou-a ella a ganhar o cubiculo, onde á noite se agasalhava a infeliz. Havia tempo lhe trouxera a menina uma esteira, sobre a qual a accommodou, promettendo á si mesma voltar logo mais com aguardente e panno para deitar sobre a contusão que tinham deixado as mãos de Braz.

Este continuava agachado por traz do medão de taipa; espiando á sorrelfa os movimentos de Bertha, quedava-se com a humildade do rafeiro quando espera que a mão do senhor o fustigue pela falta commettida. Ao rumor dos passos da menina, que vinha de seu lado, encolheu-se ainda mais; parecia concentrar-se todo para o transe difficil.

Trazia Bertha no olhar uma profunda repulsão, e o labio frisado por um assomo de cholera. A perversidade do rapaz contra a misera doida a revoltára dolorosamente a ponto de esquecer que tambem esse acto cruel era de um espirito enfermo, e quem sabe si mais digno de lastima.

Parou ella em face do culpado, perplexa, hesitando por ventura no castigo que devia infligir-lhe. Por fim deixou cahir dos labios um sorriso de desprezo e affastou-se rapidamente.

Esperava o rapaz uma severa reprehensão. Este despreso mudo e repentino abandono, o trespassaram de dôr. Quiz levantar-se para correr apóz a menina, e as pernas lhe fugiram. Voltando-se ao rugido que elle soltára, o viu Bertha de joelhos, estorcendo as mãos supplices, e es-

forçando arrancar das fauces uma palavra que o suffocava.

— Não! disse a menina

Esta palavra fulminou Braz, que estrebuchou no chão, estorcendo-se em uma convulsão medonha, que dobrou-lhe o corpo hirto, como si fosse uma verga de chumbo. Espumava-lhe a bocca, e os dentes rangiam com horriveis contracções, que deformavam-lhe o semblante.

Vencida pela compaixão dessa agonia, Bertha correu a elle; e sentada sobre a relva, o tomou ao collo para amimá-lo como o faria a uma creança, acalentando-a com meiguices e carinhos.

V

A POUSADA

Quem transitava pela estrada de Campinas via, meia legoa antes de Sancta Barbara, dous casebres unidos por uma especie de rancho ou telheiro.

Um dos edificios era bem velho, o outro novo; porém ambos de grosseira fabrica, sem reboco nas paredes mal emboçadas, que mostravam entre os torrões de barro as varas atadas com cipó aos frechaes. O chão despido de ladrilho, ou

qualquer especie de soalho, estava cheio de buracos e poças: de pintura não havia traços, nem mesmo de uma simples caiação.

Na extremidade da casa velha, as duas portas abriam para uma especie de taberna, a julgar pelo balcão de pau que dividia o aposento a meio, e por duas ou tres ordens de prateleiras, onde se viam alguns rôlos de fumo em corda, rapaduras envolvidas com palha de milho, e uma duzia de garrafas arrumadas em fila.

Da venda passava-se por uma porta latteral para o aposento proximo que, em sendo preciso, servia de pousada.

Era uma quadra de tamanho regular. Ao centro da parede interna encostava-se uma tosca mesa, ladeada em todo o comprimento por um só banco estreito. Em

cada canto havia uma cama, cuja barra era feita de tiras de couro crú entretecidas a modo de esteira.

Era já sol fóra.

Abrira-se de pouco a taberna, que parecia deserta, como todo o resto da habitação. Ao menos quem passava na estrada, acertando de enfiar os olhos pela porta, não via no mèio da silenciosa immobilidade do interior outro signal de vida a não ser o vôo das moscas pousando sôbre o balcão para sugarem o mel de umas farpas de rapadura, que alli tinham deixado os viajantes da vespera.

Não era, porém, tão absoluta como parecia aquella solidão.

Na venda, por traz de uma quartola, arrumada em cima do balcão e debruços neste, cochilava um sugeito com a cabeça posta sobre os dous braços cruza-

dos em cima da taboa. Quando algum tropél soava na estrada, levantava elle a meio a testa, e enfrestava pela aberta que havia entre a parede e o bojo da quartola uma vista encandeiada pela claridade. Passado que fosse o viajante, voltava á continua modorra.

Ainda moço e robusto, derramava-se não obstante no physico desse homem certo ar de indolencia, que nesse momento mais se carregava com a somnolenta expressão do rosto secco, pallido, baço, e levemente sombreado por alguns raros fios de barba. O cunho especial dessas feições, e particularmente o viez dos olhos com os cantos alçados para as temporas, revelavam o crusamento do sangue americano com a casta bohemia.

Do lado opposto da habitação, em um compartimento, que tinha geito de va-

randa, cozinha e pateo de criação, tudo ao mesmo tempo, fervia a panella posta em uma trempe de pedra no meio do chão. O fogo, apenas alimentado por gravetos, mal cosia o feijão e couves, destinados ao sustento daquelle dia.

Fronteira á janella, sentada ao chão, com os joelhos levantados, e os braços cahidos sobre elles, estava uma rapariga de seus vinte e cinco annos, que parecia muito e muito occupada em observar a fervura da panella; pois não tirava della os olhos, nem fazia outra cousa. Perto della jaziam, espalhados pelo chão, ou dentro de uma gamella, varios pratos brancos de beira azul, uma tigella egual e algumas colheres de estanho.

Differentes vezes já, a rapariga lançára um olhar de enfado para a louça ainda suja do serviço da vespera, e alongava

depois a vista pela porta afóra até lá embaixo no brejal, onde passava o rego da agua, e media a distancia a percorrer. Abria então a bocca em um interminavel bocejo, espriguiçava o lombo estirando os braços; e, quando parecia levantar-se para cuidar na lavagem dos pratos, achatava-se ainda mais no chão, murmurando:

— Tem tempo!

Ouvindo o estrupido de animal na estrada, ergueu o sugeito a cabeça para olhar pela fresta; e seu rosto debuxou, atravez da sorna habitual, um gesto de aborrimento e agastura, produzido pela vista do viajante que se approximava.

Era este homem de trinta annos, de tão alto e esguio talhe que se curvava ao peso de uma cabeça enorme e guedelhuda, ou talvez pelo habito de cavalgar derrea-

do á banda, como usam os caipiras. Sua physiognomia grosseira nada tinha de notavel, a não ser a malha que lhe marchetava de nodoas brancas a tez acobreada, bem como as costas das mãos.

Vestia um pala em bom uso, sobre fina camisa de morim e calça de brim de listra. O chapéu era novo e de meio castor; as botas de couro de veado com chilenas de prata. Trazia no arção da sella uma espingarda de dous canos; e na cinta, uma garrucha.

Parando a mula á entrada da venda, o cavalleiro bateu com o cabo do rebenque na porta, gritando:

— Oh! de casa!... Ainda se dorme por aqui, nhô Chico?... Querem vêr que o diabo do Tinguá está mesmo ferrado na somneira?... Foi volta de samba esta noite, e samba grosso que deu de si até a

madrugada. Não tem duvida! Oh! lá de dentro! basta de dormir! Já deve estar bem cosida a camueca!

Desenganado de que não se ia o importuno, resolveu-se afinal o sugeito da venda a fingir que despertava da somnata; e, estorcendo-se em um ruidoso bocejo, estirou a cabeça por fóra do bojo da quartola.

— Quem é?... Ah! nhô Gonçalo!

— Ora, bem apparecido!... Parece que por cá anoiteceu de madrugada!...

— Não sei o que é; mas ando com uma canceira agora. Tenho scismado que seja dureza. Levo só a dormir!...

No rosto do Chico nem vestigios restavam mais da expressão aborrida que provocára a presença do Gonçalo. Ao contrario, com o riso postiço, e a officiosidade propria dos estalajadeiros, que sabem seu

officio,se erguêra para fallar ao freguez; e, apenas o viu apear, preparou-se para acudir presuroso a seu serviço.

Neste ponto fazia o dono da taberna uma excepção á habitual indifferença com que de ordinario via chegarem á sua casa, e nella pousarem, viajantes de posição muito superior á do Gonçalo. Haveria por ventura a respeito deste alguma rasão particular.

— Bebe-se café por aqui, ou não se usa ?

— Sempre ha de se arranjar !

— Pois então vamos a isto ; emquanto descanço um tantinho. Aqui onde vê este dégas, já desanquei uma capangada ! Quizeram se metter de gorra !...

— Nhánica !... bradou o Chico para dentro. Côa um boccado de café !

Ergueu-se então a rapariga e sem

espriguiçar-se; tirou da trempe a panella de feijão para deitar o boião d'agua; e arranjando o sacco, onde ainda estava o polme da vespera, que servia para dous dias, correu a buscar agua para lavar a louça.

Entretanto o Gonçalo, derreado sobre o balcão, chalrava com o Chico sobre o que vinha a pêllo:

— E o Bugre, como vae? perguntou de repente o Gonçalo.

— Eu lá sei, homem! Anda pelos mattos, emquanto não dão cabo delle, que não tarda muito!...

— Então acha que o filam mesmo? acodiu o Gonçalo com um alvoroto de prazer, que mal disfarçou.

— E' o mais certo! Dizem que estão lhe pondo cerco.

— Ora isso ha muito tempo!

— Mas um dia chega a caipora.

— Como? Si ninguem sabe onde elle vive?...

— Lá isso é verdade! Ninguem!

— Pois eu cá não me escondo! Quem quizer que venha!

De costas para o interior da venda, o Gonçalo, embóra olhasse para fóra, espreitava de soslaio o Tinguá, que nesse momento, debruçado sobre o tampo do balcão, onde fincava os cotovêllos, parecia inteiramente absorvido em examinar as ferraduras da mula.

— Um dos cravos da mão está bambo! disse elle apontando para o casco do animal.

— E mesmo! tornou o Gonçalo, que levantára a pata da mula. Pinche-me cá o martello.

Nesse instante, no topo do caminho que

descia á esquerda pela rampa de uma collina, appareceu uma troça de caipiras. Vinham a pé, com as espingardas ao hombro; e deante delles trotavam a cruzar o caminho e farejar as moitas, dous cães de caça.

VI

O BACORINHO

No inverno costumam passar por aquellas paragens ranchos de caçadores que demandam o sertão para a monteria das antas e veados que ainda abundam nos campos de Araraquara e Botucatú.

Parecia uma dessas partidas de caça o magote de caipiras que parou fronteiro á venda, e para lá encaminhou-se depois de combinarem entre si os companheiros.

Um delles, que parecia ter sobre os ca-

maradas tal ou qual preeminencia, adeantou-se emquanto os outros atravessavam muito vagarosamente a testada da casa.

— Viva, patricio! Queremos arranchar aqui para almoçar!

— Pois sim! respondeu o Tinguá com a sua voz sorneira sem mecher-se do balcão onde continuava debruçado.

Habituados certamente a esse modo de accolhimento, os caipiras foram por si tomando conta da casa, e aboletando-se na pousada. Uns se estiravam nas camas, e outros já sentados no banco juncto á mesa esperavam o almoço com uma fome de caçador.

— Sô Felipe, venha alguma cousa que se masque, para despregar a barriga do espinhaço! exclamou um dos companheiros.

— E tambem que se chupite, para un-

tar os gorgomilhos, e consolar o peito! acudiu outro.

— Ahi vem, camaradas, não se assustem! retorquiu o Felipe.

Dirigindo-se ao balcão, pesquisou elle com os olhos nas prateleiras e por todo o ambito da taberna, o que havia para matar a fome: e sempre arranjou-se com um velho queijo de Minas, algumas rapaduras, e farinha de milho.

— Pode nos dar café? perguntou ao Chico.

— Ha de se poder! tornou o vendeiro.

Rodearam os caipiras a mesa, e devoraram as provisões, depois de terem molhado a garganta com um copasio de boa cachaça de Piracicaba, afim de escorregar-lhes bem o boccado, e não os engasgar.

Na extremidade opposta, tomava o Gonçalo seu café, observando os caçado-

res com a curiosidade natural á vida monotona do interior, mas tambem com um recacho de arrogante fatuidade. Sem duvida tinha-se elle por um grande personagem, incognito áquelles pobres diabos.

— Isso ha de ser tarde já! disse olhando o céu.

Era um pretexto para travar a conversa; mas os outros com a bocca cheia não estavam dispostos á palestra. Apenas o Felipe correspondeu com um meneio da cabeça.

Virou o Gonçalo a palangana de café, e accendeu o pito.

— E' servido? perguntou offerecendo fogo ao caipira.

— Nada, obrigado.

— Ainda que mal pergunte, o patricio vem de longe?

— De Campinas!

— E anda caçando? Por estas bandas ha muito veado e paca; mas como os caetetús este anno, nunca se viu; é mesmo uma praga!

— Nós cá andamos no rasto, mas é de outra caça! atalhou um dos caipiras a rir.

— Viemos desencovar uma onça! acudiu outro.

— E é sussuarana!

— Qual! Tigre verdadeiro!

Fizeram coro os caipiras na gargalhada que despertára o dito do companheiro. Não comprehendendo a pilheria, o Gonçalo estava a olhá-los meio desconfiado, e com um riso ensosso.

— O patricio não lobriga?

— Por vida, que não! tornou o Gonçalo. Ainda que Sussuarana é o sobrenome cá do degas, por causa de ser malhado como a bicha. Não vê?...

E mostrou as manchas da cara.

— Sem fallar da munheca!... Talvez o amigo não acredite; mas onde a vê já pegou quéda de braço com uma; e mais era um bichão da altura daquella porta, sem exageração! Agora quanto ás risadas dos patricios, a fallar verdade não avento!

— E' cá uma historia!

— Por força que ha de conhecer um tal Jão Bugre?

— Conheço bem!

— Pois ahi está a bicha féra que viemos desencovar. Parece que a furna delle fica por aqui perto. Não podia nos dar noticia?

— Mas então os camaradas andam-lhe na pista?

Entrava o Chigo Tinguá, com a pichorra de café e as palanganas que

deitou sobre a mesa; recostando-se depois ao portal da entrada, com a perna trançada e a mão no quadril.

— Não ouviu fallar no Aguiar, do Limoeiro, não?... Um fazendeiro, que o tal Bugre arrumou com duas facadas, ha de andar por uns dous mezes?

— Tenho uma idéa; replicou o Gonçalo.

— O negocio deu brado, porque o homem era rico e andava sempre com uma ruma de capangas. Mas o Bugre fez-lhe as contas.

— E' um temivel!

— Marcado como elle só!

— Nem por isso! observou o Pinta. Mas então é por causa dessa morte que os camaradas vêm prendê-lo?

— O filho do Aguiar dá dous contos a quem fillar o meco.

— Já vê que é caça gorda.

— Não digo que não !

— Si quer entrar na festa ?

Relanceando um olhar ao Tinguá, que parecia cochilar encostado á ombreira da porta, respondeu o Gonçalo com frouxidão :

— Nada ; tenho obra mais fina.

— Quem sabe si o senhor conhece o Bugre ?

— Pois que duvida !

— Será mesmo o durão que dizem ?

— E' conforme. Eu cá não conto com elle.

— Hunh !...

— O senhor bem podia nos dar alguma inculca do bicho ?

— Cá o amigo Chico é quem ha de saber por onde anda o cujo. Oh ! psio !...

— Nho Pinta... Ah ! Nho Gonçalo !

acudiu o Tinguá, querendo engulir as primeiras palavras escapas.

— Não sabe que rumo levou o Jão ?

— Tanto como mecê.

— Ora ande lá.

— Elle apparece aqui, e arrancha tal e qual como os outros ; não conta onde pousa ; nem a gente indaga da vida alheia.

— Pois tocava uma boa maquia a quem nos puzesse no rasto da onça. Cem bicos !

Nesse momento um bacorinho de pello ruivo, embetesgava com um trote miudo, mas ligeiro, pela cosinha, e atravessou toda a casa até a pousada, onde conversava a capangada. Ahi começou a fossar nas pernas do Chico Tinguá, que, arrancando-se á balorda posição, desfechou no importuno animal um pontapé.

— Arre, patife.

Deu-se por advertido o bacorinho, que immediatamente enfiou outra vez pela venda e foi sahir no quintal, onde poz-se a grunhir com o focinho ao vento, e os olhos na porta da cosinha.

— Pelos modos lá o homem de Campinas está com gana mesmo no Bugre? observou o Gonçalo que não tirava os olhos do Chico.

— Pudera não! Da maneira porque arranjou-lhe o pae!

— Xô!... Eh! baia!... xô!... Diabo de mula canhambola!...

Partiam estas vozes do vendelhão, que fazia um grande escarcéu com braços e pernas, afim de espantar uma besta muar que sua imaginação figurava estar furando a cerca do pasto, ao lado direito da casa. Entretanto o innocente animal

assim calumniado pelo dono restolhava pacatamente a gramma tosada, em companhia de uma porca e um bacorinho preto, de tamanho egual ao do outro.

Afinal atirou-se o Chico para a cerca, sempre a enxotar o burro e quebrando o canto desappareceu.

O Gonçalo, a quem não escapára esse manejo, ergueu-se prompto da mesa, e, correndo ao angulo da casa, observou o campo occulto pela quina da parede.

O bacorinho trotava pela vereda que ia dar ao matto, e seguindo-lhe as pegadas, o Chico Tinguá estugava o passo.

Riu-se o Gonçalo, e do terreiro disse ao Felipe:

— O patricio faz favor?

VII

O TRACTO

O tal Gonçalo era um valentão; e tinha-se na conta do mais façanhudo espoleta de toda aquella redondeza.

Não acreditava, porém, a gente do logar nas proezas de arromba, que blazonava o pábulo; nem tomava ao sério as roncas e bravatas com que andava sempre a azoinar os ouvidos aos mais.

Para dar á sua pessoa um tom ameaça-

dor e ao mesmo tempo disfarçar o senão do rosto, engendrára o Gonçalo sagazmente o apellido de *Sussuarana*, que a todo o instante atirava á barba dos outros, mostrando as pampas da cara.

Mas á excepção delle, ou de algum sucio que lhe fillava a pinga, ninguem o chamava pelo tal apellido: sinão pelo alcunha de *Pinta*, que lhe tinham posto para o distinguir de outro Gonçalo carafuz, tambem morador no logar.

Não aturava, porém, o valentão esse desaforo; e disparatava com quem o tractasse pelo alcunha. Para não se metter em rixas, evitava a gente de o chamar daquelle modo na presença, ainda que muitas vezes pelo costume lá escapava a palavra; mas o Gonçalo fingia não ouvir. Tambem, segundo contavam, já por vezes lhe tinham chimpado com o *Pinta* de pro-

posito e mesmo na bochecha, sem que elle respingasse.

Todavia o que mais amofinava o Gonçalo era a fama de Jão Féra, de quem invejava não só a força e valentia, como o apellido, que lhe grangeára sua malvadeza, o terror que inspirava aquelle nome, e até as mortes de que accusavam o outro e eram para elle façanhas de estrondo.

Chegava o zelo do valentão a ponto de consumir-se quando ouvia mencionar o Bugre como o maior criminoso de toda a provincia de S. Paulo. Muitas vezes em seu despeito encavacou seriamente: e andava pelas vendas e ranchos com a canceira de provar que elle Gonçalo Sussuarana merecia cem vezes mais a forca do que Jão; pois as perversidades commettidas por este eram travessuras de

creança comparadas com os seus espalhafatos.

O subdelegado sabia disso e fazia como o juiz de paz, a quem a lei o substituira. Deixava bem descançado de seu o Gonçalo Pinta, que assim podia a salvo gabar-se de ser um fama sem segundo na arte de matar gente.

Todavia emquanto vivesse Jão Féra, sabia o valentão que o nome deste havia sempre de ser o mais fallado e temido de toda aquella redondeza, e porisso o tinha em grande ogeriza, apezar do serviço, que lhe prestára o Bugre, havia annos, livrando-o de uma recruta que o levava prezo.

Já elle teria dado cabo do rival, si pudesse, mas como não se atrevesse a atacá-lo de frente, espreitava a occasião de atirar-lhe o bote certeiro, e desde muito rondava disfarçadamente pela venda do Chico Tin-

guá, que suspeitavam de ser o inculca e espia do capanga foragido.

Taes eram as disposições do Gonçalo quando chamou o Felippe para dizer-lhe em particular:

— O patricio quer mesmo pilhar o Jão Fera? perguntou elle.

— Mas de certo, homem!

— E não sabe onde elle se encafúa?

— Qu'esperança! Pois ainda estava aqui?

— E si eu lhe ensinasse a toca do bicho?

— Abra o preço, amigo.

— Duzentos bicos?

— Topado.

— Mas ha de ser com um ajuste.

— Diga lá.

— Isto fica entre nós dous só. Negocio de muitos não serve.

— E' assim mesmo.

— Pois então moita. Toca p'ra dentro, antes que os camaradas aventem. Olhe que o Tinguá é resabiado, hem! Vá andando por ahi fóra. Passando este morro, atraz do outro, ha um rancho. Eu já me boto p'ra lá. E' só emquanto avio aqui outro negocinho.

Este curto dialogo, travára-se no canto da casa, juncto da cerca, onde havia um grosso toco de arvore, denegrido pelo fogo da coivara que alli passára outr'ora. Ainda quando menos os preoccupasse o assumpto, difficilmente distinguiria qualquer dos interlocutores, alli a dous passos delle o vulto decrepito de um negro, arrimado a uma brecha da cepa carcomida com a qual se confundia, como o escorço de uma sapopema.

Seguiu Felipe o aviso de Gonçalo, e, pagando a despeza á Nhánica, mulher

do Tinguá, que fazia no balcão as vezes do marido, na ausencia delle, pôz-se a caminho com os companheiros.

Partiam elles por um lado, que do opposto avistava-se um cavalleiro a galope. Era o Barroso que descambando o outeiro, na rapida guenilha do castanho, veio parar á porta da venda.

— Já está por cá ? perguntou ao Gonçalo que o esperava no terreiro.

— Ora ! O milho que a mula comeu quando cheguei já teve tempo de grelar ! tornou o Gonçalo rindo-se da sua pilheria.

— Pois bom proveito lhe faça a roça !

Retorquindo assim ao Pinta, dirigiu-se o Barroso á vendeira :

— Quéde este homem ?

— Elle não está, nhor não !

— Onde foi ?

— Na villa, nhor sim.

— Quando volta.

— Volta logo.

— O deabo o leve e mais quem o ature.

Sahiu o Barroso da venda fumando e a respingar contra o Chico Tinguá que lhe havia pregado um famoso logro; qual fosse, não o dizia elle ; mas despicava-se em ferrar o dente no pobre do vendeiro.

— Que lhe fez cá o homem ? inquiriu Gonçalo.

— E' um refinado tractante, elle e mais o tranca do Jão Bugre.

— O patrão tambem tem negocio com esse damnado ? disse o Gonçalo.

— Pois o negocio era com elle; mas o patife não ata nem desata; e já a cousa me cheira á caçoada.

— Que quer ? O senhor foi se metter com elle: não tinha que ver !

— Então não é o que dizem ?

— Qual! Gabolice tudo! Não deixa de ser valente, lá isso é verdade. Mas onde vê, já o encostei, e só com este braço. Não é debalde que me chamam de *sussuarana!*

— Comtanto que me avie o deabo depressa.

—Não custa. E' só fallar; o mais fica por minha conta. Eu cá não sou lerdo como o Bugre. Ainda bem o ajuste não está feito, que eu já ando com a obra em meio.

— Pois vamos acabar com isto de uma vez.

Cavalgaram os dous de novo e seguiram pela estrada na mesma direcção que havia tomado pouco antes o Felippe com sua troça.

Neste momento o casco da cabeça do negro, lisa como um quengo, surdia por cima da velha cepa queimada, e dous

olhos que pareciam carbunculos, se alongaram pelo caminho além.

— Eh! branco mesmo! resmungou uma voz tropega.

VIII

NHÁ TUDINHA

Era pela volta das oito horas.

Nhá Tudinha entrava e sahia, andando de um lado para outro, na labutação do costume. Não por necessidade, que só por genio, vivia ella nessa continua lida caseira desde que amanhecia até o escurecer.

Tinha essa mulherzinha baixa e rolha tal prurido na pelle que não podia estar um momento socegada. Por força que se

havia de occupar com alguma cousa; e para que lhe rendesse a tarefa, muitas vezes desfazia o que já estava prompto; afim de ter o gosto de arranjar de novo.

Nunca sentia-se tão feliz e contente, como nos dias em que a apouquentavam de trabalho. Correr daqui para alli, revolver os cantos da casa, abrir e fechar portas, acodir da varanda á cosinha, e dar vasão a tudo; nisso consistia o seu maior prazer neste mundo.

Quem a visse naquella dobadoura da manhã á noite, ficaria admirado do seu ar lepido e agudo; pois de certo não se podia esperar semelhante volubilidade naquelle corpo rechonchudo, com suas perninhas curtas e socadas.

Achava-se então nhá Tudinha em uma de suas boas vezes. O S. João estava á

porta; e ella, que tinha e com muita razão o seu garbo de doceira afamada, por costume antigo se puzera na obrigação de mandar em dias de festa, mimos feitos, por suas mãos, no que estava o chiste, ás pessoas de amisade, cujo rol começava necessariamente pelo compadre Luiz Galvão, padrinho de Miguel.

Por isso já de vespera, andava ella ás voltas com o alguidar e o forno.

Sentada na varanda, sobre uma esteira, e rodeada de todos os petrechos, estava mui atarefada em anaçar ovos e amassar fubá mimoso para fazer as broas saborosas e os bolos de milho que ninguem preparava como ella.

Ajudava-a neste mister a Fausta, preta de meia edade. Eram, essa escrava e a casinha, os restos da abastança de que outrora gozára em vida de seu

finado marido, Eugenio de Figueiredo, companheiro e amigo de Luiz Galvão. Más colheitas e juros enormes, tinham consumido os modestos haveres.

Quando estava nhá Tudinha mais embebida em fazer um passarinho de biscoito, de repente lh'o arrebataram subtilmente da mão, e uma voz brejeira que arremedava tanto quanto podia o abocanhar de um cãosinho, gritou :

— Nháo!...

Voltou-se a rechonchuda mulherzinha debulhando-se em uma risada gostosa, porque adivinhava o auctor da travessura, que não era outra sinão a ardilosa da Bertha, em quem ella achava uma graça immensa. Não fazia a menina um tregeito, nem dizia uma facecia, que a viuva não se desfizesse em gargalhadas. Era a effusão de sua ternura pela pe-

quena. O coração de nhá Tudinha só tinha para exprimir o amor dous vocabulos, o riso, ou então o choro nos dias de tristeza e luto.

— Ai, menina !... Quiá !... quiá !... quiá !... Já se viu, que ladroninha ?...

— Uh ! pumbú !... dizia entretanto Bertha, beijando o biquinho da rôla de biscoito ; e accrescentou voltando-se para a viuva. Quer vêr como vôa ?

Começou então a traquinas a fazer voar o biscoito, no meio das cachinadas de nhá Tudinha, que de tanto se estorcer, afinal arrebentou o cós da saia.

Cançada Bertha, ou antes aborrecida daquelle brinco infantil, e curado o frouxo de riso da viuva, levantou-se esta para o almoço, que já estava posto á mesa, e frio de esperar.

— Que mãesinha má ! tornou Bertha

com faceirice. Fez tantos biscoitos e não me guardou um só !

— Pois então ! Não me deixaram sosinha ? Cuidei que não voltavam mais hoje. E o almoço esfriando !

— Bem bom ! Não queima a gente !

— E o outro ?... perguntou a rir a viuva. Por onde anda ?

— Quem sabe si perdeu-se ?... Coitadinho do Miguel !...

— Ai, que já não posso ! Quiá, quiá, quiá !... Mas você, aposto que foi vêr a Zana !

— Que tem ?

— Eu fico mesmo tão assustada quando Inhá vae para aquellas bandas ! Não é graça, não !

— Porque ?... Tem medo que o tutú me pape ? Elle que se metta em bolir comigo e verá ! Olhe, mãesinha, eu agarro-o

pelas orelhas, assim ; e metto-lhe um cipósinho, zas, zas, zas, que elle vae por ahi gritando, ui, ui, ui !...

Nova gargalhada de nhá Tudinha, que já sentada no banco juncto á mesa foi obrigada a erguer-se para apertar as ilhargas temendo estalassem com as embigadas que lhe fazia dar o frouxo do riso.

A esse tempo chegára Bertha á porta, e chamou o Braz, que se deixára ficar no meio do quintal, a alguns passos da casa, com os olhos fitos no logar onde sumira-se o vulto da menina a quem elle acompanhava.

Depois que Bertha com seu desvello e affago, dissipou os violentos paroxismos da convulsão, em que se estorcia o rapaz, e foi-se á crise acalmando, procurou ella adormecê-lo, cerrando-lhe docemente as palpebras.

Da posição em que estava juncto a tapera da Zana, descobria-se uma volta da senda tortuosa que enredava-se pelas faldas ensombradas de um serrote. Desde algum tempo seus olhos voltavam-se a espaços naquella direcção, e agora, a miude, com certa impaciencia.

Vendo o rapaz quasi adormecido, repousou-lhe a cabeça em uma leiva de gramma, e adeantou-se pelo trilho além, parando ás vezes, para depois continuar.

Havia andado já grande extensão, quando reparou que fazia-se tarde; e, malograda sua esperança, retrocedeu ao logar onde tinha deixado o Braz. Este porém já alli não estava: apenas se afastára a menina, que elle abrira os olhos, e agachado lhe seguira sorrateiramente e de longe os passos.

Quando viu o rumo que ella tomava,

um movimento de ira escapou ao monstrengo, que atirou ao vento os murros das punhadas convulsas, arquejando de raiva. Rastejou então como um reptil, por meio da relvagem, e sumiu-se nas entranhas da terra.

Mettêra-se elle em uma especie de fojo que tinha recentemente practicado em um barranco atufado de junças, e á cuja borda passava o trilho. Ahi cavava o chão, com as unhas aduncas, e como tomado de um frenezi; até que percebeu, por uma repercussão da cova, o passo de Bertha que voltava.

Vendo-o com as mãos cheias de terra, e a roupa suja do arrastar-se pelo chão, a menina o ralhou brandamente e conduziu-o á casa onde acabava de chegar.

— Venha almoçar! disse Bertha da porta.

— Não quero !

Esta resposta do menino, deu-a elle com sua falla particular, que era uma rouca explosão da voz, despedida em asperas e bruscas articulações, como o rugido de um animal, ou a blateração de um surdo mudo.

A quem não estivesse muito habituado com essa pronuncia desabrida e selvagem, seria impossivel discernir de prompto os vocabulos, pela velocidade com que eram arremessadas as syllabas incisas e truncadas.

Approximára-se nhá Tudinha com a curiosidade de ver a quem fallava Bertha, e como reconhecesse o menino, escapou-lhe um gesto de visivel repugnancia. Mas um olhar da menina bastou para apagar essa repulsa, e convertê-la em agasalho.

— Ande, Braz! disse a viuva com affabilidade. Tome uma cousa que lhe guardei.

Desta vez nem se deu o rapaz ao trabalho de responder com a voz. Fez uma careta má á nhá Tudinha, e voltou-lhe as costas.

— Braz!...

Nesse monosyllabo proferido por Bertha, com sua voz sempre doce e melodiosa, percebia-se uma vibração intima que destoava no meio daquella harmonia. Era como o brandimento da corda que estalava, ou como o aspero triscar do diamante no vidro.

Voltou-se Braz e veio docil e humilde, acompanhando a indicação do gesto de Bertha, collocar-se em frente della, que, depois de lavar-lhe as mãos, e cortar-lhe as unhas, o sentou a seu lado no banco da

mesa. Ahi tomou o prato, que lhe serviu ella, e comeu com uns modos commedidos, embora um tanto hirtos, que ia copiando da moça. Ninguem diria fosse este o mesmo lambaz, que na meza de Galvão mettia o queixo na chicara, deixava na toalha uma roda de sobejos, e lambusava a cara de sopa e manteiga.

Foi rapido o almoço.

Nhá Tudinha não tirava o sentido do forno onde assava um bolo de mandioca puba: além de que de prova em prova já petiscára seus biscoitos bons. Bertha, essa comia como um passarinho, aos beliscos. Antes de sahir de casa pela alvorada, tomára café; e de caminho trincára as roscas de gomma que levava para Zana.

O Braz tambem não tinha fome. O con-

strangimento, em que o punha a presença da menina e a sua fascinação, deviam de embotar-lhe o apetite insaciavel, com que de ordinario devorava quanto lhe deixassem.

IX

A LIÇÃO

Áquella hora da manhã, projectava a casa larga sombra para o outão voltado ao poente.

Nessa fresca penumbra, que recatava da estrada uma cerca de estacas de cambuys já enramadas, accommodou-se Bertha para passar a sesta, que se approximava. Dahi avistava-se por uma ogiva rendada que abria a folhagem em arabescos, o

caudal Piracicaba, adormecido no regaço da campina.

Sentára-se a menina em um pedaço de alto pranchão, que ahi tinham collocado para servir de banco; e suas mãos subtis e ligeiras tomavam o ponto ás meias, ou serziam e remendavam a outra roupa lavada, que precisava de concerto e enchia o balaio posto a seu lado na ponta do taboão.

Adeantando a sua tarefa diaria, que pelo habito já os dedos ageis faziam ás cegas e com uma presteza admiravel, escutava com attenção ao Braz, ajoelhado ao outro lado do balaio, na esteira de tabúa, que servia de tapete, ou antes de taboleiro para a roupa já concertada, afim de não misturar-se com a outra da cesta.

Com as mãos postas, e um modo sério

repetia o rapaz de cór a *Salve Rainha*, sem titubiar. Dir-se-hia que estava lendo no formoso semblante de Bertha por magica influição, aquellas palavras ignotas; tal era a fixidez da pupilla, e a absorpção de sua alma no hausto desse olhar.

Era sem duvida a primeira vez que o Braz dizia certa a oração, pois no gesto da menina, onde vislumbrara uma vaga inquietação, derramou-se grande contentamento pelo triumpho obtido sobre a fatalidade que encadeiava aquelle espirito bronco.

— Assim, Braz! disse a gentil mestra desfolhando-se, como uma bonina, em ledos sorrisos.

— Til contente? perguntou timidamente o rapaz, com certa brandura de voz, que desvanecia o tom brusco e explosivo.

— Muito!...

E a menina cingiu com o braço esquerdo a cabeça do rapaz, e a estreitou ao seio com effusão. O sentimento de bemaventurança que diffundiu-se pela physiognomia do idiota; o extase de felicidade, no qual se embeberam suas feições, sempre transtornadas pela imbecilidade, e agora concertadas por um placido sopitamento; essa elação ao toque da meiga caricia, não ha traços para a esboçar.

A transicção subita de um informe toro, em estatua acabada, sómente póde dar uma idéa da transfigurração, que um supremo gozo havia operado nessa infeliz creatura, cujo vulto decomposto e mal amanhado negava muitas vezes a fórma humana.

Esteve Bertha a espiar-lhe por entre os revoltos cabellos essa expressão ineffavel

do rosto que ella conservava unido ao seio; e de seus olhos um tanto amortecidos e brandos naquelle instante, manava uma ternura sancta e immensa, na qual resumbravam extremos da maternidade.

— Agora a *Ave-Maria!* disse Bertha affastando a cabeça do rapaz, e tornando á anterior posição.

Arrancado ao enlevo, como um galho decepado, que rola ao chão, ou como a lasca do penedo que se alteava no pincaro do alcantil e vae sumir-se no abysmo; sentiu o idiota romper-se-lhe o coração, e estalar com dores cruas e dilacerantes. Era a alma arremessada do céu ao barathro.

Foi muda porém essa angustia, que afundou-se pelo intimo, nos recessos insondaveis dessa consciencia vedada ao

mundo; e não reçumou um ai dos labios nem lentejou uma lagryma as palpebras. Os bolhões, que por ventura levantou lá nos mais escusos refolhos, como a rocha tombando nos pegos e tremedaes, só os denunciou a crispação pungente das feições.

Reparando naquelle espasmo doloroso, quasi arrependeu-se Bertha de haver quebrado ao pobre idiota o encanto em que o tinha. Mas o seu carinho, ameigando, não embotava comtudo as energias d'alma da mais fina tempera, que semelhante a lamina de aço, dobrava-se com a flexibilidade de uma fita de seda, mas tambem, quando brandida, cravaria o bronze, sendo preciso, como o buido fio de um estylete adamascado.

Naquelle instante ella era sobretudo mestra; ou mais do que mestra, pois não

ensinava sómente, sinão que tirava do cahos dessa animalidade confusa e revolta, o balbuciar de uma rasão sopita. Era quasi uma creação a obra sublime, a que se dedicava, de plasmar do monstrengo um ser humano.

— Reze!... insistiu Bertha com auctoridade.

Engalfinhou o rapaz outra vez as mãos e começou a recitar com a mesma concentração de espirito a *Ave-Maria*, passando successivamente ás orações do catechismo. Terminava a reza uma tenção particular, como si usa em muitas casas, e na qual se implora a protecção divina a favor das pessoas da familia, dos entes mais queridos.

Chegado a este ponto estacou Braz.

— Virgem Purissima.... proferiu a voz insinuante de Bertha.

Vendo pintar-se no semblante do idiota as vacillações da memoria prestes a apagar-se, articulava a menina mudamente as palavras, que se desenhavam em seus labios mimosas e fagueiras, donde o Braz as recebia como imagens a se reflectirem no espelho da alma.

— Virgem Purissima, Rainha do Céu, Bemaventurança nossa, Mãe de Jezus e dos afflictos, intercedei...

Aqui fez o menino uma reticencia, e fechando um instante os olhos para não vêr o rosto gentil da moça, que servia de pagina áquella supplica singela, terminou abrupto por um modo teimoso e rebelde :

— Intercedei por Til, só, só, só, só !... Til muito feliz ! Til muito bonita, muito tudo !...

Ressumbrou aos labios de Bertha um

meigo sorriso, que ella escondeu sob um gesto severo :

— Diga direito !

— Elle ruim... ella ruim !... Morde nelle... nos outros... Bem eu ?... tu só !

— Ha de querer bem a todos, Braz, que eu mando !

A expressão de rancor, derramada na feição do rapaz sublevou-se em assomos de furia selvagem. Parecia que desse bolonio informe e labrusco, surgira por extranha mutação uma vipera terrivel, que um instante subjugada pela fascinação, silvava de raiva e assanhava-se contra o encanto que a entorpecêra.

Erguêra, porém, Bertha a mão direita, e com o indicador fez ao rebelde um gesto de ameaça, estendendo a unha rosada quasi a cravá-la no meio do sobrolho espesso do idiota.

— Diga, sinão....

O confrangimento de uma vasca estampou-se na figura do infeliz; mas apezar, os dentes rangiam-lhe de cholera.

— Não sou mais Til! disse a menina lentamente.

Cahiu-lhe então aos pés, outra vez humilde e captivo, rojando como um verme, o misero idiota, de cujo corpo rompia em arquejos e contorsões, o pranto que não sabia exprimir como os homens em lagrymas e lamentos.

Acalentou-o Bertha, amimando-lhe as faces, e depois que o viu calmo, trouxe-o de novo á reza e o fez recitar a prece interrompida.

«— Virgem Purissima, Rainha do Céu, Bemaventurança nossa, Mãe de Jezus e dos afflictos, intercedei por meu tio, minha tia, e meus primos; por mim, por

Bertha e aquelles a quem ella quer bem, e fazei-nos á todos felizes. »

— Vamos á lição! disse Bertha.

Repetiu então o Braz de cór o abecedario e uma parte da carta de syllabas e nomes.

X

O IDIOTA

Tirando do balaio uma varinha de peroba em fórma de flecha, que lhe servia para esticar o panno, quando tomava o ponto ás meias ou serzia a mais roupa, Bertha começou a traçar no chão as lettras do alphabeto.

A' proporção que Braz acertava com o nome de cada lettra, a ia apagando a mestra gentil com a ponta do pé buliçoso e faceiro, para escrever outra e outra até o

fim do abecedario, como se costuma nas escholas sobre a ardosia.

O grande esforço, que faz o idiota para decifrar as lettras e syllabas, resalta-lhe do rosto contrahido. As feições de ordinario balordas e flacidas, como abandonadas á sua materialidade pela ausencia do espirito, as confrange neste momento a tensão violenta do bestunto porfiando romper a rija crosta que o empederniu.

Assim pasmam-se, em uma fixidez espantosa, as pupillas vagas e amortecidas; a belfa cahida sempre como a mandibula de um animal, a arreganhar a bocca, dava-lhe uma expressão lorpa; mas agora comprime fortemente o labio superior, e a ponto que rangem-lhe os dentes e nas ventas sibila o sopro da respiração offegante.

A's vezes parecia que, extenuado por

esse affan, o bronco entendimento do rapaz ia desfallecer e succumbir ; pois perpassava-lhe no semblante uma ancia repentina e seus olhos apagavam-se, como si a enorme cabeça vacillasse.

Nesses momentos de obliteração, porém, o doce olhar de Bertha sustinha aquelle espirito titubeante prestes a submergir-se nas trevas. Entrelaçando o rude labor da lição com sorrisos e meiguices, que orvalhavam a alma enferma do misero idiota ; a carinhosa mestra não só incutia-lhe o animo de perseverar no insano esforço, como illuminava com um vislumbre de sua alma a densa calligem daquelle cerebro granitico.

— Esta lettra, Braz !... Não se lembra ?... Olhe para mim, olhe bem ! O que estou fazendo ?...

— Rindo ?

— Então que lettra é?

— Erre ?... dizia o rapaz depois de lenta cogitação.

— Isso mesmo.

Outras vezes para dirigir o entendimento de Braz, e despertar-lhe a embotada reminiscencia, contava Bertha uma historia, imitava o canto de um passaro, ou inventava um brinquedo que suscitasse a noção esquecida.

Embora já tivesse Braz percorrido quasi toda a carta de leitura, de subito, e não obstante esse adeantamento, faziam-se em seu entendimento profundos eclypses. Dir-se-hia que apagava-se de todo o morno lampejo da intelligencia bruta; e que esse craneo vasado em molde humano descia abaixo de uma caveira suina.

Por isso Bertha o obrigava a repetir

constantemente tudo quanto já havia aprendido, no intuito de, á força de habito, por uma especie de attrito continuo, gravar-lhe profundamente no boçal engenho os rudimentos, que tinha ensinado com admiravel paciencia. Só de tal sorte conseguira ella inserir nessa bruta animalidade algumas idéas, que ahi permaneciam como inscripções lapidarias, abertas em lousa.

Era Braz filho de uma irmã de Luiz Galvão, a qual fallecêra tres annos antes, ralada pelos desgostos que lhe déra o marido, e pelo supplicio incessante de vêr reduzido ao lastimoso estado de um sandeu, o unico fructo de suas entranhas.

Quando morreu, já era de muito viuva a infeliz senhora; e, pois, com a sua perda, ficou Braz sem outro arrimo, a

não ser Luiz Galvão, seu tio e mais proximo parente, que o trouxe immediatamente para casa e desvellou-se como pôde, pela sorte da misera creança.

Comprehende-se quanto devia custar a d. Ermelinda, ciosa em extremo da morigeração de seus filhos, o receber no intimo seio da familia um menino até certo ponto estranho, e não só baldo de toda a educação, como incapaz de recebê-la. Mas compenetrára-se a digna senhora que seu marido, recolhendo o sobrinho orpham e servindo-lhe de pae, cumpria um rigoroso dever; e tanto bastou para que não suscitasse a menor objecção. Resignada ao mal inevitavel, socalcou sua repugnancia.

Sómente exigiu de Luiz Galvão, e isso o fez com auctoridade de mãe, que, recebido Braz e tractado como filho da

casa, se evitasse comtudo seu intimo contacto com Affonso e Linda, conservando-os, quanto possivel, alheios á existencia do primo, e impedindo o menor tracto e convivencia com elle.

Consentia d. Ermelinda em ser-lhe mãe e cercá-lo de toda a solicitude, apezar da natural repulsão que deviam causar á sua indole tão delicada os modos brutaes e parvos do idiota. Não lhe soffria porém o coração que seus filhos vissem nesse menino mal amanhado e grosseiro um camarada e um parente, quanto mais um irmão.

Apezar de convencido da inutilidade de seus esforços, não os poupava Luiz Galvão para reparar a desgraça do sobrinho ou pelo menos attenuá-la. Havia em Sancta Barbara uma aula publica de primeiras lettras, a qual ainda o vulgo

pelo costume antigo tractava de *eschola régia.* Servia de mestre um latagão de verbo alto e punho rijo, que fôra outrora ferrador e a quem chamavam Domingão.

Fiel ás tradicções da antiga profissão, entendia elle lá de si para si que um bom processo de ferrar bestas devia de ser por força excellente methodo de ensinar a leitura e a taboada: e fossem tirá-lo dessa idéa! Assim encaixava o abecê na cachola do menino com a mesma limpeza e promptidão com que mettia um cravo na ferradura. Era negocio de dous gritos, um safanão e tres martelladas.

Tal era o professor, a quem foi incumbida a tarefa de ensinar a lêr ao Braz. Depois dos tres primeiros dias de indulgencia, poz o ferrador em practica o seu methodo repentino, que desta vez, com pasmo seu, falhou completamente. «Nun-

ca, em sua vida, dizia elle, tinha encontrado um jumento de casco tão rijo. »

Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatoria de guaratan, e ferrou uma chuva de formidaveis carollos na cabeça do Braz; não conseguiu delle em um mez que repetisse o nome das tres primeiras lettras. Quando lhe puzeram nas mãos a carta pregada em uma taboa, o menino percorreu todos aquelles jerogliphos com olhos pasmos e botos, e só deu signal de attenção, em descobrindo o *til*.

Então expandiu-se-lhe o estupido semblante com um riso alvar, que estertorou na gorja, e, tomado por subita alacridade, elle, de ordinario soturno e pesado, começou a fazer tregeitos e gatimonhas ao pequeno signal orthographico, procurando imitá-lo a uma com os dedos, com

a bocca, e até com todo o corpo nos saltos extravagantes que dava pela casa.

Toda a eschola disparou a rir; e o mestre no primeiro momento não se pôde conter; mas logo refazendo a carranca magistral, pôz cobro ao escandalo.

Sem embargo, repetiu-se elle ao outro dia, e em todos que se lhe seguiram. Em appresentando-se a carta ao marmanjo, era a mesma indifferença para tudo, e a mesma festa grotesca ao til.

Com as mãos doídas das palmatoadas, e a cabeça empolada dos coques de régoa, fugia o pobre do Braz para o matto, onde ia descobri-lo o pagem, que diariamente o acompanhava pela manhã da fazenda á eschola e vinha buscá-lo por volta de uma hora da tarde.

XI

O ABECÊ

Em uma das escapulas que fez o Braz da eschola, succedeu encontrá-lo Bertha, acocorado entre o arvoredo, a soprar as palmas inchadas e rosnando contra o Domingão, a quem ameaçava de longe com murros ao vento.

Consolou-o ella e o levou comsigo até a casa para deitar-lhe pannos de agoardente nas mãos e distrahi-lo da exasperação em que o via.

De todas as pessoas que Braz encontrára nas Palmas, fôra Bertha a unica de quem não o affastara o seu natural bravio, nem a aversão instinctiva que lhe inspirava toda creatura humana com quem se achasse em contacto. A gratidão, que logo mostrára pelo modo compassivo e meigo da menina, redobrou com aquelle incidente.

Quiz Bertha, para livrar o pobre rapaz dos bolos e repellões do mestre, ensinar-lhe todas as manhãs a lição; e nesse designio preparou-lhe uma carta. Continuaram as scenas da eschola; e repetiram-se as visagens e gaifonas á vista do til; porém desta vez em maior escala, pela liberdade em que estava o parvalhão do rapaz. No seu affan de imitar o signal, que tanto lhe dera no gôto, virava cambalhotas, e corcoveava pela gramma.

Trabalhava a engeitadinha com toda a meiguice para applicar ás lettras o boto engenho daquelle orpham ainda mais que ella desamparado da fortuna. Vão esforço, em que, não obstante, porfiava com uma perseverança incrivel naquelles tenros annos, e em tão humilde condição.

De seu lado tambem não descoroçoava o Domingão de metter o abecê nos cascos do Braz, ainda que para isso fosse necessario abri-los de meio a meio:

— Burro! gritava elle com uma voz de trompa, esgrimindo a ferula. Ou te racho o quengo com este bodoque, ou pões em achas o guarantan!...

Afinal teve Bertha uma inspiração. Desenganada de obter que o menino pronunciasse ao menos o *a*, deixou-o lançar-se aos costumados esgares e gam-

bitos. Observando então o pobre sandeu com dó profundo, pensava ella que Deus, em sua infinita misericordia, concedia a essa alma tão attribulada e sempre confrangida por terrivel angustia, um breve intante de alegria.

Nisso o Braz pulando como um boneco de engonço, passava a ponta do dedo mui de leve pelas sobrancelhas negras de Bertha, por seus labios finos, pela conchinha mimosa da orelha ; e, apontando alternadamente para o til na carta do abecê, repinicava as risadas e os corcovos.

Illuminou-se de subito o coração de Bertha. A impressão estranha que no idiota produzira aquelle insignificante objecto, e cuja causa escapava á sua comprehensão, não era a trepidação de um raio, tenue embora, de intelligencia, que filtrava daquelle cerebro denso, como o

frouxo bruxoleio de uma estrella atravez do nevoeiro ?

A camada profunda que soterrava o espirito de Braz, tinha um intersticio por onde coava-se alguma chispa, que rareava as trevas carregadas dessa noite sem manhã. E por singular coincidencia o primeiro balbucio da intelligencia bota, se dirigia a ella, como o primeiro vagido da creancinha no berço chama pela mãe.

Ninguem sabe o que passou então no intimo de Bertha, que tinha suas venetas, e de quem se referiam casos que a gente velha do logar, e especialmente as pretas da fazenda, attribuiam a uma influencia mysteriosa e sobrenatural.

Associando-se á lembrança original do idiota, disse-lhe a menina, ajudando a

palavra com mimica expresiva, e apontando para a carta.

— Eu sou til!

Esteve Braz um instante pasmo e boquiaberto, sem comprehender, apezar da ancia com que labutava o seu obtuso engenho. Até que afinal bateu palmas de contente, e deitou a pular, regougando a sua parva risada.

— Eh!... eh!... eh!... Bertha, umh!.., Bertha, umh!...

Dahi em deante aquelle signal, que para o idiota era o symbolo da graça, da gentileza e do prazer, tornou-se a imagem de Bertha, e não se cançava Braz de o repetir, não por palavras, mas por acenos com os meneios mais extravagantes.

Dias depois, chamando-a elle pelo nome a menina respondeu-lhe:

— Não me chamo mais Bertha ; meu nome agora é Til.

— Hanh !... fez o idiota com essa interjeição, ou bocejo, que na sua bruta linguagem exprimia uma interrogação embasbacada.

— Til !... tornou Bertha com a pronuncia clara e vibrante.

Forcejou o infeliz para articular o monosyllabo; mas só a custo, e ajudado por Bertha, o conseguiu. Causou-lhe isso tão intenso prazer, que a todo o instante proferia o nome, e amiudando-o trinava com elle, a modo dos passaros, quando em seu crebro gorgeio repicam a mesma nota.

Assim identificada com a carta pela estranha affinidade que inventára a estultice do menino, Bertha rocobrou a esperança que já a ia abandonando.

Um dia, Braz com violento esforço e após funda concentração, arrancou dos beiços grossos e flácidos estas palavras truncadas :

— Braz... bem Til... muito... muito !...

Sorriu-se Bertha, e agradeceu-lhe com um carinho.

— E Til ?... interrogou o idiota com um olhar anciado.

— Til quer bem...

Com um repente, mostrou-lhe Bertha, a carta, pondo o dedo sobre o *a*.

— A este !...

Pela primeira vez reparou o rapaz na fórma da lettra, que se lhe gravou na memoria.

— Hanh ?... tartamudeou elle offegante.

— Affonso !

Arreganhou-se a estolida cara do idiota

na terrivel catadura de um sabujo em furor. Arrebatando o abecedario da mão de Bertha, despedaçou-o para arrancar o *a*, que trincou nos dentes com sanha.

A principio atemorisou-se a menina; mas logo, revoltando semelhante fraqueza as energias de sua alma, tranquillamente e com ar de indifferença observou aquella cholera brutal, que attingiu a maior exasperação.

Como si esperasse justamente esse momento culminante do accesso, chamou Bertha o idiota para juncto de si, com um aceno; e bastou-lhe pousar a mãosinha afilada sobre o hombro para applacar-lhe a exacerbação.

— Til gosta deste!

Estas palavras disse-as a menina mostrando com a unha rosada o *b*, e repassando-as de uma voz tão doce, que der-

ramou na alma ulcerada do misero um ignoto consolo. Voltou elle para Bertha os olhos baços, que illuminaram-se com um reflexo vitreo.

Comprehendeu Bertha a muda interrogação, e a satisfez.

— E' Braz!

— Til?... balbuciou a voz tropega, emquanto o dedo convulso apontava a lettra.

— Sim! disse Bertha.

Cahiu Braz em um novo accesso, porém este de alegria, que chegava ao delirio. Atirando-se ao chão, estrebuchou de prazer, soltando gritos descompassados e risos sibilantes, que mais pareciam guinchos de um animal bravio.

Assim em torno della, que era o til, Bertha foi engenhosamente agrupando todas as lettras do alphabeto, com os nomes das pessoas e objectos que a cer-

cavam. Pondo em jogo as broncas paixões do idiota, e colhendo os rudes germens de idéa que se formavam em seu bestunto, obteve ella afinal transformar a carta do abecê em uma familia, em um mundo, para a existencia enfesada dessa misera creatura.

Ao cabo de um mez, conhecia Braz todo o abecedario. Que inauditos esforços de paciencia, que sublimes intuições não foram necessarias para vencer esse impossivel !

Só Bertha o poderia conseguir. A fascinação que exercia sobre o idiota era uma sorte de encanto e magia. Sua vontade movia aquelle corpo, como si fosse o espirito que o animava. Braz sentia e pensava unicamente pela alma della, que lhe transmittia as impressões no olhar carinhoso, na voz suave, no sorriso fagueiro.

Dir-se-hia que se tinha operado a mysteriosa transfusão d'alma do anjo na grosseira bestialidade do monstrengo. Quando nos accessos epilepticos, estrebuchando o infeliz em medonhas contorsões, não bastavam as forças de tres homens possantes para sopear os impetos formidaveis, nem as mais energicas applicações para superar a crise violenta; o simples toque dos dedos de Bertha ou sua falla maviosa, subjugava aquelle furor, e applacava logo a horrivel convulsão.

XII

A COTIA

Percebendo que a fadiga abatia as forças de Braz, suspendeu Bertha a lição.

— Descance, agora!

Ajoelhado como estava, deixou-se Braz cahir sentado sobre os calcanhares; de corpo bambo, os braços pendurados, e o queixo cahido, quedou-se o estafermo em pasmatorio, com os olhos dormidos no gentil semblante de Bertha.

Occupada com sua tarefa, já não lhe

dava attenção a menina, cujo pensamento andava agora enleiado em outras scismas.

Nisso appareceu Miguel, que voltava afinal, e procurando Inhá pela casa veio sahir na porta do outão:

— Sempre chegou?... disse Bertha a rir.

— Não faço falta; respondeu Miguel com um motejo tristonho.

— Mecê está hoje tão macambuzio, nhô Miguel! replicou a menina galhofando com a intenção de desanuviar o semblante do moço.

— Nem sempre faz bom tempo! As vezes amanhece a gente com uma cara, que mette medo aos outros, e os obriga a se esconderem! Não é assim?

Com a allusão de Miguel atalhou-se Inhá, enrubecendo de leve, pois logo acodiu-lhe a sua graciosa petulancia:

— Ora que caçador!... exclamou a rir. Não deu com a pista!...

— Não quiz, e para não agoniá-la.

— A mim?

— Cuida então que eu não percebi desde muito tempo? Quando você vae ver a Zana, não gosta que ninguem a acompanhe!

— Ah! descobriu isso? Está muito adeantado! tornou Bertha com um modo agastado, e concentrando-se em sua tarefa.

— Zangou-se?

— Eu não ando espiando o que os outros fazem!

— Não faça caso do que eu disse, Inhá! Desculpe!... tornou Miguel enleiado e afflicto.

Bertha, de todo absorta no concerto da roupa, parecia ter esquecido a presença

do collaço, o qual a contemplava com um enlevo apaixonado, que rompia dentre a expressão abatida de sua figura. Pesaroso por ter offendido a menina, e acanhado com a presença della, queria fallar, e não achava palavra para desvanecer o enfado, que havia causado.

Braz, que desde a chegada de Miguel se agachára sobre as patas como um cão de fila, rosnava surdamente, saltando com o olhar do semblante de Bertha, ao vulto de Miguel; como si esperasse um gesto da senhora para filar a presa e abocanhá-la.

Os agastamentos de Bertha eram choleras de colibri, que tão depressa belisca e arrufa-se, como scintilla aos raios do sol, feito um rubim celeste.

A cabeça inclinada sobre a costura occultava-lhe o rosto que Miguel suppunha

fechado ainda pela zanga ; quando já dos cantinhos da bocca lhe estava borbulhando um sorriso zombeteiro que lhe salpicava as faces de petulante malicia.

Relanceando uma olhadella de soslaio, percebeu o pezar de Miguel e arrependeu-se de se haver agastado com elle ; mas conteve-se para fazer-lhe pirraça, e gozar por algum tempo ainda do enleio do moço.

Desde alguns instantes ouviam-se uns guinchosinhos, como de preá, mas abafados : e, apezar da curiosidade de saber donde partiam, a menina não levantava a cabeça.

— Aqui está o que eu lhe trouxe, Inhá, animou-se a dizer Miguel tristemente.

Mettendo a mão por baixo do palla, tirou uma linda cotia, que tinha as patas amarradas para não fugir.

Bertha apenas erguêra um canto da palpebra; mas foi bastante. De um relance pulou juncto de Miguel, arrebatou lhe a cotia, e cochegando-a ao seio, começou a alisar-lhe a pellucia dourada, amimando-a com os dengosos requebros e a garrulice carinhosa em que se expande a inexhaurivel sensibilidade da mulher, por tudo que é fragil, mimoso e delicado como ella.

Passado o primeiro affago, a travessa repartiu com Miguel as meiguices, não só por gratidão do mimo que lhe déra, como para mostrar que já não conservava a menor queixa delle.

— Coitadinha! exclamou ao vêr que o animal estava com as patas ligadas por uma fita de crautá.

— Olhe que foge! disse Miguel impedindo a menina de desdar o laço.

— Então você ha de fazer uma casinha para ella ! Tão bonitinha ! Que pello macio ; parece um velludo. E os olhos ? Tão lindos! Eu conheço uns olhos ternos assim ! Não se lembra ?

— Si me lembro ! atalhou Miguel com um tremor na voz : Pois não os estou vendo ?

Com sua volubilidade natural, já estava Bertha longe da pergunta que fizera, e, toda embebida de novo com a cotia, sentára-se para agasalhá-la ao collo.

— Onde apanhou ?

Teve Miguel de referir então a longa historia do como fôra o animal apanhado, os incidentes que tinham acompanhado a caçada, e muitas particularidades que Inhá desejava saber ; si a linda cotia ainda tinha mãe ; si já era era casada, e

deixára no matto algum filhinho; pois neste caso queria soltá-la.

Tranquilisou-a Miguel, asseverando que a cotia era solteirinha e vivia só, por terem as raposas acabado toda a familia, não tardando que lhe fizessem o mesmo a ella, pelo que era até um beneficio retê-la captiva.

— Ai, coitadinha! exclamou Bertha condoída, e conchegando outra vez o animalzinho ao seio. Veja lá, Miguel, você ha de fazer a casinha para ella, com porta e janella, e tambem um coche com seu bebedouro... E depressa que é para eu dar a Linda!...

Ao tempo que voltava Miguel o rosto para esconder a expressão de pesar que o tinha subitamente invadido; um grito de espanto partia dos lábios de Bertha,

Rapida como uma setta, a cotia fusilou

no ar e sumiu-se pelo matto. O Braz de quem os dous se haviam esquecido, se approximára rojando pelo chão como um reptil, e sem que o percebessem, acocorado junto á parede, gorgotava um riso sarcastico e manhoso.

Precipitou-se Miguel para castigar o idiota, que elle adivinhava ser o auctor da pirraça; mas Bertha, que lhe viu o impeto, se interpoz a tempo.

— Deixe, Miguel! exclamou ella; e voltando-se para o alarve, atirou-lhe apenas esta palavra:

— Lesma!

Como um novilho ferido pelo aguilhão, o idiota arremetteu pelo campo e desappareceu

— Si você não fizesse tão pouco caso do que eu lhe dei, aquelle brutinho não se havia de atrever.

— Oh ! Miguel, pois queria mais ?...

— Dando aos outros em vez de guardar para si ?

— Mas era para Linda ! atalhou Bertha com ingenuidade. Ella havia de ficar tão contente, sabendo que vinha de você !

Concentrou-se Miguel em um violento esforço, que lhe desmaiou o brilho dos grandes olhos e a côr das faces.

— E' tempo de acabar com este gracejo, Inhá. Além de minha mãe, eu lhe juro, que só a você quero bem ; mas você não se importa comigo ; portanto já sei o que devo fazer. Não hei de aborrecê-la mais.

XIII

A BOLSA

Naquella manhã Jão Fera sahira das brenhas, onde se acoitava, á mesma hora em que Bertha chegava á tapera, para vêr Zana.

Vinha o capanga sombrio e torvo mais que de ordinario, porém sobretudo absorto em funda cogitação, e tão alheio de si, que não se apercebia do logar por onde passava, nem dos objectos que o cercavam.

Devia ser poderosa a preoccupação que assim o demovia da habitual desconfiança, bem como das precauções, indispensaveis na sua condição de foragido, e reclamadas pela perseguição de que era alvo.

Assim não ouviu elle um ruido subterraneo, que resoou-lhe embaixo dos pés; ou, si ouviu, não fez reparo, attribuindo a algum animal, que estivesse a abrir a toca.

Era o Braz, o qual antes de approximar-se da tapera, onde encontrára Bertha, alli andava cavando com a apá, achada no esqueleto de um burro, a terra que tirava com as mãos e o chapéu.

Havia nesse logar uma pequena estiva, feita sobre um socavão pelos antigos moradores do sitio, para serventia da roça. Com a ruina da casa, desappareceram as plantações, e do caminho só restava

aquelle carreiro, e o aterro que ahi tinham posto.

Aproveitando-se da configuração do terreno, gizára Braz com instincto perverso aluir as ribanceiras do grotão, para que altando apoio ás extremidades da estiva, um dia se abatesse ella com o peso de Jão Fera, que rolaria pelo barranco abaixo.

Mal ouviu reboar um passo forte, deitou o idiota a cabeça fóra, e verificando que era o proprio capanga quem passava, arreganhou-lhe os dentes o riso crú e aparvalhado, que frequentemente vinha aos labios do homunculo, como uma bolha de pez á ferver.

Entretanto proseguia lentamente Jão Fera seu caminho; sinão que ao passar perto da tapera, e como subitamente arrancado aos pensamentos que o tomavam, manifestou seu gesto, á vista da casa em

ruinas, uma especie de terror e espanto, que o fez accelerar o passo e affastar-se quasi em fuga.

Sabia o capanga que áquella hora costumava Bertha apparecer na tapera onde tantas vezes a tinha encontrado, e era della que fugia, della a quem não se animára a revêr desde a scena da asinhaga no dia da tocaia.

Quando tres dias antes partira espavorido daquelle sitio ao vêr o relicario de que Bertha lhe offerecêra o cordão de ouro, corrêra por algum tempo sem consciencia de si, mas acossado por uma lembrança que o pungia, como o aguilhão da motuca no lombo do tapir.

Recobrada a calma, achou-se á borda da estrada, que em sua carreira por dentro do matto elle perlongára sem o sentir. Soava perto um tropel de animaes,

e Luiz Galvão appareceu na volta do caminho. Seguindo pela trilha batida na orla da estrada, o animal ia passar rente com o capanga, occulto pela cepa de uma gamelleira.

Foi um momento de collisão para Jão Fera. Ahi estava ao alcance do braço, e á mercê de um movimento seu o cumprimento de sua palavra, que elle não podia doutro modo libertar. Mas o olhar scintillante de Bertha, e o gesto de seu desprezo, se debuxavam ainda ao pensamento do facinora como um anathema.

Luiz Galvão passou incolume; e Jão Fera encaminhou-se á venda do Tinguá.

Esperava-o ahi o Barroso, que mal avistou-o no terreiro do rancho, logo sahiu-lhe ao encontro, impaciente de receber a nova.

— Arrependi-me! disse-lhe o capanga

seccamente e com um olhar de chumbo.

— Hunh !... exclamou o outro azoado com a palavra.

— Não se fez nada.

— Porque ?

Podia o capanga arranjar uma desculpa ; mas repugnava-lhe a mentira.

—Não quiz ! respondeu laconico.

— Está galante a embroma ! rascou o Barroso com rinchavelho de cholera. E vem dizer-me isto com toda a frescura !... Mas a culpa tenho eu em fiar-me num tratante da sua laia.

A ultima palavra não a acabou de proferir, que dum revez da mão o capanga o lançou ao chão, calcando-lhe a alpercata ao peito. Viu elle descer ameaçadora a coronha do bacamarte e fechou os olhos. O bugre ia esmigalhar-lhe a cabeça, como se faz com um reptil.

— O que te vale é estar eu em divida comtigo. Mas o S. João não tarda; e até esse dia duma ou doutra fórma hei de desempenhar minha palavra. Então ajustaremos esta conta.

Affastando de si o corpo do miseravel com a ponta do pé, entrou na venda, para beber um martelinho de cachaça. Debalde o Chico Tinguá quiz tirar conversa; o taciturno capanga, na introversão d'alma, nem se apercebia da presença do amigo.

Onde e como obter a somma necessaria para resgatar sua palavra, elle que só conhecia um meio de ganhar dinheiro, e nunca tivera outra profissão a não ser a de matador?

Sem aquella quantia, como livrar-se do empenho que tomára, sinão dando conta da tarefa, e incorrendo portanto no des-

prezo e aversão de Bertha, que jamais lhe perdoaria?

Eis a ancia em que se debatia a alma de Jão Fera.

Apoz longa obsessão, ergueu-se impellido por uma idéa, que de repente acodira, e sem despedir-se partiu. Sahido ao terreiro, no logar onde a pouco se encontrára com Barroso, seus olhos baixos deram com um objecto, que lhe causou reparo. Era uma bolsa de couro, e parecia recheiada de moedas.

— Oh! Chico!

Acodindo o vendeiro, Jão empurrou com a coronha do bacamarte a bolça:

— Guarda isto para entregar áquelle safado!

Não tinha andado cem braças o capanga, quando ouviu os psios do Tinguá, a chamá-lo. Era o caso que sentindo o

Barroso falta da bolsa, voltára por ella, justamente quando o vendeiro entrava para guardá-la; e, sabendo que a achára o capanga, deixou-lhe uma moeda de alviçaras, talvez com esperança de aplacá-lo. Para entregar essa gorgeta corrêra o Chico ao alcance de Jão.

— Toma para ti. Eu não acceito dinheiro de semelhante peste.

E sem mais foi-se.

Pouco além, ganhando um atalho para desviar-se da estrada, lobrigou ao longe um vulto entre a folhagem.

Era um mascate, dos muitos que percorrem a pé os circuitos das cidades do interior, onde se demoram semanas a vender pelas fazendas e arraiaes.

Descançava, á sombra de uma arvore, da excursão que já tinha feito naquella manhã, e da qual lhe surtira bom lucro,

pois estava elle entretido em contar os miudos, que tirava da algibeira da borjaca. Collocando-os, uns sobre outros, formava os massos de dez, aos quaes ia accommodando em uma grande carteira de marroquim azul, aberta deante delle sobre a gramma, e já bem fornida de notas.

Ao lado, estava a malleta de joias e miudezas, que elle costumava trazer ás costas, presa por uma correia, e um grosso bordão ferrado, que servia ao seu braço musculoso, não só de arrimo á fadiga, mas de arma formidavel para a defeza.

Muito embebido estava o italiano em seus calculos, pois não percebêra a approximação de Jão Fera, que em pé atraz do tronco, e a dous passos delle, o tinha em seu poder.

XIV

DESENCARGO

Na posição em que se achava Jão Fera, bastava-lhe carregar a mão sobre a nuca do mascate para subjugá-lo, sem que este pudesse fazer ou siquer tentar a minima resistencia.

Entretanto pela mente do capanga, desse homem feroz que se fizera instrumento de odios e vinganças alheias, nem de longe perpassou a idéa de que tinha alli á mercê da vontade e ao alcance do

braço, uma quantia superior áquella de que necessitava para desempenhar sua palavra, e pela qual dera de bom grado alguns dias de vida.

Bem diverso foi o pensamento que lhe suggeriu o inesperado encontro.

— Este tem de sobra, bem podia me emprestar! murmurou comsigo.

Ja promovia o passo afim de apparecer ao mascate, quando foi tolhido por um receio, que o estacou. Sua presença imprevista, naquelles ermos e em semelhante occasião, devia necessariamente sobresaltar o italiano, que sem duvida se julgaria ameaçado, e o tomaria, a elle Jão Fera, por um ladrão de estrada.

Tanto bastou para que o capanga sem mais demora se retirasse com todas as precauções de modo a não presenti-lo o mascate; e, chegado que foi a al-

guma distancia, affastou-se rapidamente daquelle logar.

Nos tres dias que decorreram desde então, debalde engendrou Jão Fera meios de obter a somma precisa. Frustraram-se todas as esperanças, uma apoz outra.

Jogou e perdeu os magros cobres que tinha. Alguns ajustes entabolados falharam: porque o genro que desejava aliviar-se do sogro, e o cafelista a quem azoinava um visinho resiguento, tinham resolvido esperar pela mudança da politica, para com mais segurança aviarem esse negocio.

Um tigre que descêra do sertão destruia o gado de uma fazenda proxima, cujo dono promettêra boa recompensa a quem o matasse. Botou-se para lá o capanga; mas já a onça acoçada por outros caçadores se havia retirado.

Afóra estes, não imaginava Jão Fera outros meios de ganhar dinheiro sem humilhação. O trabalho, ellè o tinha como vergonha, pois o poria ao nivel do escravo. Prejuizo este, que desde tempos remotos dominava a caipiragem de S. Paulo, e se apurava nesse homem, cujo espirito de sobranceira independencia havia robustecido a lucta que travara contra a sociedade.

Era a enchada para elle um instrumento vil: o machado e a fouce ainda concebia que os pudesse empunhar a mão do homem livre; mas em seu proprio serviço, para abater o esteio da choça ou abrir caminho atravez da floresta.

Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam deante delle o

mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negocios particulares. Das poucas palavras que apanhára, percebeu Jão Fera que destinavam elles uns cincoenta mil réis, tudo quanto possuiam, á compra de mantimentos, afim de fazer um moquirão, com que pretendiam abrir uma boa roça.

— Mas chegará, homem ? perguntou a velha.

— Ha de se espichar bem, mulher !

Uma voz os interrompeu :

— Por este preço dou eu conta da roça !

— Ah ! é nhô Jão !

Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que promettia. Acceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o logar que estava destinado para o roçado.

Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensilios a enchada, a qual elle esquecêra um momento no affan de ganhar a somma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-o embasbacado.

Na manhã em que estamos sahira o capanga de seu escondrijo resolvido a lançar mão do meio que reservára para a ultima extremidade. Affastando-se das ruinas para evitar um encontro com Bertha, chegára a um sombrio raleiro do matto, onde retouçava o bacorinho ruivo.

Enxotado por Jão, o animalzinho desappareceu, e antes de meia hora estava de volta precedendo a trote miudo o Chico Tinguá.

Pensou lá comsigo o vendeiro, apezar

do chamado, que o mais urgente era avisar o capanga do que tramavam contra elle; e pois foi logo contando quanto ouvira pouco antes.

Riu-se o Bugre.

— Deixá-los!

— Mas o arengueiro do Pinta metteu-se de sucia com elles; redarguiu Chico; e não é de bom que o demonio me anda a cheirar cá pelo rancho a uns tempos. Agora mesmo quando vim, lá me ficou espiando!

Jão Fera encolheu os hombros com um ar desdenhoso.

— Escuta, Chico, isto é negocio sério. Has de ir agora mesmo á fazenda do tal Aguiar. Diz-lhe que elle perde seu tempo em estar offerecendo contos de réis a quem me agarrar. Si quizer, que te entregue cincoenta mil réis, e sou capaz

de ir lá á fazenda uma tarde que elle marcar depois de S. João. Dou minha palavra.

Olhou-o Chico espantado e quiz objectar.

— Vaes ou não? atalhou Jão com o tom decisivo.

O vendeiro abaixou a cabeça e partiu. Vendo-o desapparecer, dirigiu-se o capanga para a casa de nhá Tudinha, e já a pedaço occulto entre a ramada, estava de longe observando Bertha, quando Miguel se retirou despeitado, deixando só a collaça. Nessa occasião animou-se elle a transpôr a orla da matta; a menina o viu e adivinhando que lhe queria fallar, foi a seu encontro.

O olhar de Bertha era uma interrogação instante e cheia de inquietação. Não se encontrára com o capanga, desde

que este fugira da volta da Ave Maria, sem fazer-lhe a promessa que ella exigia.

— Agora posso desempenhar minha palavra, e não me importarei mais com o Galvão; disse o capanga cabisbaixo e humilde.

Estremeceu Bertha, pensando no perigo que até aquelle instante corrêra o pae de Linda.

— Obrigado, Jão! disse Bertha com effusão sincera.

Nem lhe occorreu, fosse o que ella agradecia, dadiva de um assassino, que lhe cedia uma existencia, como um artigo de seu barbaro trafico.

— Mecê está contente? perguntou animando-se o capanga.

— Muito, muito, Jão!

— Então... me deixe...

A voz do capanga balbuciou, e por fim gelou-se nos labios tremulos e lividos.

— O que é? insistiu Bertha. Falle, não tenha susto. Quer que eu faça alguma cousa por você?

— Sim!

— Pois diga.

Com um violento esforço arrancou o capanga estas palavras tropegas:

— Beijar o bentinho.

Sorriu-se Bertha, e com um gesto gracioso tirou do seio o relicario pendente como a cruz do cordão de ouro, e, erguendo-se na pontinha dos pés, o deu a beijar, preso como estava ao pescoço.

Jão Fera roçou os labios pela reliquia, e, sem força para erguer a cabeça bamba, com o corpo balordo e o passo tropego, cambaleando como um ébrio, affastou-se

da menina, sem animo de pôr os olhos no semblante della.

— Está embriagado! pensou Bertha com indignação que se pintou em sua physiognomia.

Mas já a caridade vibrava as cordas mais suaves de sua alma, e o primeiro assomo de severidade se affogava nos effluvios de uma compaixão inexhaurivel.

— Coitado! murmurou.

A blateração do Braz a sorprehendeu nesse instante. Voltava com a roupa em frangalhos, a cara arranhada de espinhos, as mãos escoriadas, os cabellos emmaranhados de gravetos, e todo elle coberto de pó ou lama. Trouxera presa uma cotia, que fôra caçar para Bertha, em troca da outra.

Quando a ia entregar á menina, vendo

a repulsão que se desenhava no lindo semblante, e, adivinhando a causa, o idiota soltou a sua bestial interjeição, apontando para o vulto de Jão Fera.

— Hanh! hanh!...

Tinha o idiota a attitude e o gesto do mastim que interroga o olhar do senhor, e com um latido surdo pede-lhe que o estume contra o inimigo.

XV

TRAMA

Era vespera de S. João.

Na fazenda das Palmas, desde muito cedo que se faziam os aprestos para a festa daquella noite de folguedos. Já o pateo estava enramado de coqueiros ; e no centro erguia-se uma pilha de lenha para a fogueira fatidica.

Nhá Tudinha se installára na cozinha. Cercada de uma multidão de caçarolas, frigideiras, gamelas, alguidares e latas,

a repolhuda comadre repimpava-se no cepo do pilão, para distribuir suas ordens pelas raparigas; mas não se podia ter que não saltasse logo do seu pedestal, e accudisse aqui e alli, em toda a parte, com um azafama crescente, o que fazia dizer á creoula Rosa, em aparte ao Faustino:

— Gentes! Esta mulhezinha tem bicho carpinteiro.

D. Ermelinda abdicára naquelle dia em nhá Tudinha o governo da cozinha e dispensa para occupar-se exclusivamente com a recepção dos hospedes que eram esperados a tarde.

Depois do almoço, Linda e Bertha com os braços entrelaçados pelas cinturas, desceram ao terreiro por uma das escadas lateraes e depois de percorrerem as ruas de coqueiros e o pavilhão de folhagem que tinham arranjado ao redor da foguei-

ra, foram abrigar-se do sol na horta á sombra de uma latada, onde podiam conversar á vontade.

Linda parecia triste. A proxima festa, longe de enflorar, lhe desfolhava o brando e mavioso sorriso. Como o dourado insecto que se esconde entre as petalas da rosa, havia um segredo a suspirar nesses labios mimosos.

— Esta noite as moças ficam sempre tão contentes! disse a menina em tom de suave queixume.

— E você, tornou Bertha com um sorriso.

— Eu não!

— Porque, Linda?

— Todas têm uma pessoa que pense nella.

— Então você não tem? perguntou Bertha com um doce remoque.

Linda abanou a cabeça melancholicamente.

— E Miguel ?

— Elle não gosta de mim ! suspirou a menina com o labio balbuciante, e uma lagryma a tremer na palpebra.

Respondeu-lhe Bertha com uma fresca risada, que debulhou mesmo nas faces da amiga, como os bagos nacarados e saborosos de uma romã.

— Olhem que sonsinha !...

— Nunca mais lhe direi nada, Bertha ! accudiu Linda,resentida do modo por que recebêra a amiga sua confidencia.

— Pois, menina, você tem lembranças, que a gente não póde mesmo deixar de rir-se. Então Miguel não gosta da senhora ? Era preciso que elle não tivesse olhos para vêr essa carinha de feitiço.

— Ha outra que elle acha mais bonita !

— Outra?.. Qual? perguntou Bertha de todo confusa.

— Esta, que elle vê a todo o momento! replicou Linda, affagando o semblante da amiga com um gesto de triste resignação.

De novo desparou Bertha a rir com a lembrança da amiga.

— Ai, que ciumenta, Jesus!

Retiniu perto o grito aspero do curiau. No meio do silencio que reinava naquelle sitio, como era natural, excitou esse brusco rumor a attenção das duas amigas, e arrancou-as á anterior preoccupação. Bertha sobresaltou-se com a lembrança de que ouvira o mesmo apito no dia da tocaia.

Conteve-se receiando assustar Linda; mas, apesar da promessa que lhe fizera o Bugre, estremecia com a idéa de que

Luiz Galvão devia chegar de Campinas naquella manhã, e talvez ao passar na volta da *Ave-Maria* fosse victima do assassinato que ella uma vez impedira. Em falta de Jão Fera, a occulta vingança que ameaçava a existencia do fazendeiro, teria procurado outro instrumento.

— Vamos ao mirante, Linda? O sr. Galvão não póde tardar.

— Papae só chega ao meio dia; respondeu a moça erguendo-se para acompanhar a amiga.

Na occasião em que as duas atravessavam a horta, um vulto se esgueirando por detraz dos pecegueiros, passava a cerca e sumia-se no cannavial. Bertha que o viu nessa occasião, e apenas de relance, inquiriu de Linda para certificar-se.

— Não é o Faustino aquelle?

A filha do Galvão, distrahida, de nada se apercebêra.

Não se enganára Bertha. Era de feito o pagem Faustino, que sahira de casa sorrateiramente para accudir ao grito do coriau, signal combinado com o Barroso. Atravessando tres ou quatro talões do cannavial, foi elle surdir justamente no logar onde anteriormente, no dia da partida de Luiz Galvão, estava de espreita o Monjolo.

Era um sitio escuso e safaro; ficava embaixo de uma barranca, escondido pelo massiço do cannavial e pelo matagal embastido que já invadira o vallado.

Ahi estavam Barroso e o Monjolo, ambos com o ouvido á escuta de qualquer rumor que lhes annunciasse a chegada do pagem. O branco descançava encostado á barranca; o negro estava

acocorado como gambá, juncto a uma casa de cupim.

— Então o diabo chega, ou não chega? disse o Barroso ao Faustino mal lhe pôz os olhos.

— Não tarda; antes do meio dia está ahi, sim, senhor; respondeu o pagem.

— Eh! eh!... fez o Monjolo.

— Vem mesmo?

— Si vem!...

— Pois então, esta noite é o batuque. Estão ouvindo?

— Monjolo já está sacudindo, sim senhor! disse o africano fazendo geito de saracotear.

— Tomára eu vêr a dansa! accudiu o pagem.

— Olhem lá! Cuidado em trancar a negralhada no quadrado, sinão está tudo perdido.

— Isto é com Monjolo!

— Monjolo arranja tudo, deixa estar.

— Quando estiverem bem seguros é só dar o signal, que o fogo rebenta cá no cannavial. O diabo corre para accudir; e ahi você, rapaz, tranca tambem a gente da casa, a mulher e os filhos, e espera, que eu não tardo, para arranjar a historia. Ouviram bem?...

— Não tem duvida! disse o Faustino.

— Você que é mais ladino, explica bem áquelle pae.

Riu-se o Monjolo, com uma expressão bestial que parecia confirmar o dito.

— Mas... replicou o Faustino. Eu cá é com a condição que o senhor sabe. Eu, forro; a Rosa, para mim; e o mulato surrado como canhambola.

— Pois está entendido! disse o Barroso. Foi o ajuste.

Fuzilou uma chispa na rubida pupilla do africano.

— E tu, paesinho?

— Monjolo não quer nada, sinão gimbo muito para comprar fumo e cachaça.

— Fica descançado.

Separaram-se os cumplices. O pagem voltou á casa, Monjolo á roça, e Barroso foi junctar-se á pouca distancia ao Gonçalo Pinta, que o esperava com dous animaes á dextra.

Apenas se desvaneceu o rumor dos passos, que um galho marcho atirado a um canto da barranca se agitára, descobrindo a bocca de um covão, talvez de tatú canastra, de onde sahiu de rojo meio corpo do Braz.

Daquelle escondrijo, a que se accolhêra para o não soprehenderem, ouvira o idiota a machinação do Barroso, e, facto incrivel,

a comprehendêra, ou antes a sentira, porque não fôra pela razão, mas por uma sorte de faro moral, que recebêra essa percepção.

Adivinhára a intenção dos cumplices, como o animal carniceiro conhece o designio do caçador e o acompanha para approveitar dos despojos das victimas.

Um riso, que resumbrava brutal crueldade, arregaçou-lhe os beiços estupidos.

XVI

PAE QUICÉ

Sentado o Braz num torrão de argila, que esbroára da barranca, entregou-se a uma singular occupação.

Tirou do seio um embrulho de folhas de inhame, onde prendêra uma boa porção de gafanhotos, que poucos momentos antes apanhára a devorarem um arbusto. Espetando cada qual em um espinho de jussára, fincou-os no chão, deante de si, até o numero de seis.

Terminada esta operação, começou o sandeu a ranger os dentes, espumando de raiva, e ameaçando os insectos com os punhos crispados. Emquanto se desarticulava nessa furiosa gesticulação, escapavam-lhe dos labios sons estranhos e guturaes como o grunhido de um porco, ou o ganir de um cão.

As pupillas vitreas, esbugalhavam-se com as contorsões da furia brutal que lhe contrahia os musculos faciaes. Eram as phosphorecencias de um odio violento, que illuminavam de reflexos lividos esse olhar, de ordinario morno e fusco.

Afinal tomado de um accesso de ira, saltou o idiota sobre uma pedra, e com ella esmagou freneticamente, um a um, todos os seis gafanhotos. Não contente com este supplicio, ainda por cima trincou nos dentes a cabeça daquelles que

tinham sido poupados por seu açodamento.

Offegante, exhausto pela violencia das emoções, mais do que pela exerção das forças physicas, prostrou-se por terra e ahi ficou por algum tempo arquejando.

Era o desgraçado menino um extranho aborto da natureza. De todo bronca e estupida, tinha comtudo essa monstruosa organisação bem vivo e patente o instincto do mal. Parecia que o aleijão, privando-a da alma racional, não reduzira só o homem á condição de bruto, mas o tinha logo demudado em féra.

Até conhecer Bertha, o unico vestigio humano que havia nessa bestialidade, era o odio. Aborrecia a toda a creatura racional, talvez por uma confusa percepção de sua deformidade e estupidez.

Depois que o desvello da menina lhe

inspirára a furia amorosa, transformára-se em profundo rancor a repugnancia que elle sentia por todos; e tal fôra o choque produzido por estas paixões, que accendeu uma scentelha nas trevas daquelle espirito embrutecido.

Desde então houve nessa animalidade um impulso que não era idiota; e foi o odio. Estupido em tudo, parvo até nos impetos da cega dedicação que votava a Bertha, mostrava para o mal uma astucia e perspicacia admiravel. Incapaz de conceber uma idéa; machinava pacientemente uma vingança terrivel. A' subtileza do reptil venenoso, reunia a sagacidade do guará.

Os insectos figuravam as pessoas que mais odiava, e a quem ruminava exterminar, espreitando a occasião de levar ao cabo a feroz machinação. Emquanto não

chegava o momento, divertia-se com aquelle sinistro folguedo.

Sorprehendido quando chegava ao sitio habitual, e obrigado a esconder-se, ouvira a trama do Barrozo, que o alegrou a principio, porém agora o contrariava pelo receio de perder a sua maldade.

Sacando do socavão um pedaço de arco de barril que afilára a ponto de torná-lo em punhal, occultou-o no bolço do jaleco; depois do que desappareceu um instante do lado do brejal, e voltou com um sapo que atirou juncto ao buraco da casa de cupim, debruçando-se em cima della, á espreita.

Immediatamente ao grasnido do amphibio, appareceu no buraco a enorme cabeça de uma cascavel, que fitou no sapo a pupilla scintillante. Desde muito tempo cevava aquella serpente, que entrava no

seu plano. Com uma forquilha, da posição em que estava, facilmente conseguiu prender a cabeça da vipera e agarrando-a pelo collo sem importar-lhe a sanha com que ella silvava, estorcendo a cauda e açoutando-lhe o rosto, deitou a correr por dentro do cannavial.

Chegado que foi juncto á casa, trepou a uma jaboticabeira para alcançar o peitoril da janella, cuja vidraça estava erguida, mostrando entre as cortinas de cassa uma linda cama de mogno coberta por colcha de damasco azul, um toucador, guarda-vestidos e outros moveis da recamera de uma senhora.

Era a alcova de Linda. A mão perversa do idiota arremessou a cobra, que foi cahir justamente sobre a cama e depois de aplacada a furia, encolheu-se entre as rendas dos travesseiros,

com a pupilla em sangue e o bote armado.

Acabava o idiota de preparar assim o primeiro acto da obra de exterminio, que elle ruminava em sua feroz estulticia, quando o fez estremecer a voz de Bertha que se encaminhava para a alcova.

Luiz Galvão havia chegado. Ao avistá-lo as meninas tinham descido do mirante a correr para chamar d. Ermelinda e irem ao encontro do fazendeiro. Tambem acodiram para tomar a bençam ao senhor os escravos empregados no serviço domestico, e alguns dos que não trabalhavam na roça, mas andavam por perto nas tulhas e fabricas.

Entre estes distinguia-se um invalido, curvado como um arco de pipa, com a cabeça lisa como um kengo, e o queixo fino como uma faca desdentada ; pelo que

o chamavam de pae Quicé. Era elle um dos favoritos de Bertha, que tòdos os domingos lhe dava um vintem para fumo.

Depois de salvar ao senhor, pae Quicé que ainda não tinha visto Bertha naquelle dia fez-lhe muitas festas como sempre, e começou a costumada e interminavel lenga-lenga, com que a menina muito se divertia.

Bertha era curiosa, e pois gostava de saber de tudo quanto se fazia ou fallava por aquelles arredores. O negro velho que não tinha outra cousa para dar á sua gentil protectora, trazia-lhe quanto mexerico e historia ouvia pelas vendas, onde graças á liberdade de traste inutil, passava a maior parte do tempo.

— Nha moça, sabe? Aquelle homem muito máu, que mata gente, o Bugre que foi aqui da fazenda ?...

— Que tem? perguntou Bertha, cuja attenção foi excitada.

— Vão prender elle.

— Quem te disse?

Contou o negro velho o que ouvira ao Gonçalo juncto á venda do Chico Tinguá, e o mais que dos ditos de outros e de sua propria astucia colhêra posteriormente. Era naquella tarde que o Pinta ficára de guiar Felipe ao escondrijo do Bugre.

— E você sabe onde elle está? perguntou a menina com vivacidade.

— Sabe, sabe; Quicé sabe.

— Onde é?

— Quicé mostra o caminho.

— Pois vae indo que eu já te apanho.

Este rapido dialogo travára-se no meio do terreiro. Entrando em casa, viu Bertha a amiga na sala e perguntou-lhe:

— Onde deitou meu chapéu, Linda?

Foram estas palavras que estremeceram Braz, e ainda mais quando ouviu a resposta de Linda.

— Em cima de minha cama.

Apoderou-se a vertigem do idiota, que tombou da arvore ao chão.

FIM DO SEGUNDO VOLUME